

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO E DOUTORADO**

**ALEXIA FAGUNDES DE LARA**

**NÃO É BRINCADEIRA: RELATOS DE VIOLÊNCIAS VELADAS E MANIFESTAS  
SOFRIDAS POR PROFESSORAS EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR**

**PONTA GROSSA  
2023**

**ALEXIA FAGUNDES DE LARA**

**NÃO É BRINCADEIRA: RELATOS DE VIOLÊNCIAS VELADAS E MANIFESTAS  
SOFRIDAS POR PROFESSORAS EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR**

Dissertação apresentada à banca examinadora, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG.

Orientadora: Profa. Dra Marcela Teixeira Godoy

**PONTA GROSSA  
2023**

L318 Lara, Alexia Fagundes de  
Não é brincadeira: relatos de violências veladas e manifestas sofridas por professoras em uma instituição de ensino superior / Alexia Fagundes de Lara. Ponta Grossa, 2023.  
118 f.

Dissertação (Mestrado em Educação - Área de Concentração: Educação), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Marcela Teixeira Godoy.

1. Assédio moral. 2. Assédio sexual. 3. Violência - gênero. 4. Professor - ensino superior. I. Godoy, Marcela Teixeira. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Educação. III. T.

CDD: 305.48



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR - <https://uepg.br>

## TERMO

### ALEXIA FAGUNDES DE LARA

#### **NÃO É BRINCADEIRA: RELATOS DE VIOLÊNCIAS VELADAS E MANIFESTAS SOFRIDAS POR PROFESSORAS EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientador (a): Dra. Marcela Teixeira Godoy - UEPG (Presidente)

Dra. Bettina Heerdts - UEPG

Dra. Lia Maris Orth Ritter Antikeira - UTFPR



Documento assinado eletronicamente por **Marcela Teixeira Godoy, Professor(a)**, em 08/12/2023, às 15:51, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Bettina Heerdts, Professor(a)**, em 08/12/2023, às 16:04, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Lia Maris Orth Ritter Antikeira, Usuário Externo**, em 08/12/2023, às 16:13, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **1738375** e o código CRC **38EC7297**.

Dedico este trabalho àquelas que de alguma maneira sofreram caladas, que a liberdade seja um caminho sem volta.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, que embora, pequena, também é imensa. À minha mãe, Elisandra, meu irmão, Matheus, e meu companheiro de vida, Saldanha. Ao meu pai, Alexsandro, e irmãos, Rafael e Gabriel. Vocês me motivam e inspiram a cada dia.

Expresso minha gratidão à minha avó Nilce, que foi para mim uma fonte de inspiração como mulher. Valorizo as conversas que tivemos sobre a vida, e lamento o desejo de que estivesse aqui para compartilhar este momento comigo. A senhora faz muita falta.

Agradeço à companhia maravilhosa das minhas dogs, Gamora e Biju, companheiras fiéis, por estarem sempre ao meu lado nos momentos de escrita. Vocês são verdadeiramente especiais, e minha gratidão é imensa.

Agradeço aos meus amigos, Biuk, Vitória e Fred por estarem comigo nos momentos de luta e de glória.

Agradeço à minha orientadora, a prof.<sup>a</sup> Dra. Marcela Teixeira Godoy, por toda sensibilidade, carinho, desorientação, simplicidade, pelos momentos únicos de muito aprendizado e risadas. Essa trajetória foi mais leve com você.

Agradeço à CAPES pela concessão da bolsa de nível de mestrado.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e ao dedicado corpo docente por sua notável contribuição em meu percurso acadêmico.

Agradeço aos meus colegas de mestrado, Andréia e Crisóstomo, por todo apoio e conversas durante esta etapa.

Agradeço à banca examinadora, prof.<sup>a</sup> Dra. Bettina Heerdt, Prof.<sup>a</sup> Dra. Lia Maris Orth Ritter Antikeira e professores suplentes, pelo aceite, contribuições e sensibilidade.

Agradeço profundamente a todas as autoras e autores que constituem a base teórica deste trabalho.

Expresso minha profunda gratidão às professoras participantes desta pesquisa por compartilharem informações tão sensíveis. Seus discursos não apenas enriqueceram este estudo, mas também proporcionaram uma fonte inestimável de reflexões profundas.

Agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, foram essenciais para a minha trajetória até aqui. Seja por apoio emocional, orientação, incentivo ou colaboração. Essas conexões e interações foram fundamentais na construção do caminho que percorri, e reconheço sinceramente a importância única de cada uma.

“Eu posso até rir/  
Enquanto você conta uma piada que era minha/  
Uma ideia que era minha/  
Você descobre as coisas que eu já disse/  
Que eu já disse quatrocentas vezes/  
Às vezes eu te odeio muito, às vezes/  
Quem sabe eu tô naqueles dias/  
Acho que tô naqueles dias/  
Alimentando a fantasia/  
De que ao falar farei justiça/  
Se eu falo é me desculpa/  
Se eu falo é com licença/  
Se eu falo é obrigada/  
Pois aproveitando essa hemorragia/  
Vou me dar o luxo de ser verborrágica/  
Com você não basta que eu seja prática/  
Você não sustenta um raciocínio lógico/  
E eu já não suporto te explicar o óbvio/  
Você finge me tratar como igual/  
Mas seu arroto é pura condescendência/  
Não, eu não quero me acalmar/  
Eu não preciso de um tempo/  
Eu na verdade sei que não adianta esse lamento/  
Você não vai se apurar/  
Não importa quanto tempo passe/  
Meu sexo sempre é um impasse/  
É a razão pra me acusar/  
Que é por isso que eu sô histérica/  
Eu não sô histérica, eu só tô histérica/  
Que é por isso que eu sou neurótica/  
Eu não sou neurótica, eu só tô neurótica/  
Que é modinha eu ser selvática/  
Meu bem, eu sempre fui selvática”  
Falo - Banda Carne Doce

## RESUMO

LARA, A. F. **Não é brincadeira: relatos de violências veladas e manifestas sofridas por professoras em uma instituição de ensino superior.** Orientadora: Marcela Teixeira Godoy. Ponta Grossa, 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2023.

A presença e a participação feminina no ambiente universitário são um acontecimento recente, mas que hoje reflete avanços significativos, como a representatividade em áreas de estudos, ocupação em posições de liderança, cargos de prestígio, desenvolvimento de produção científica, entre outros tantos progressos. No entanto, ainda persistem desafios e obstáculos que atravessam a questão de gênero, afetando a experiência de ser e estar na universidade. Além de ocorrer situações em que as mulheres são subestimadas e desencorajadas, também são alvos mais frequentes de assédio moral e sexual no contexto universitário. A partir disso, o objeto desta pesquisa são as violências que as professoras de ensino superior vivenciam e/ou enfrentam no ambiente acadêmico. Face ao referencial teórico a pesquisa tem como objetivo geral identificar a presença e, se for o caso, mapear as diferentes formas de violência presentes no discurso das professoras de ensino superior. Como objetivos específicos apontam-se: a) Revelar as principais condições as quais as professoras de ensino superior estão submetidas, considerando as diferentes violências sofridas; b) Demonstrar por meio dos dados o *modus operandi* cometidos contra as professoras de ensino superior. O posicionamento epistemológico desta pesquisa será o crítico analítico partindo da visão de Mainardes (2018), uma vez que, será apresentada a integração entre teoria e dados, bem como uma análise crítica e interpretativa dos achados de pesquisa. Os pressupostos teóricos utilizados na pesquisa terão embasamento nos estudos de Gayatri Spivak (2010), Mary Del Priore (2014), Rebecca Solnit (2017), Angela Saini (2018) e Gerda Lerner (2019). O campo de pesquisa é uma universidade pública do estado do Paraná. Optamos pelo instrumento de coleta de dados na forma de entrevista semiestruturada, realizadas com seis professoras da graduação em licenciatura em Ciências Biológicas de uma universidade pública do estado do Paraná. Foi criado um instrumento analítico a partir dos discursos das entrevistadas. Os resultados obtidos fornecem algumas evidências de que a violência contra as professoras, não se limita as formas explícitas, engloba manifestações veladas, também revela a presença contínua de estruturas patriarcais, por meio de atitudes machistas, misóginas e estereotipadas. Entre outras considerações, o estudo aponta para a necessidade de as instituições de ensino superior adotarem políticas de combate a violência de gênero, a conscientização sobre o impacto do machismo e a implementação de mecanismos efetivos para enfrentar os casos de violências e discriminações.

Palavras-chave: Assédio moral; assédio sexual; violência de gênero; professoras de ensino superior.



## ABSTRACT

LARA, A. F. **It's not a joke: accounts of veiled and overt violence suffered by female professors in a higher education institution.** Advisor: Marcela Teixeira Godoy. Ponta Grossa, 2023. Dissertation (Master's in Education) – State University of Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2023.

The female presence and participation in the academic environment are a recent event, but today it reflects significant advances, like the representativeness in studies, leadership positions, prestige positions, development of scientific production, amongst many others advances. However, challenges and obstacles that cross genre persists, affecting the academic experience. Besides situations that women are underrated and discouraged occur, they are frequent targets for moral and sexual harassment in the university. From this, the goals of this study are the violences that professors in higher education experiences and/or faces in the academic environment. Towards the teoretical framework the study has the general objective identify the presence and, where appropriate, map the differents types of violence present at the speech of the higher education teachers. The specific goals are: a) Reveal the main conditions to which higher education teachers are subjected, considering the different violence suffered; b) Demonstrate through data the modus operandi committed against higher education teachers. The epistemological positioning of this research will be the critical analytical one based on the view of Mainardes (2018), since, the integration between theory and data will be presented, as well as a critical and interpretative analysis of the research findings. The theoretical assumptions used in the research will be based on studies of Gayatri Spivak (2010), Mary Del Priore (2014), Rebecca Solnit (2017), Angela Saini (2018) e Gerda Lerner (2019). The research field is a public university in the state of Paraná. We opted for a data collection instrument in the form of a semi-structured interview, carried out with six undergraduate professors in Biological Sciences at a public university in the state of Paraná. An analytical instrument was created based on the interviewees' speeches. The results obtained provide some evidence that violence against teachers is not limited to explicit forms, it encompasses veiled manifestations, it also reveals the continuous presence of patriarchal structures, through sexist, misogynistic and stereotypical attitudes. Among other considerations, the study points to the need for higher education institutions to adopt policies to combat gender-based violence, raise awareness about the impact of machismo and implement effective mechanisms to face cases of violence and discrimination.

Keywords: Moral harassment; sexual harassment; gender violence; higher education teachers.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – DADOS DO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES (2010-2023) .....	20
QUADRO 2 – DADOS DO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES (2010-2023) .....	21
QUADRO 3 – DADOS SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE (SCIELO) (2010-2023) .....	23
QUADRO 4 – DADOS DA <i>SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE (SCIELO)</i> (2010-2023) .....	26
QUADRO 5 – DADOS DA BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD) (2010-2023) .....	27
QUADRO 6 – DADOS DA BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD) (2010-2023) .....	29
QUADRO 7 – UNITARIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO INICIAL (MÉTODO INDUTIVO) .....	71
QUADRO 8 – UNITARIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO INICIAL (MÉTODO INDUTIVO) .....	74
QUADRO 9 – UNITARIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO INICIAL (MÉTODO INDUTIVO) .....	78
QUADRO 10 – UNITARIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO INICIAL (MÉTODO INDUTIVO) .....	82
QUADRO 11 – UNITARIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO INICIAL (MÉTODO INDUTIVO) .....	88
QUADRO 12 – UNITARIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO INICIAL (MÉTODO INDUTIVO) .....	92
QUADRO 13 – CATEGORIZAÇÃO FINAL E AGRUPAMENTO DE SEMELHANÇAS TEMÁTICAS CONTEXTUAIS .....	98

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AM	Assédio Moral
AMH	Assédio Moral Horizontal
AMVA	Assédio Moral Vertical Ascendente
AMVD	Assédio Moral Vertical Descendente
ATD	Análise Textual Discursiva
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CFESS	Conselho Federal de Serviço Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituições de Ensino Superior
ONU	Organização das Nações Unidas
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
TST	Tribunal Superior do Trabalho

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 A QUESTÃO DO GÊNERO E AS VIOLÊNCIAS CONTRA A MULHER .....</b>	<b>19</b>
1.1 REVISÃO DE LITERATURA .....	19
1.2 GÊNERO E PODER .....	38
1.3 DESIGUALDADE DE GÊNERO: AS FACES VELADAS NA GERAÇÃO DE VIOLÊNCIAS .....	43
1.4 MACHISMO, SEXISMO E SILENCIAMENTO DAS VOZES FEMININAS .....	48
1.5 A OUTRA DA OUTRA .....	51
<b>CAPÍTULO 2 O STATUS DE PODER NA ACADEMIA .....</b>	<b>55</b>
2.1 COMPREENDENDO OS TERMOS MANSPLANING, MANTERRUPTING, BROPRIATING E GASLIGHTING: DINÂMICAS DE GÊNERO E PODER .....	55
2.2 ASPECTOS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO .....	57
2.3 ASSÉDIO MORAL E SEXUAL NO AMBIENTE ACADÊMICO .....	59
<b>CAPÍTULO 3 CAMINHOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>67</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	67
3.2 O CAMPO E SUJEITOS DA PESQUISA .....	67
3.3 PROCEDIMENTOS ÉTICOS E PRODUÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA .....	67
3.4 INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DOS DADOS .....	69
3.5 ORGANIZAÇÃO DOS DADOS DE PESQUISA .....	69
3.6 ANÁLISES E DISCUSSÕES .....	71
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>102</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>103</b>
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA .....	109
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	115
ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA .....	117

## INTRODUÇÃO

Antes de entrar no mérito da pesquisa, farei algumas considerações a respeito da minha trajetória pessoal e acadêmica, neste texto inicial, meu propósito é compartilhar as razões e motivações que levaram à abordagem da presente pesquisa. Compartilho com você que está lendo, uma breve parte sobre aquilo que pode ser considerado uma “ameaça” para algumas pessoas, principalmente, aos familiares.

O ano de 2019 representa um ponto de virada significativo em minha vida, pois foi quando tomei consciência de diversas questões, sim, aquelas que são difíceis de mexer, mas decidi expor ao reconhecer a relevância do tema, e porque hoje me sinto fortalecida.

Em 2019, tive o primeiro contato com o projeto de extensão “*O que você estava vestindo*”, coordenado pela professora Marcela. Esse projeto tem como objetivo documentar os relatos e as roupas das vítimas de violência sexual, contando com a participação de diversos profissionais que atuam na linha de frente desta causa.

Refletindo sobre o passado e pensando agora ao escrever, reconheço que as informações sobre o tema, assim como os próprios relatos me levaram a encarar algo que sempre evitei, mas que, de certa forma, foi essencial enfrentar. Ao me deparar com essas questões, ressuscitei lembranças que estavam enterradas em minha memória, e eu jamais pensei que um dia isso me libertaria. Embora tenha sido desafiador enfrentá-las expressei minha imensa gratidão à professora Marcela pela dedicação e iniciativa em abordar um tema tão necessário, se hoje me sinto fortalecida, em grande parte, reconheço à sua contribuição nesse processo. Além disso, esse envolvimento direcionou o desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso na graduação, intitulado “Violência sexual e popularização da ciência”.

Como coloquei anteriormente, serei breve, mas a verdade é que durante todo esse processo tive experiências permeadas por desafios, de muita luta, mas o mais importante para te dizer é que a sensação de não estar presa à família, é uma delícia. Essas vivências adversas foram um impulso para eu chegar até aqui. A busca por compreensão e mudanças, inspirada pela reflexão sobre minha própria vida e a de outras mulheres ao meu redor, considero que hoje alinham-se com a abordagem proposta por bell hooks em “Ensinando a Transgredir”. Ao entender a teoria como uma prática libertadora, enxerguei na pesquisa um caminho para compreender não apenas o que acontece ao meu redor, mas também o que se passa dentro de mim. A dor, como nos relata bell hooks (2013), pode ser um catalisador para a busca de compreensão e transformação.

Assim como bell hooks (2013), chego à pesquisa para compreender e aprender, mas também busco um local de cura para algumas dores que carrego, e isso tem acontecido. Ao me aproximar dos conhecimentos de hooks, percebo que o entendimento do meu próprio lugar no mundo estava intrinsecamente ligado à compreensão das dinâmicas de violência presentes em diferentes esferas da minha vida. A violência no ambiente familiar, um espaço que deveria ser de acolhimento e segurança, emergiu como um primeiro passo de reflexão. Assim, essa dor, moldada pelas violências na família e pelos silenciamentos que marcaram minha trajetória, evoluíram para um processo de investigação, neste caso, voltada para a esfera acadêmica.

Portando, considerando todo este percurso, no ano de 2022, surge a decisão de explorar as violências contra as professoras no ensino superior. Ao alinhar pontos de vista com a professora Marcela, identificamos a oportunidade de contribuir para a compreensão e possivelmente a transformação desse cenário, dando voz às experiências frequentemente veladas das professoras.

Ingressando no mestrado, percebi que o comprometimento com a pesquisa sobre violências contra a mulher implica em esforços para romper com o silenciamento que permeia tantos aspectos da vida das mulheres. O comprometimento com essa pesquisa vai além da mera busca por conhecimento, é uma resposta ao chamado de bell hooks e de tantas outras vozes que clamam por uma teoria que transcenda os limites acadêmicos e se torne uma prática libertadora. Assim, minha aproximação com a pesquisa sobre as violências veladas e manifestas contra a mulher em uma instituição de ensino superior reflete a busca por compreensão, justiça e, esperançosamente, por transformação. Afinal, como hooks (2013) nos lembra, a teoria pode ser um espaço de cura, um instrumento poderoso para enfrentar as dores que nos assolam e, por meio desse processo, encontrar um caminho para a emancipação.

Partindo para a pesquisa propriamente dita, historicamente, as instituições de ensino superior refletem práticas, estruturas e culturas arraigadas ao patriarcado. A herança desse sistema, se traduz em desigualdes de gênero, promovendo barreiras para ascensão das mulheres no ambiente acadêmico. Por muito tempo percepções equivocadas, mitos e violências foram repercutidos acerca da capacidade das mulheres.

Cotidianamente as mulheres sofrem violências, sejam elas explícitas ou implícitas, um recorte acerca dessa realidade diz respeito a desigualdade de gênero legitimada por meio de instituições políticas, econômicas, sociais e/ou no âmbito familiar. Tratando-se de um produto histórico, as relações de gênero patriarcais foram incorporadas à nossa civilização como um sistema de dominação descrito desde o período colonial (Del Priore, 2014).

Del Priore (2014) fornece informações sobre as mulheres que foram submetidas à escravidão, destacando que enfrentaram as violências inerentes às relações sociais predominantes, forçadas a trabalhar sob condições desumanas, sujeitas a sofrimentos físicos e mentais, além de serem vítimas de abuso sexual por parte dos chamados “patrões”, que as tinham como propriedade.

Apesar de terem ocorrido algumas mudanças, não houve uma superação completa. Atualmente, as mulheres não apenas enfrentam as opressões da época passada, mas também são vítimas de outras formas de violência, que persistem em sua maioria de maneira complexa e multifacetada.

Tendo em vista que a problemática da violência sexual no Brasil só começou a ser reconhecida como uma preocupação pelos defensores dos direitos humanos a partir da década de 1980 (Azevedo e Guerra, 1995), a violência sexual se apresenta como uma das formas mais antigas de violência de gênero, ultrapassando barreiras culturais e sociais, afetando pessoas de ambos os sexos e de todas as faixas etárias, sendo as mulheres as principais vítimas (Raimondo, 2015). Os casos de violência sexual revelam um sério problema de saúde pública, embora ainda sejam subnotificados. A consciência sobre os impactos é essencial para que medidas eficazes sejam tomadas para redução dos casos.

Sabe-se que a problemática da violência de gênero reforça a posição subalterna das mulheres em diversos âmbitos, como o econômico, político, social, cultural, educacional, entre tantas outras categorias (Spivak, 2018). Ao reconhecer essa questão, torna-se evidente a contínua perpetuação do sistema patriarcal na sociedade contemporânea, sendo urgente discussões acerca das condições de vida das mulheres.

As margens de uma sociedade, machista, opressora e misógina, é necessário entender as particularidades que envolvem a questão do poder, a construção do corpo enquanto condição sexuada configurando normas de visão e divisão sexualizante de valores. (Bourdieu, 2003). Assim, por meio do contexto histórico, serão discutidas questões que sustentam as interações entre poder, violência e gênero, visto que vivemos sob a perpetuação de uma dominação patriarcal que produz vulnerabilidades e subordina as mulheres.

Considerando os apontamentos supracitados, e acerca da existência de distintas práticas discursivas que as relações de poder incidem sobre o corpo da mulher, o objeto desta pesquisa são as violências que as professoras de ensino superior vivenciam e/ou enfrentam no ambiente acadêmico. E a questão problemática da pesquisa é: Quais são as violências que as professoras de ensino superior vivenciam e/ou enfrentam no ambiente acadêmico?

Face ao referencial teórico a pesquisa tem como objetivo geral identificar a presença e, se for o caso, mapear as diferentes formas de violência presentes no discurso das professoras de ensino superior.

A partir da principal questão problemática da pesquisa, foram desencadeadas outras questões norteadoras a serem respondidas nesta pesquisa, sendo: Quais as principais condições as quais as professoras de ensino superior estão submetidas, considerando as diferentes violências sofridas? Quais dados indicam o *modus operandi* cometidos contra as professoras de ensino superior?

Na busca de responder tais questões, apontam-se os seguintes objetivos específicos: a) Revelar as principais condições as quais as professoras de ensino superior estão submetidas, considerando as diferentes violências sofridas; e b) Demonstrar por meio dos dados o *modus operandi* cometidos contra as professoras de ensino superior.

Nosso posicionamento epistemológico será o crítico analítico partindo da visão de Mainardes (2018), uma vez que, será apresentada a integração entre teoria e dados, bem como uma análise crítica e interpretativa dos achados de pesquisa. Em se tratando dos pressupostos teóricos utilizados, não há a intenção de engajamento exclusivo com uma única autora, uma vez que o escopo da violência contra as mulheres abrange contribuições de diferentes referenciais feministas que tratem das questões das diversas violências, como a seguir:

Serão utilizados os aportes teóricos de *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil* (Del Priore, 2014), que traz referências sobre as distintas atribuições para a construção e vigilância dos corpos, os princípios do masculino tidos como valor fundamental, o controle social que impõe, reprime e reproduz violências aos corpos femininos. Também serão considerados os apontamentos do livro *Lugar de Fala* (2019), da autora Djamila Ribeiro, sua abordagem ressalta a questão das mulheres negras experimentarem a opressão de maneiras distintas, um lugar onde o ser mulher é movido por uma sociedade desigual, racista e sexista.

Em “*Os homens explicam tudo para mim*” (2017), a autora estadunidense, Rebeca Solnit, evidencia os problemas da cultura patriarcal, as diferentes manifestações de violências contra a mulher, silenciamento, descredibilização, misoginia, sexismo, agressão física, verbal e a morte.

O mesmo poder que, no discurso não educado e nos atos físicos de intimidação e violência, e com muita frequência na maneira como o mundo é organizado, consegue silenciar, apagar, aniquilar as mulheres, como pares, como participantes, como seres humanos com direitos - e, tantas vezes, como seres vivos (Solnit, 2017, p. 27).



Entendemos que, para esse trabalho, os ganhos com a utilização dos estudos decorrentes das leituras sobre várias estudosas, são maiores que as possíveis perdas decorrentes do engajamento a apenas uma teórica.

De acordo Mainardes (2018), nota-se, uma tendência para a perspectiva do pluralismo epistemológico, visto que serão utilizadas de maneira consciente e reflexiva, ideias de diferentes teorias feministas, as quais serão articuladas para constituir o, quadro teórico desta pesquisa.

De que lugar penso essa relação com as epistemologias feministas? Do lugar de mulher e pesquisadora, que busca pela igualdade dos direitos e dedica-se de maneira política e intelectual contribuir com o avanço do conhecimento.

A realização de pesquisas a respeito da temática feminista é muito importante para que sejam compreendidas as opressões que ainda atravessam o gênero, evidenciar as diversas experiências vivenciadas pelas mulheres ao longo da história que marcam o corpo e a sexualidade, assim como, movimentar estratégias para desconstruir determinados conhecimentos instaurados nas epistemologias.

Moreira (2003) em seus estudos emprega o termo de consciência semântica, isso significa que trabalha-se com a história que se traz, ou seja, enquanto pesquisadores não estamos separados da pessoa que produz determinada pesquisa. Desse modo, o posicionamento, enfoque e perspectivas, refletirão, em alguma medida, a visão sobre o mundo.

As discussões acerca do patriarcado constituem um movimento amplo nos estudos feministas. Nesta pesquisa, caminhamos juntamente com as contribuições das autoras Gayatri Spivak (2010), Mary Del Priore (2011), Rebecca Solnit (2017), Angela Saini (2018) e Gerda Lerner (2019), as quais abraçam a questão, ao demonstrarem sensibilidade às necessidades de mudanças neste fenômeno que tem historicamente silenciado, reprimido e matado as mulheres.

De acordo com Bourdieu (1996, p. 22), a violência simbólica é “uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e, frequentemente, daqueles que a exercem na medida em que uns e outros são inconscientes de a exercer ou a sofrer”. A dinâmica deste tipo de violência paira, sobretudo, nas universidades, tendo em vista os diversos casos de assédio moral e sexual que ocorrem dentro da própria sala de aula, laboratórios, atléticas e espaços no entorno do campus.

Ao considerarmos as questões anteriores, nos apoiamos nos conhecimentos da autora Gaytri Spivak (2018), que identifica a situação em que mulheres pertencentes a grupos subalternizados, tais como as mulheres negras e indígenas, caracteriza um grupo que enfrenta desafios ainda maiores durante a vida, uma vez que, os pequenos benefícios conquistados

institucionalmente, tal como, o acesso a educação, agregam majoritariamente as mulheres em posições privilegiadas dentro da sociedade.

Portanto, a questão que norteou essa pesquisa foi: “Quais são as principais formas de violência enfrentadas por professoras no contexto universitário, e de que maneira essas violências impactam em seu bem-estar e desempenho profissional?”.

Tendo em vista a problemática do assédio moral e sexual no ambiente acadêmico, ao realizar a revisão de literatura foram encontradas determinadas lacunas que direcionam caminhos para futuras pesquisas, bem como permitem fazer reflexões e questionamentos sobre o tema do assédio. Dentre elas, a escassez de estudos que abordam sobre o tema do assédio; as pesquisas encontradas em sua maioria enfatizam informações sobre o assédio moral, abordando de maneira superficial sobre o assédio sexual; apenas uma pesquisa foi realizada diretamente com professoras, porém estas lecionam no município (Santos, 2021).

Dantas (2018) e Martins (2019) verificaram que as instituições de ensino superior na maioria das vezes não atuam de forma efetiva para buscar alternativas que minimizem os atos de assédio moral e sexual. Outro aspecto observado por Vásquez (2019) e Maito, Pinto e Vieira (2022) diz respeito a percepção e o reconhecimento do assédio por parte das vítimas, existe uma real dificuldade em identificar e entender principalmente o que se caracteriza como um ato de assédio moral. A invisibilidade e naturalização do assédio, compromete a identificação, o enfrentamento, sobretudo, a denúncia.

Os procedimentos metodológicos da pesquisa são de natureza qualitativa, exploratória e descritiva (Gil, 2009; Flick, 2009). A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada com seis professoras do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de uma Universidade Pública do estado do Paraná.

Esta pesquisa está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo, “A questão do gênero e as violências contra a mulher”, está delimitado em cinco seções. Na primeira seção consta a “Revisão de literatura”. Na segunda seção “Gênero e poder”, serão utilizados os fundamentos dos estudos de Gerda Lerner (2019), a qual discute as origens, causas e efeitos do patriarcado. A terceira seção, “Desigualdade de Gênero: as faces veladas na geração de violências, uma discussão acerca das violências veladas que se manifestam principalmente no âmbito religioso e acadêmico, suas implicações na saúde e bem-estar das mulheres. A inclusão desta seção justifica-se conforme à sua estreita relação com a perpetuação de desigualdades de gênero, limitação de escolhas e o reforço de estereótipos tradicionais de gênero na sociedade. A quarta seção, “Machismo, sexismo e silenciamento das vozes femininas”, aprofunda-se em Angela Saini (2018), em seu livro reúne informações a respeito do mito da superioridade

masculina e a parcialidade das investigações científicas. A quinta seção, “A outra da outra”, nos valemos da expressão de Simone de Beauvoir (2009), onde a autora expõe que as mulheres são designadas como o Outro, tão invisíveis que são irrepresentáveis. Embora em nossa pesquisa não tenha nenhuma professora negra e transexual, optamos por trazer o tema para representar as opressões que ocorrem no corpo negro e transexual, uma abordagem interseccional partindo dos conhecimentos de Ribeiro (2019) e Nascimento (2021).

O segundo capítulo, “O status de poder na academia”, está estruturado em quatro seções. A primeira seção, “Compreendendo os termos mansplaning, maninterrupting, bropropriating e gaslighting: dinâmicas de gênero e poder”, buscamos conceituar os quatro termos com o intuito de nomear algumas das violências que as mulheres sofrem diariamente. A segunda seção, “Aspectos da violência de gênero” iremos apresentar fundamentos para a compreensão das razões pelas quais as violências ocorrem de forma mais frequente com mulheres do que com o público masculino. A terceira seção, “Assédio moral e sexual no ambiente acadêmico” parte-se dos conhecimentos de Hirigoyen (2002) e Teles (2002). A quarta seção, “Violência velada e violência institucional”, serão abordados os conceitos de violência psicológica e emocional; violência velada; e violência institucional.

O terceiro capítulo, “Caminhos metodológicos”, contém seis seções, este capítulo é dedicado a apresentar os detalhes metodológicos da pesquisa, proporcionando uma compreensão sobre a abordagem adotada e os passos seguidos para a coleta e análise de dados. A primeira seção “Caracterização da pesquisa”, oferece uma visão geral sobre a natureza e o escopo da pesquisa. A segunda seção “O campo e sujeitos da pesquisa” abordamos a caracterização do campo de estudo e dos sujeitos que participaram da pesquisa, descrevendo o ambiente no qual a coleta de dados ocorreu, contextualizando a pesquisa dentro desse espaço específico. A terceira seção “Procedimentos éticos e produção dos dados da pesquisa”, detalhamos as medidas tomadas para garantir a integridade e confidencialidade dos participantes. A quarta seção “Instrumentos de produção dos dados”. aborda os instrumentos específicos utilizados para coletar os dados da pesquisa. A quinta seção “Organização dos dados da pesquisa”, discute como os dados coletados serão organizados para facilitar a análise. Descrevemos as estratégias e técnicas que serão empregadas na preparação e organização dos dados para a fase subsequente de interpretação. A sexta seção “Análises e discussões”, é dedicado à interpretação e discussão dos resultados obtidos por meio das análises realizadas durante o desenvolvimento da pesquisa.

Em “Considerações finais”, são delineados caminhos, expectativas e indagações na expectativa de que esta pesquisa possa confrontar a predominância do olhar patriarcal, que

perpetua várias manifestações de violência na vida das mulheres, sobretudo das professoras.

# CAPÍTULO 1

## A QUESTÃO DO GÊNERO E AS VIOLÊNCIAS CONTRA A MULHER

### 1.1 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura desempenha um papel fundamental na pesquisa científica, fornecendo uma base sólida para a compreensão de um tópico a ser estudado. Segundo Noronha e Ferreira (2000) os estudos de revisão podem ser definidos da seguinte maneira:

Estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da-arte sobre um tópico específico, evidenciando novas ideias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada (Noronha; Ferreira, 2000, p. 191).

Portanto, considerando o contexto da violência que ocorre no ensino superior contra as professoras, é crucial conduzir uma revisão de literatura criteriosa para analisar de maneira concisa a ocorrência dos casos.

Assim, a presente revisão se baseia em critérios específicos que incluem a relevância do conteúdo e a atualidade e credibilidade das fontes para assegurar a solidez e eficácia do processo. Por meio da análise de 12 fontes, esta revisão buscou identificar os principais tipos de violência, suas causas subjacentes, impactos nas professoras e estratégias de prevenção e intervenção.

A temática de violência no ensino superior contra as professoras é relevante pois levanta dados a respeito do impacto que essas ocorrências têm na vida das professoras, nas instituições e na sociedade em geral. O ambiente acadêmico por se tratar de um lugar de produção de conhecimento, frequentemente cria uma sensação de segurança que, por vezes, casos de violências acabam sendo velados.

O desenvolvimento da revisão de literatura consiste em artigos encontrados nos periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), com período de busca de 2010 a 2023.

Do total de trabalhos encontrados selecionamos 12 trabalhos que continham informações relacionadas aos descritores. Na leitura flutuante procuramos manter os que além de conterem os descritores definidos também se voltassem para alguma contribuição relacionada ao tema de violência no ensino superior. As buscas foram realizadas em duas etapas, na primeira foram utilizados os descritores: *assédio moral*, *professores*, *ensino superior*. Na segunda etapa o descritor *assédio moral* foi substituído pelo descritor *assédio sexual*, os outros dois foram mantidos.

Da análise completa, foram selecionados os artigos que, além dos critérios supracitados, também representassem de alguma maneira a temática desta pesquisa.

A primeira etapa de busca, foi realizada por meio do Portal de Periódicos da CAPES, sendo selecionados os seguintes descritores: assédio moral; professores; ensino superior, foram encontrados quatro artigos, destes dois foram selecionados (quadro 1).

Quadro 1 – Dados do Portal de Periódicos da CAPES (2010-2023)

(continua)

<b>Título</b>	O assédio moral de professores praticado por alunos nas (IES) públicas e a omissão social sobre o tema
<b>Autor</b>	Márcia M. N. S. Martins
<b>Ano de Publicação</b>	2019
<b>Tipo da pesquisa que originou o artigo</b>	Artigo
<b>Resumo</b>	Este artigo busca investigar as condições, razões e soluções apresentadas pelas Instituições públicas (IES) nas questões de Assédio Moral de alunos x professores. A questão decorre da ampla discussão sobre tema que limita-se tão somente nas relações específicas ocorridas entre empregado, empregador, prepostos e colegas de trabalho, tendo como elemento principal alguma forma de subordinação, diferenciando assim a relação aqui tratada, onde a pseudo subordinação não é elemento da ação. Ao final, conclui-se que o assédio moral de aluno contra professor, possui os mesmos elementos de qualquer outro e que a ausência de soluções práticas para a solução do conflito se dar principalmente pela falta de publicização do ato pelo agente passivo, dificultando assim, a solução do fato o que amplia o conflito.
<b>Título</b>	O assédio moral ascendente nas instituições de ensino superior privadas
<b>Autor</b>	Carlos Cesar Miranda dos Santos
<b>Ano de Publicação</b>	2019
<b>Tipo da pesquisa que originou o artigo</b>	Artigo

Quadro 1 – Dados do Portal de Periódicos da CAPES (2010-2023)

(conclusão)

<b>Resumo</b>	Este trabalho versa sobre o assédio moral na relação aluno-professor, especificamente na sua forma ascendente. Esse fenômeno vem ganhando ênfase no cenário educacional brasileiro, principalmente devido ao clientelismo do corpo discente junto com o mercantilismo que paira nas estruturas das instituições de ensino superior privado. O cenário é de desvalorização e depreciação na relação do educador com seus educandos, uma vez que a figura do aluno-cliente se sobressai à do professor. Objetivou-se identificar os aspectos motivadores mais relevantes, os tipos e possíveis consequências do assédio moral do aluno em relação aos professores e discutir a maneira como as instituições vêm lidando com a questão.
---------------	--

Fonte: A autora, 2023.

Os artigos (quadro 1), indicam a complexidade do problema do assédio moral na relação aluno-professor, embora um deles aborde a respeito de casos em instituições de ensino superior privada, ambos destacam a necessidade de reconhecimento, sensibilização e implementação de políticas eficazes para tratar deste problema. Também ressaltam a importância de superar a falta de denúncias e de criar um ambiente onde os(as) professores(as) se sintam apoiados para reportar casos de assédio moral, visando à promoção de um ambiente educacional mais saudável e respeitoso para todos os envolvidos.

Na segunda etapa de busca foram utilizados os descritores assédio sexual, professores, ensino superior, foram encontrados três artigos, e dois foram selecionados.

Quadro 2 – Dados do Portal de Periódicos da CAPES (2010-2023)

(continua)

<b>Título</b>	Cuentos que no son cuentos: acoso sexual, violencia naturalizada en las aulas universitaria
<b>Autor</b>	Lya Yaneth Fuentes Vásquez
<b>Ano de Publicação</b>	2019
<b>Tipo da pesquisa que originou o artigo</b>	Artigo
<b>Resumo</b>	O artigo apresenta os achados mais relevantes sobre assédio sexual a partir de uma pesquisa sobre violência e discriminação realizada em uma universidade privada de Bogotá. Com base em uma estratégia qualitativa, documenta e analisa as diferentes manifestações, cenários e atores desse tipo de violência, exercida principalmente contra os alunos por seus professores.

Quadro 2 – Dados do Portal de Periódicos da CAPES (2010-2023)

(conclusão)

<b>Resumo</b>	Ele coleta as oficinas realizadas com alunos, professores e funcionários administrativos. O sistema sexo/gênero, como organizador universal da diferença sexual e da heteronormatividade, enquadra conceitualmente esta pesquisa.
<b>Título</b>	Las instituciones de educación superior y el mandato de masculinidad
<b>Autor</b>	Consuelo Patricia Martínez-Lozano
<b>Ano de Publicação</b>	2019
<b>Tipo da pesquisa que originou o artigo</b>	Monografia
<b>Resumo</b>	O objetivo do artigo é analisar a maneira como as universidades sistematizam as práticas de violência contra as mulheres, especificamente a perseguição e o assédio sexual direcionados a estudantes e professoras. Apoia sua reflexão nos postulados de Rita Segato em torno do estabelecimento de uma ordem política patriarcal enraizada nas universidades, segundo a qual os homens desenvolvem formas de interlocução entre si para disciplinar as mulheres. Da mesma forma, as universidades deslocam e comprometem os mecanismos de organização comunitária das estudantes que questionam, apontam e denunciam práticas violentas.

Fonte: A autora, 2023.

Dentre os trabalhos selecionados (quadro 2), o primeiro por se tratar de uma pesquisa realizada em uma universidade privada em Bogotá-Colômbia, e o segundo em San Luis Potosí cidade localizada no México, os mesmos permitem entender que o problema de assédio é uma questão global. A primeira pesquisa é informada pelo conceito de sistema sexo/gênero como um organizador universal das diferenças sexuais e da heteronormatividade, portanto, fornece uma visão detalhada das manifestações específicas de assédio sexual nesse contexto.

Já a monografia, ao buscar analisar como as universidades sistematizam práticas de violência contra mulheres, em particular a perseguição e o assédio sexual dirigidos a estudantes e professoras, possui uma discussão acerca da presença de uma ordem política patriarcal nas universidades, destacando que tal ordem permite que os homens estabeleçam formas de interação que disciplinam as mulheres. Além dessas questões, também destaca como



as universidades minam os mecanismos de organização comunitária das estudantes que denunciam práticas violentas, deslocando sua capacidade de resistir e questionar.

Ambas as pesquisas contribuem para a compreensão do assédio sexual no ambiente universitário, destacando suas manifestações, causas subjacentes e as formas como as instituições lidam com ele. Os estudos também demonstram a importância de considerar as questões de gênero, poder e desigualdade, bem como a necessidade de criar ambientes seguros e igualitários nas universidades.

Na busca no repositório da *Scielo*, foram utilizados os descritores assédio moral, professores, ensino superior. Foram encontrados quatro artigos (quadro 3), todos foram selecionados.

Quadro 3 – Dados da Scientific Electronic Library Online (Scielo) (2010-2023)

(continua)

<b>Título</b>	Violência interpessoal no ambiente acadêmico: percepções de uma comunidade universitária
<b>Autor</b>	Deise Camargo Maito; Maria Paula Panúncio-Pinto; Elisabeth Meloni Vieira.
<b>Ano de Publicação</b>	2022
<b>Tipo da pesquisa que originou o artigo</b>	Artigo
<b>Resumo</b>	Este estudo visa descrever as percepções sobre violência na universidade em uma comunidade acadêmica com base em relatos sobre violências ocorridas em um <i>campus</i> universitário. As entrevistas foram transcritas e analisadas em seu conteúdo, e referências discursivas recorrentes permitiram identificar os tipos de violência em cinco categorias de acordo com a experiência dos participantes: trote; violência em função de gênero ou raça; assédio moral; violência institucional; e outros tipos de violência. As violências na universidade são diversas; conhecê-las permite oferecer subsídios para melhorar as respostas institucionais já existentes ou criar formas de enfrentamento.
<b>Título</b>	Assédio moral nas instituições de ensino superior: um estudo sobre as condições organizacionais que favorecem sua ocorrência
<b>Autor</b>	Míriam Rodrigues; Maria Ester de Freitas.

Quadro 3 – da *Scientific Electronic Library Online (Scielo)* (2010-2023)

(continuação)

<b>Ano de Publicação</b>	2014
<b>Tipo da pesquisa que originou o artigo</b>	Artigo
<b>Resumo</b>	Este artigo investiga as condições organizacionais que favorecem a ocorrência de assédio moral no ambiente de trabalho, a partir da perspectiva de professores atuantes em cursos de administração de empresas de instituições de ensino superior (IES) privadas na cidade de São Paulo. Os resultados evidenciaram que o assédio moral é motivado tanto por questões de ordem pessoal, quanto por questões organizacionais e que tem como elementos deflagradores o posicionamento das IES privadas no cenário competitivo em que estão inseridas e a fragilidade ou inexistência de normas e processos referentes à prevenção e ao tratamento de casos de assédio moral. Os resultados evidenciaram que o assédio moral é motivado tanto por questões de ordem pessoal, quanto organizacionais, tendo como elementos deflagradores o posicionamento das IES privadas no cenário competitivo em que estão inseridas e a fragilidade ou inexistência de normas e processos referentes à prevenção e ao tratamento do problema.
<b>Título</b>	Por que ocorre? Como lidar? A percepção de professores de graduação em Administração sobre o assédio moral
<b>Autor</b>	Roberto Brasileiro Paixão; Daniel Reis Armond de Melo; Jader Cristino de Souza-Silva; Kleomara Gomes Cerquinho.
<b>Ano de Publicação</b>	2013
<b>Tipo da pesquisa que originou o artigo</b>	Artigo
<b>Resumo</b>	Tem-se observado em muitas pesquisas que o assédio moral do aluno para com o professor tem sido incrementado com o processo de mercantilização do ensino superior. Tal processo insere-se num cenário de desvalorização da figura do professor e de exaltação da concepção do aluno-cliente. Nesse sentido, abre-se espaço para práticas de assédio moral na relação aluno-professor. O propósito neste artigo é compreender por que acontece o assédio moral no vetor aluno-professor e o que pode ser feito para que esse comportamento seja evitado. A análise das respostas dos professores universitários às questões de pesquisa oferece uma percepção do porquê da ocorrência do assédio moral aluno-professor na visão dos pesquisados, os quais identificam motivos que vão desde valores sociais não apreendidos até a mercantilização do ensino. A partir das respostas, verificam-se possibilidades de ação que apontam prioritariamente a discussão institucional como meio de suporte à vítima e como alicerce para ações preventivas, dentre outras atitudes individuais que influenciam positivamente esse tipo de assédio, e mesmo a disputa judicial como última instância para a solução do problema.

Quadro 3 – da *Scientific Electronic Library Online (Scielo)* (2010-2023)

(conclusão)

<b>Título</b>	Assédio moral entre docentes de instituição pública de ensino superior do Brasil
<b>Autor</b>	Vânia Cláudia Spoti Caran; Iara Aparecida de Oliveira Secco; Dulce Aparecida Barbosa; Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi.
<b>Ano de Publicação</b>	2010
<b>Tipo da pesquisa que originou o artigo</b>	Artigo
<b>Resumo</b>	Identificar a existência de assédio moral (AM) entre os docentes de uma instituição pública de ensino superior do Brasil MÉTODOS: Estudo quantitativo e descritivo de corte transversal abrangendo amostra de 54 professores (62,8%) que responderam a um instrumento contendo questões sobre AM no trabalho. RESULTADOS: A maioria era mulher (92,6%), entre 40 a 59 anos (72,2%), com tempo de trabalho institucional inferior a 15 anos (61,1); 40,7% admitiram já ter sido vítimas de AM no trabalho; 59,3% conheciam colegas que haviam sofrido AM e 70,4% afirmaram que é um problema comum na instituição. Descrições dos casos envolveram chefes/superiores, colegas e professores/docentes/orientadores. CONCLUSÃO: Universidades são locais onde acontecem competições por cargos, recursos para pesquisas e publicações, o que facilita a ocorrência desse fenômeno. As individualidades devem ser superadas por valores, como equidade e solidariedade para que não aconteçam esses tipos de situações.

Fonte: A autora, 2023.

Os quatro artigos (quadro 3) abordam diferentes aspectos do assédio moral no ambiente acadêmico, trazendo percepções, causas e ocorrências acerca do tema, sendo possível compreender a diversidade das violências nas universidades, a importância de conhecê-las para melhorar as respostas institucionais e formas de enfrentamento.

Com relação ao estudo (Rodrigues; De Freitas, 2014) que aborda as condições organizacionais que favorecem o assédio moral no ambiente de trabalho, os resultados indicam que o assédio moral é motivado tanto por questões pessoais quanto organizacionais. A posição competitiva das instituições privadas e a falta de normas e processos para a prevenção e tratamento do assédio moral emergem como fatores contribuintes. Outro ponto para se destacar é a respeito do processo de mercantilização do ensino superior, o qual tem influenciado o aumento do assédio moral do aluno para com o professor, embora este estudo aborde o contexto da instituição privada, sua abrangência vai além desse enfoque, contribuindo

significativamente para nossa pesquisa, uma vez que nos permite compreender como se manifestam as formas de violências em outros contextos.

Na segunda etapa do repositório da *Scielo*, foram utilizados os descritores assédio sexual, professores, ensino superior. Foi encontrado um artigo que foi selecionado (quadro 4).

Quadro 4 – Dados da *Scientific Electronic Library Online (Scielo)* (2010-2023)

<b>Título</b>	Ser mulher e estudar leis: abordagens antropológicas do assédio e sua resistência em uma universidade pública da Cidade do México
<b>Autor</b>	Daniel Hernández-Rosete; Juan Carlos Gómez-Palacios
<b>Ano de Publicação</b>	2021
<b>Tipo da pesquisa que originou o artigo</b>	Artigo
<b>Resumo</b>	Este artigo descreve algumas práticas de assédio no ensino superior e explica por que estão se naturalizando. Também se documentaram as formas de resistência narradas por algumas estudantes universitárias e professoras. Entre janeiro de 2016 e março de 2017 foram realizadas nove entrevistas em profundidade com estudantes universitárias que vivenciaram situações de assédio na faculdade pública de direito na Cidade do México, México, além de três estudantes homens e duas professoras. Delas se desprende que determinados professores assediam seletivamente, com base em códigos vestimentários relacionados com os estereótipos de gênero. O assédio pode ser visto como um castigo exemplar, tendo um propósito corretivo, isto é, seria parte da disciplina escolar e da formação identitária das universitárias daquela instituição. Também foram detectadas formas de vigilância heteronormativa que naturalizam o assédio a ponto de algumas considerá-lo parte de um modo de vida ao que precisam se adequar para conseguir concluir os estudos. Outras encontraram formas de denunciar, por meio de estratégias informais, pelas quais contribuíram para dar visibilidade e desnaturalizar esta violência de gênero. Por exemplo, apesar de alguns docentes determinarem o uso de saia como requisito para fazer as provas, nem todas as universitárias acatam tal exigência e as que recusam organizaram movimentos de resistência estudantil. Até agora, não houve qualquer ação por parte das autoridades, no sentido de garantir às mulheres espaços livres de assédio, o que realça ainda mais a necessidade de criar estatutos e regulamentos no ensino superior que tipifiquem tais delitos como graves, de modo a coibir o assédio sexual.

Fonte: A autora, 2023.

O artigo (quadro 4) explora práticas de assédio no contexto do ensino superior e examina o processo pelo qual essas práticas estão se tornando naturalizadas. Além disso,

documenta as formas de resistência adotadas por estudantes universitárias e professoras, revela que alguns professores selecionam alvos para o assédio com base em códigos de vestimenta relacionados a estereótipos de gênero. O assédio é entendido por algumas como uma espécie de castigo exemplar com um propósito corretivo, inserido na dinâmica disciplinar da instituição e na formação identitária das estudantes. O estudo também identifica a existência de formas de vigilância heteronormativa que tornam o assédio como algo naturalizado, a ponto de algumas estudantes o considerarem como parte do cotidiano ao qual precisam se adaptar para concluir seus estudos.

Posteriormente na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), optamos por buscar os descritores: assédio moral, professores, ensino superior, foram encontradas quatro pesquisas, sendo selecionadas duas dissertações.

Quadro 5 – Dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) (2010-2023)

(continua)

<b>Título</b>	Identificação de assédio moral em professores universitários
<b>Autor</b>	Nely Raquel Moroz Teixeira
<b>Ano de Publicação</b>	2014
<b>Tipo da pesquisa que originou o artigo</b>	Dissertação
<b>Resumo</b>	O Assédio Moral é considerado um tipo de violência psicológica que atinge as empresas de um modo geral e que está contaminando e se alastrando nas instituições de ensino superior, prejudicando aspectos psicopedagógicos e relacionais nessas organizações. Esta pesquisa teve o objetivo de verificar a ocorrência de assédio moral em professores universitários e identificar os tipos de assédio moral sofridos pelos mesmos: por parte do empregador ou descendente, dos colegas ou horizontal e de alunos ou ascendente. A amostra foi composta por 285 professores (62%) de uma Instituição Privada de Ensino Superior no Estado do Paraná, Brasil. Os participantes responderam a um questionário com 10 questões, incluindo 3 subescalas, compostas por 50 itens, sobre assédio moral no trabalho praticado pelo empregador, colegas e alunos. Foi realizada uma análise estatística descritiva dos dados (média, desvio padrão, percentual) utilizando-se o software estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), o cálculo do coeficiente Alpha de Cronbach e o teste ANOVA. O questionário total obteve bons indicativos de consistência interna ( $\alpha = 0,931$ ), da mesma forma que as subescalas dos itens referentes ao assédio moral por parte do Empregador ( $\alpha = 0,883$ ), Colegas ( $\alpha = 0,874$ ) e Alunos ( $\alpha = 0,814$ ). Os resultados apontaram que as participantes do sexo feminino foram o maior alvo dos atos negativos

Quadro 5 – Dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) (2010-2023)

(conclusão)

<b>Resumo</b>	praticados pelo empregador, colegas e alunos. A idade média dos participantes foi de 45,29 anos (dp = 10,939), a mínima foi de 23 e a máxima de 77 anos. O percentual de assédio moral sofrido pelos participantes por parte do empregador foi de 13,2%, de colegas 12,2% e de alunos 22,0%. Em virtude da ocorrência de atos negativos, sugere-se que sejam realizadas intervenções em nível de prevenção, objetivando a informação sobre o tema, o treinamento em resolução de conflitos e em Habilidades Sociais, campanhas de conscientização e políticas contra o assédio moral no ambiente universitário.
<b>Título</b>	Assédio moral na carreira docente
<b>Autor</b>	Douglas Henrique Canizo Dantas
<b>Ano de Publicação</b>	2018
<b>Tipo da pesquisa que originou o artigo</b>	Dissertação
<b>Resumo</b>	A presente pesquisa investigou as possibilidades de ocorrência do dano moral nas instituições de ensino superior. Sob esse contexto, o autor optou por realizar o estudo de caso múltiplo em dois campi do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de uma capital brasileira. Este estudo se justifica na medida em que se percebe a necessidade do gestor público em prestar contas para a sociedade interna e externa, não apenas dos recursos financeiros e materiais, mas também dos valores éticos e morais, principalmente por se tratar de uma organização que oferta ensino. Pautada no contexto mencionado, a linha principal versada nesta pesquisa suscita a reflexão que faculta avaliar o Assédio Moral Docente como ponto de desequilíbrio na vida laboral do professor da rede pública. Para embasar este enfoque, foram investigados comportamentos hostis puníveis administrativa, penal e civilmente pelas leis brasileiras, buscando paralelos e analogias dentro do apêndice legal para evidenciar quando estes são crimes contra a moral, como a calúnia e a difamação, passam a ser o comportamento danoso do Assédio Moral. Por fim, foram apresentadas três análises documentais, nas quais refletiu-se a respeito das características do assédio moral, segundo os autores apresentados, elencando observações pertinentes ao tema e a que suscitam busca por um convívio profissional de equilíbrio mútuo.

Fonte: A autora, 2023.

A primeira pesquisa (quadro 5), “Identificação de assédio moral em professores universitários” (Teixeira, 2014), explora as vivências de professores universitários em relação ao assédio moral proveniente do empregador, colegas e alunos. Durante o estudo, foram identificados indícios expressivos de assédio moral em todas essas categorias, com uma proporção considerável de participantes relatando experiências negativas.

Considerando que a presente pesquisa é voltada para as professoras de ensino superior, essa abordagem se alinha com o estudo em questão, e os resultados obtidos fornecem fundamentos para a investigação.

A segunda pesquisa (quadro 5), “Assédio moral na carreira docente” (Dantas, 2018), concentra-se em questões voltadas ao assédio moral e comportamentos hostis no contexto da carreira docente. Por se tratar de um estudo com análise documental, o autor destaca a importância de o gestor público prestar contas não apenas dos recursos materiais, mas também dos valores éticos e morais em instituições de ensino. São levantadas observações pertinentes para a implementação de medidas preventivas e políticas eficazes, com o intuito de assegurar ambientes saudáveis e éticos nas instituições educacionais.

Posteriormente, realizamos a segunda etapa de busca, foram utilizados os descritores assédio sexual, professoras, ensino superior. Foi encontrada uma tese a qual foi selecionada (quadro 6).

Quadro 5 – Dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) (2010-2023)

(continua)

<b>Título</b>	Uma análise dos atos de assédio moral contra as docentes da esfera pública municipal de João Pessoa frente ao contexto social, político e educacional.
<b>Autor</b>	Priscila Morgana Galdino dos Santos
<b>Ano de Publicação</b>	2022
<b>Tipo da pesquisa que originou o artigo</b>	Tese
<b>Resumo</b>	O presente trabalho é um Estudo de Caso realizado entre docentes que atuam na Prefeitura Municipal de João Pessoa e buscou compreender o seguinte questionamento: Como as docentes da Educação Básica do Município de João Pessoa têm vivenciado os atos de Assédio Moral realizados pelos seus pares ou chefes imediatos? Portanto, o nosso Objetivo Geral contou com a seguinte asserção: analisar as práticas de atos de Assédio Moral realizados contra as docentes da esfera Municipal de João Pessoa e como estas compreendem as consequências dessas práticas em suas vidas profissionais e pessoais. Para a realização da pesquisa, de cunho qualitativo, buscamos o depoimento de 20 professoras da Prefeitura Municipal de João Pessoa, as quais foram ouvidas por meio da entrevista semiestruturada, realizada pelo Google Meet no ano de 2021. Para a análise de dados, seguiram-se os passos

Quadro 6 – Dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) (2010-2023)

(conclusão)

<b>Resumo</b>	<p>da Análise de Conteúdo de Gabardina (2016). Constatamos a presença velada e pública de Assédio Moral e, inclusive, Assédio Sexual contra as professoras, considerando o alto grau de consequências que tais atos trouxeram sobre a vida pessoal e profissional de cada uma, embora as professoras tenham exercido práticas de defesa e resistência, resignificando os espaços de trabalho e a própria profissão. Também experimentaram graves consequências na esfera da saúde. Como Tese, apresentamos que o Espaço profissional da docência municipal de João Pessoa tem, nas práticas de Assédio Moral, a perpetuação do poder, contradizendo a perspectiva de uma educação humanizadora. Dessa forma, apresenta-se como urgente o fortalecimento da política de prevenção dos atos de Assédio Moral na Educação Municipal de João Pessoa.</p>
---------------	--

Fonte: A autora, 2023.

Iniciamos a revisão de literatura analisando por meio de uma pesquisa minuciosa os principais objetivos, sujeitos de pesquisa e metodologia de cada fonte selecionada. Em síntese, pudemos concluir, que a maioria dos estudos possuem correlação, apresentam uma reflexão conceitual sobre o assédio moral e sexual, bem como evidenciam a violência e discriminação baseada na ordem de gênero.

Com o objetivo de investigar os casos de assédio moral enfrentados por professoras da Educação Básica, a tese (Santos, 2022) revelou resultados que apontam para uma dualidade na manifestação do assédio moral, ocorrendo tanto de forma velada quanto explícita, abrangendo até mesmo situações de assédio sexual direcionadas as profissionais. Além disso, a pesquisa destaca o impacto significativo desses atos de assédio na vida pessoal e profissional das docentes, evidenciando a profundidade das consequências enfrentadas por elas. O estudo (Santos, 2022) também evidencia que algumas professoras adotaram estratégias de autodefesa e resistência. A busca por estratégias para preservar um mínimo de bem-estar em um ambiente laboral marcado pela violência, possibilita a discussão a respeito de determinadas circunstâncias que permeiam a vida das mulheres.

Caran *et al.* (2010) com o objetivo identificar a existência do assédio moral e suas descrições entre os(as) docentes, analisaram que a maioria dos sujeitos da pesquisa afirmam ser um problema comum na universidade e que acontece, majoritariamente, entre colegas. Nas descrições verificou-se que 40,7% dos docentes admitem ter sido vítimas de AM (Assédio Moral), a amostra consta com 54 professores, enquanto 18,6% participantes informam que talvez tenham sido vítimas, os(as) demais afirmam não ter passado por tal situação.



As referidas autoras ainda destacam que, conforme os depoimentos obtidos pelos sujeitos, muitos dos acontecimentos entre colegas enquadram-se nesse tipo AMH (Assédio Moral Horizontal), já que, houve casos de ofensas, críticas, gritos e ameaças. Também houve o AMVD (Assédio Moral Vertical Descendente), o qual está ligado com o superior hierárquico que recebe a delegação de poder e de comando. Já situações de AMVA (Assédio Moral Vertical Ascendente) não foram constatadas (Caran *et al.*, 2010, p. 7).

Tendo em vista a realidade mencionada anteriormente, as autoras enfatizam que “A universidade é local favorável para ocorrência de competitividade por prestígio e reconhecimento acadêmico, cargos, publicações e pesquisas financiadas, o que a torna instância propícia à existência de situações relativas ao AM (Caran *et al.*, 2010, p. 7).

Paixão *et al.* (2013) apresenta um quadro destacando que o assédio moral na relação aluno-professor acontece a partir de um mecanismo de defesa do aluno. Destaca o trecho à seguir:

Primeiro, o aluno, ao perceber-se desprezado e incapacitado perante as cobranças intelectuais por parte da disciplina e do professor, sente-se pressionado. A partir disso, para defender-se, o estudante passa a adotar um comportamento assediador, buscando rebaixar o professor com vistas a lograr benefícios. Esse discurso do sujeito coletivo também assinala que o mecanismo de defesa do aluno pode ser acionado quando o discente percebe que a instituição não oferece o ensino que ele almejava (Paixão *et al.*, 2013, p. 8).

Outro aspecto interessante é quando os autores apresentam a respeito de se recorrer ao apoio institucional. Ou seja, espera-se que quando vivenciada uma situação de assédio moral, o(a) docente procure auxílio. “Por outro lado, há evidenciação de que tanto destaque para busca de apoio institucional pode revelar uma carência das instituições em justamente atuar de forma mais enérgica e efetiva no bloqueio das ações de assédio moral” (Paixão *et al.*, 2013, p. 9).

Com relação ao enfrentamento pessoal direto, os autores destacam que é caracterizado por uma postura firme, sem ser autoritária por parte do docente, ocorre a presença de um diálogo respeitoso, mesmo tratando-se de uma situação de comportamentos negativos (Paixão *et al.*, 2013).

Por último, a ideia para tratar com as questões de assédio moral na relação aluno professor é que a situação seja levada aos tribunais.

Sabe-se que a instância judicial só é acionada em casos em que o problema já assume uma complexidade considerável. Esse discurso do sujeito coletivo sinaliza para a gravidade do assédio moral. Como foi visto na discussão de outras ideias centrais, o assédio moral na relação aluno-professor intensifica-se e cristaliza-se de tal forma que a única alternativa do docente é recorrer à justiça formal. Em outras palavras, quando inexistente uma ação institucional mais firme por parte da universidade, o

professor passa a colocar sua última confiança no poder jurídico e de polícia (Paixão *et al.*, 2013, p. 11).

Rodrigues e De Freitas (2014) ao realizarem um estudo sobre o assédio moral nas instituições de ensino superior, observaram algumas questões que afetam a saúde física e/ou psíquica do docente, o bem-estar pessoal e profissional, tais situações estão relacionadas à desqualificação, constrangimentos e desrespeitos dos mais diversos níveis.

Além disso, os dados que emergiram da referida pesquisa, demonstram a dificuldade apresentada por algumas pessoas, que declararam terem sido assediadas, de identificar e entender o que é e o que não é assédio moral. Rodrigues e De Freitas (2014, p. 294) também destacam que quando não são tomadas atitudes diante de situações de assédio na instituição, nas palavras das autoras:

Corre-se o risco de que estas sejam tidas como naturais; ou seja, entendidas como algo que faz parte da cultura e do ambiente de trabalho dessas IES. Assim, seus impactos negativos são potencializados e esses ambientes organizacionais são cada vez mais distanciados de relacionamentos humanos dignos e respeitosos, bem como das inúmeras consequências positivas que estes também proporcionam a todos os envolvidos.

A pesquisa de Rodrigues e De Freitas (2014), também revela os impactos decorrentes da vivência de processos de assédio moral. As consequências na vida pessoal dos docentes geraram impactos negativos financeiramente e do ponto de vista físico, já relacionado a carreira, alguns mencionaram a perda do interesse em constituir carreira na instituição e mudar de área de atuação, por último relacionado ao ambiente de trabalho, mencionaram questões referentes à credibilidade do trabalho desenvolvido pelo docente.

Teixeira, Kruszielski e Gomide (2016) com o objetivo de identificar tipos de assédio moral sofridos por professores universitários, realizaram seu estudo em uma Instituição Privada de Ensino Superior com 285 professores. Com a Análise de Variância (ANOVA), para comparar as médias de assédio moral praticado pelo empregador, por colegas e por alunos nos diversos setores da IES, a escala apontou que no setor de Ciências Biológicas e de Saúde ocorreu maior incidência de assédio moral do que nos setores de Ciências Aeronáuticas, Humanas, Letras e Artes. Além disso, evidenciaram que docentes mulheres foram as mais afetadas pelo assédio moral no trabalho por parte do empregador, dos colegas e dos alunos. E ainda, apontaram uma tendência do fator idade: quanto menor a idade do docente, maior a presença de assédio moral (Teixeira; Kruszielski; Gomide, 2016, p. 14-15).

Dantas (2018), com o objetivo de obter material técnico documental sobre questões de assédio moral de professores contra alunos em uma universidade privada, não teve o retorno

esperado, constatou a falta de registros e dados estatísticos sobre o tema, nesse sentido, o autor questiona essa omissão da seguinte maneira: “Como elaborar políticas de combate e prevenção se não se sabe quantas denúncias foram feitas? Como analisar dados que não existem? Como saber se houve ascensão ou decréscimo das denúncias?” (Dantas, 2018, p. 74).

Assim, no estudo de Dantas (2018) foi evidenciado que a instituição não tem nenhum registro, não relata sobre os destinos das denúncias, bem como não apresenta nenhum procedimento ou cuidado específico com os casos de assédio moral. Com isso, o autor chega a conclusão de que a integridade psicológica, psicossocial e emocional não são valorizadas, já que não é discutido ou pensando no bem-estar humano.

A pesquisa de Dantas (2018) evidencia a falta de políticas públicas, planos de ações, campanhas informativas, a não investigação das denúncias, falta de esforços para buscar meios de conter o assédio moral, e a falta de atenção e seriedade necessária com o assunto.

Martins (2019), destaca que a questão do assédio moral de alunos contra professores possui os mesmos elementos que qualquer outro tipo de assédio, ainda pontua que uma das principais razões para a falta de soluções práticas para resolver esse conflito é a escassez de publicização do ato pelo agente passivo (o professor), o que dificulta a resolução do problema e amplia o conflito. A autora argumenta que as instituições de ensino superior (IES) estão falhando ao não tentarem resolver esse conflito por meio de métodos de solução amplamente divulgados, como a mediação, que poderia trazer prevenção e solução pacífica.

Martins (2019), também menciona que esses conflitos muitas vezes não são administrados dentro da sala de aula e acabam se espalhando pelos corredores, onde opiniões são lançadas e ampliam ainda mais o conflito, geralmente acompanhados de críticas pessoais ao professor, podem se transformar em assédio moral. Além disso, a autora defende que as instituições de ensino superior, principalmente as públicas, devem permitir a publicização do tema, a fim de evitar a judicialização. Antes de levar a questão aos meios de comunicação, redes sociais ou conselhos, ela sugere que as instituições resolvam os conflitos pacificamente por meio da implementação de Núcleos de Mediação.

As considerações que Santos (2019) faz acerca do objetivo de seu estudo em buscar os fatores que caracterizam o assédio moral para o professor no ensino superior, evidenciam que a relação aluno-professor tem sido modificada devido à prestação privada de serviços educacionais e a visão comercial da educação nas instituições de ensino superior. Essa mercantilização da educação abre espaço para a prática do assédio moral por parte dos alunos em relação aos professores.

Santos (2019) argumenta que os alunos passam a ter uma expectativa de que o pagamento irá garantir a eles o diploma, o que cria instabilidade na relação e aumenta os conflitos entre os estudantes e os educadores. O autor ressalta que, por mais que a identificação do assédio moral possa ser difícil, pois ocorre por meio de diferentes formas de conflito, que podem ou não se manifestar completamente, e ainda que é importante que os docentes, discentes e a instituição estejam preparados para lidar com essas situações de forma preventiva e reparadora.

Vásquez (2019) apresenta informações sobre o assédio sexual no contexto acadêmico, destaca que esse tipo de violência ocorre principalmente entre pares e na relação entre professores e alunos. Afirma que os professores do sexo masculino são os principais assediadores, enquanto as estudantes mulheres são as principais vítimas. Além disso, a autora menciona que o assédio sexual pode ocorrer em diferentes espaços, como a sala de aula, reuniões, praças, bibliotecas, entre outros.

Conforme as investigações de Vásquez (2019) a respeito do termo do assédio sexual, a autora observa que a falta de definições consistentes e à imprecisão conceitual e metodológica geram ambiguidade no entendimento do assédio sexual como um crime, tornando a medição imprecisa. A utilização de diferentes tipos de violência sexual, incluindo o assédio, abuso e estupro, confunde a natureza desses crimes e pode resultar em dados incorretos sobre sua incidência nas instituições de ensino superior (Vásquez, 2019).

Um dado extremamente relevante que a referida autora menciona diz respeito ao assédio sexual ser naturalizado, sendo caracterizado como sedução ou jogo amoroso, embora o consentimento seja um limite claro nos casos. Seguindo esta abordagem, Vásquez (2019) destaca:

Ao contrário do que afirmam a maioria dos estudos sobre a "invisibilidade" do assédio sexual nas universidades, acreditamos que este tipo de violência sexual não é invisível, pelo contrário, vê-se e descobre-se o assediador, sua visibilidade se multiplica nas redes sociais, é sentida, percebida, ouvida, e sabe-se que estão diante de um comportamento inadequado, que ultrapassa os limites porque trata-se de ações não consensuais, indesejadas, que causam desconforto, mal-estar, insegurança e medo. A metáfora da "invisibilidade" para entender a "naturalização" do assédio sexual nos tempos que vivemos não funciona mais (Vásquez, 2019, p. 16-17).

A pesquisa de Lozano (2019), realizada na cidade do México em San Luis Potosí, analisa como as universidades sistematizam as práticas de violência contra a mulher, especificamente o assédio moral e sexual dirigido contra alunos e professores, a autora evidencia duas questões que confirmam a eficácia do mandato da masculinidade das IES em sua expressão de assédio sexual.

A primeira refere-se ao exercício do poder, nas linhas vertical e horizontal, exercidas sobre a vítima que é assediada, nas palavras da autora quer dizer o próprio ato de assédio contra alunos ou professores e seu desenvolvimento diário e habitual. Já o outro aspecto está ligado a forma como as instituições de ensino superior fazem a devolutiva ou reagem contra práticas violentas relacionadas ao assédio (Lozano, 2019, p. 131).

Segundo Lozano (2019), ocorre uma desarticulação das redes de apoio entre a população feminina universitária, pois há uma falta de suporte e apoio para as vítimas, suas acusações e denúncias são frequentemente invalidadas, Lozano (2019) revela que essa é uma estratégia das universidades perpetuarem o mandato de masculinidade, fortalecendo os pactos entre os membros masculinos das instituições, sendo uma construção expressiva em que é enunciada a violência contra a mulher.

Além disso, a pesquisa da referida autora também pontua um padrão sistemático de minar as oportunidades de organização interna das mulheres nas universidades. Segundo Lozano (2019), a instituição busca isolar as vítimas de assédio e dificulta a formação de redes sociais de solidariedade entre as mulheres, através de intimidações, insultos e desmerecimento de suas formas de organização e denúncias públicas contra as práticas que as violam. Lozano (2019), ainda destaca que o mandato da masculinidade é vivenciado e reproduzido, de maneiras distintas pelas diferentes pessoas que interagem nas universidades.

Hernandez-Rosette e Gomez-Palacios (2021), descrevem algumas práticas de assédio que ocorrem no ensino superior da cidade do México, também documentam os relatos de resistência de determinados alunos(as) e professores(as). Na pesquisa, uma das estudantes relata uma situação que está relacionada a vestimenta dos alunos, ela comenta que alguns professores da área do Direito solicitam que homens compareçam na aula de terno, enquanto as mulheres podem ir com vestidinho.

Nessa diferenciação de vestimenta há uma vigilância heteronormativa, cujo propósito é que a população estudantil mantenha uma vida presa aos cânones de uma masculinidade e feminilidade vinculada ao ideal da profissão, porém, percebe-se um discurso altamente coercitivo, atravessado por gênero e a classe social (Hernandez-Rosette; Gomez-Palacios, 2021, p. 4).

Algumas estudantes relatam que o assédio sexual é a prática de violência que mais persiste no ambiente universitário.

Isso explica a violência sexual como um fenômeno que foi normalizado pelas próprias vítimas e espectadores. Por exemplo, uma forma bastante invisível de assédio, ocorre durante as aulas, quando alguns professores expressam abertamente seu desejo sexual pelos alunos (Hernandez-Rosette; Gomez-Palacios, 2021, p. 5).

O assédio ocorre de várias formas, muitas vezes por meio de um convite aberto, mas principalmente o assédio físico, é efetivado em tom de brincadeira. Já no relato de uma professora, ela explica que enquanto professora também sofre assédio sexual, e enfatiza que é um fenômeno invisível (Hernandez-Rosette e Gomez-Palacios. 2021).

A pesquisa de Santos (2021) apresenta alguns relatos de professoras da esfera pública municipal de João Pessoa-Paraíba, que sofreram assédio moral. Foram destacadas questões relacionadas ao percurso acadêmico das docentes, onde duas professoras narraram a importunação na carreira acadêmica, e os transtornos psicológicos decorrentes.

Em suas narrativas, as professoras descreveram como o dia a dia e a saúde foram modificados, os desconfortos e consequências do assédio, os quais, sobretudo, tiveram que tratar sozinhas. Também foi destacado por uma docente, a maior presença do assédio moral nas cidades de interior, e em níveis mais agressivos.

Para uma das entrevistadas, “a pesquisa foi um ato de denúncia sobre a situação vivenciada, em correlação outra docente destaca a importância da denúncia, como ato e cidadania, de proteção e valorização da profissão docente, enquanto mulher” (Santos, 2021, p. 154). Em outras circunstâncias, o relato de uma docente diz respeito ao processo de identificação e defesa contra atos de assédio, pontua “que a sua vida religiosa, por algum momento, retardou-a de sua condição de cidadania e a possibilidade de lutar por ela como um sujeito de direitos” (Santos, 2021, p. 156).

Nas considerações finais de Santos (2021), a autora destaca pontos precisos para reflexão acerca do tema de investigação:

O Assédio Moral não é um fatalismo. As condições históricas e as condições de gênero ainda interferem na vida de mulheres docentes em espaços educativos. O Assédio Moral vivenciado corre ainda o risco de não ser denunciado por questões religiosas, mediante a submissão que é ensinada pelos dogmas cristãos (Santos, 2021, p. 220).

No estudo de Maito, Pinto e Vieira (2022) foram realizadas entrevistas com 17 participantes, incluindo estudantes, professores e funcionários. Durante a pesquisa foram identificados os tipos de violência em cinco categorias de acordo com a experiência de cada indivíduo, dentre elas o trote; violência em função do gênero ou raça; assédio moral; violência institucional; e outros tipos de violência.

As referidas autoras descrevem o seguinte trecho:

Os relatos apresentados nos mostram a existência de uma diversidade de violências e isso requer atenção especial. Conhecer as violências permite a identificação desse problema de Saúde Pública para melhorar as respostas já existentes ou criar formas de enfrentá-lo (Maito; Pinto; Vieira, 2022, p. 18).

Tendo em vista as narrativas dos participantes, as autoras puderam caracterizar algumas situações como violência psicológica, e identificar marcadores sociais de gênero e raça, nesse sentido envolvendo o conceito de interseccionalidade. “A violência mediante a intersecção desses marcadores sociais é estrutural e se reproduz nas relações sociais” (Maito; Pinto; Vieira, 2022, p. 7).

Também foram reconhecidos aspectos que se encaixam na perspectiva do assédio moral, tratando-se do contexto universitário, existem inúmeras motivações para que isso ocorra (Maito; Pinto; Vieira, 2022, p. 7). E nesse sentido, Maffisoni *et al.*, citam que algumas dessas motivações são de ordem sexual, religiosa, racial, hierárquica, busca por notoriedade acadêmica, despreparo profissional etc.

Ainda, ressalta-se a necessidade de reconhecer as especificidades das violências no ambiente universitário, pois estas dialogam com outras experiências, caracterizando como um problema comum, não algo distante como se pensa.

A necessidade de criar políticas efetivas para o enfrentamento da violência interpessoal, reconhecendo a complexidade da intersecção de marcadores de gênero, raça e classe social, configura-se como imenso desafio no contexto da “universidade performática neoliberal no mundo todo. Novas parcelas da população estão ingressando na universidade e ela continua sendo o espaço de produção de conhecimento. Romper com práticas elitistas e violentas que ali acontecem uma tarefa urgente para uma universidade que precisa reafirmar seu protagonismo e sua capacidade de contribuir para a resolução de problemas sociais, dentre eles, a violência (Maito; Pinto; Vieira, 2022, p. 18).

Tendo em vista que a problemática do assédio moral e sexual no ambiente acadêmico, buscamos por meio da literatura destacar algumas lacunas que precisam ser exploradas para um melhor entendimento e enfrentamento destas adversidades. A maioria dos estudos priorizam o assédio moral, e abordam de maneira superficial sobre o assédio sexual, nota-se a necessidade de pesquisas que investiguem a ocorrência e impacto desse tipo de assédio no ambiente universitário, principalmente no que diz respeito as vítimas mulheres, já que somente uma das pesquisas foi realizada com determinadas professoras que lecionam em uma escola municipal, tendo como foco o assédio moral.

Também verificou-se que as instituições de ensino superior na maioria das vezes não atuam de forma efetiva para buscar alternativas que minimizem os atos de assédio, tal questão sugere a urgência de combate e identificação do problema, visando a segurança de todos que frequentam este espaço. Outro aspecto observado é a respeito da percepção e o reconhecimento do assédio por parte das vítimas, existe uma real dificuldade em identificar e entender, o que

se caracteriza como um ato de assédio moral. A invisibilidade e naturalização do assédio, compromete a identificação, o enfrentamento, sobretudo a denúncia.

Essas lacunas direcionam caminhos para futuras pesquisas, e nos permitem compreender a necessidade das instituições de ensino superior assumirem uma postura ativa, responsável e segura no combate ao assédio moral e sexual. Assim, o presente estudo busca contribuir para uma maior compreensão acerca dos casos de assédio moral e sexual enfrentados por professoras que lecionam no ensino superior.

Ao abordar tais questões, ressaltamos a importância de enfrentar e combater atos de assédio no contexto acadêmico, buscando a promoção de um ambiente seguro, representativo e respeitoso para as profissionais.

## 1.2 GÊNERO E PODER

Com base na revisão de literatura, é possível afirmar que a violência é um fenômeno traumático que atravessa a existência de ser e estar no mundo, no presente capítulo iremos discutir as violências ligadas ao gênero.

A experiência de ser mulher é marcada por uma jornada repleta de desafios, cercadas por constantes momentos de alerta, medo, culpa, insegurança, desvalorização, julgamentos, entre uma série de outros problemas, pode-se dizer que ser mulher e estar neste sistema, requer um processo de resiliência e luta para sobreviver dentro de estruturas arraigadas na sociedade patriarcal.

Conforme apontado pela historiadora Mary Del Priore (2014), as relações de gênero patriarcais foram incorporadas à nossa civilização como um sistema de dominação descrito desde o período colonial.

Segundo Saffioti (2015), o patriarcado é um sistema social e estrutural que possui implicações profundas e prejudiciais na vida das mulheres. Os problemas ligados a este sistema possuem relações com diversas esferas da vida, afetando a liberdade, igualdade e a dignidade das mulheres. “A definição sugere que homens têm o poder em todas as instituições importantes da sociedade e que mulheres são privadas de acesso a esse poder” (Saffioti, 2015, p. 312).

“O patriarcado representa uma estrutura social na qual as relações são influenciadas por dois princípios centrais: a) mulheres são colocadas em uma posição de subordinação hierárquica em relação aos homens e, b) pessoas mais novas são subordinadas hierarquicamente aos homens mais velhos.” (Millet, 1970; Scott, 1995 *apud* Narvaz; Koller,



2006, p.50).

Para a discussão, também consideramos as contribuições da autora Gerda Lerner (2019), a qual define o conceito da seguinte maneira:

O patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões, a escola, e as leis. São ideologias que nos ensinam que as mulheres são naturalmente inferiores. Foi, por exemplo, por meio do patriarcado que se estabeleceu que o trabalho doméstico deve ser exercido por mulheres e que não deve ser remunerado, sequer reconhecido como trabalho (Lerner, 2019, p. 21).

As estratégias do patriarcado estabelecem normas que subjagam as mulheres, partindo de concepções a respeito das diferenças "inatas", ou seja, às diferenças biológicas entre homens e mulheres. Isso implica uma ligação direta com o sexo biológico, onde as habilidades, desafios, temperamentos e outras características são definidos no momento do nascimento. De acordo com essa visão, as mulheres são frequentemente retratadas como frágeis, incapazes e esperadas a se comportar com delicadeza, enquanto os homens são idealizados como viris, inteligentes e fortes (Solnit, 2017).

Em termos de desigualdade de gênero, as mulheres frequentemente enfrentam uma disparidade enorme no que se refere às oportunidades, acesso a determinados cargos, salário justo, e o progresso dentro da carreira profissional. Segundo informações do TST – Tribunal Superior do Trabalho (2023), a desigualdade salarial entre homens e mulheres evidencia a discriminação de gênero no mercado do trabalho. A seguir constam os dados a respeito dessa disparidade:

Um dos dados que evidencia isso é a diferença salarial: o rendimento das mulheres representa, em média, 77,7% do rendimento dos homens (R\$ 1.985 frente a R\$ 2.555), conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) de 2019. Entre os principais grupos ocupacionais, a menor proporção é observada em cargos de direção e gerência: os salários delas equivalem a 61,9% dos salários deles, o salário médio das mulheres é R\$ 4.666, e o dos homens é R\$ 7.542. Em seguida estão profissionais das ciências e intelectuais, grupo em que as mulheres recebem 63,6% do rendimento dos homens (Tribunal Superior do Trabalho, 2023).

Tratando-se de um produto histórico:

O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único (Scott, 2019, p. 67).

Saffioti (2015) ressalta que na ordem patriarcal de gênero, certos privilégios estão presentes. Por exemplo, quando um homem é branco, ele encontra sua segunda vantagem, se for rico, essa vantagem se intensifica. Tal questão evidencia que o poder é centralizado na figura masculina, especialmente se ele for branco, ainda mais quando heterossexual.

E é neste caminho de uma linguagem masculinista, falocêntrica, que as mulheres desaparecem, como diz Beauvoir (2009), são designadas como o Outro, tão invisíveis que são irrepresentáveis, uma completa exclusão do feminino.

Os discursos são cercados por modalidades da linguagem falocêntrica, e a dominação costuma ser legitimada tanto no ambiente público quanto no privado, estando entranhado inclusive em nosso sistema político (Saffioti, 2015).

Existem distintas atribuições para a construção e controle dos corpos, os princípios do masculino tidos como valor fundamental, o lugar ocupado pelo homem, viril, detentor do poder e protetor da família, ao feminino, incorporações de passividade, fragilidade e instinto materno. A constituição da família heterossexual demarca a organização das relações sexuais entre os gêneros, em decorrência é estabelecido o controle social que impõe, reprime e reproduz violências aos corpos femininos (Saffioti, 2015).

Conforme as colocações da autora Mary Del Priore (2014, p. 117), “em classes de determinados povos, para se provar a virgindade das mulheres é necessário a efusão de sangue no primeiro coito, sendo assim, a jovem que não apresentar esse sinal, deve voltar ‘vergonhosamente’ para casa de seus pais”.

A mãe, dias antes do casamento, examina as partes genitais de sua filha e, se a largura da entrada vaginal lhe faz julgar que a introdução do membro viril possa ter lugar sem rasgão nem sangue derramado, ela prepara uma bexiga de peixe ou uma pequena bexiga de película de tripa de boi, de forma oblonga, semelhante a uma amêndoa; depois de a ter enchido de sangue de pombo, entrega-a à filha com a recomendação de introduzir clandestinamente no canal vulvo-uterino antes de se dirigir para o leito nupcial. Essa fraude dá às jovens desposadas a certeza de que as provas sangrentas da virgindade não deixarão de se manifestar.” (Del Priore, 2014, p. 117).

O discurso proveniente dessa violência, se consolidava com o argumento de que a sorte de um casamento dependia da noite de núpcias. Del Priore (2014) argumenta que para essas mulheres, ser feliz consistia em aprender a ter relações regradas e contidas. Posteriormente é exposto o relato de uma jovem:

- “Erámos completamente ignorantes em matéria da vida, para ser pura tinha-se que ser ignorante” (Del Priore, 2014, p. 118).

As margens de uma sociedade, machista, opressora e misógina, é necessário entender as particularidades que envolvem a questão do poder, a construção do corpo enquanto condição sexuada configurando normas de visão e divisão sexualizante de valores.

Historicamente os esquemas e modos de pensamento, de dominação masculina foram inseridos e legitimados. A divisão entre os sexos permanece “na ordem das coisas” - como se diz por vezes do que é normal e natural, a ponto de ser inevitável e termina funcionando enquanto estrutura cognitiva e estrutura objetiva de ação (Santini; Camelier, 2015, p. 102).

O estudo de Le Breton (2007) nos auxilia com a reflexão de que: “As características físicas e morais, as qualidades atribuídas ao sexo, dependem das escolhas culturais e sociais e não de um gráfico natural que fixaria ao homem e à mulher um destino biológico” (Breton, 2007, p. 66).

Ainda, o referido autor traz um exemplo claro sobre o fato de o corpo não ser a condição exclusiva do pertencimento biológico, pois com o decorrer dos anos as sociedades humanas passaram a determinar traços para definir socialmente o que caracteriza o ser mulher e o ser homem, mas tais condições se estabelecem de diferentes formas dependendo do local. Breton (2007) descreve que para o Grupo Étnico nilótico (Nuer)<sup>1</sup>, a mulher que não pode gerar filhos, é vista como se fosse homem, uma vez que, pode ter uma ou várias esposas, as quais podem engravidar com a ajuda de parente ou amigo, e é ela quem deverá cumprir com as funções sociais atribuídas a função do pai (Breton, 2007, p. 65- 66).

Considerando as circunstâncias anteriores, os atributos determinados ao homem e à mulher não são estabelecidos em seu estado corporal, mas sim enquanto condição socialmente construída. Porém, o gênero determina finalidades aos corpos, e como resultado são

---

<sup>1</sup> O povo Nuer é um grupo étnico nilótico concentrado na região do Grande Nilo Superior no Sudão do Sul. Eles também vivem na região etíope de Gambella. Os Nuer falam a língua Nuer, que pertence à família das línguas nilóticas. Eles são o segundo maior grupo étnico do Sudão do Sul. O povo Nuer são pastores que criam gado para viver. Seu gado serve de companhia e define seu estilo de vida. Os Nuer chamam a si mesmos de "Naath". Disponível em: <https://www.wikiwand.com/pt/Nueres> Acesso em: 11 set. 2023.

Dissidentes de uma etnia semítica cujos fundadores estão perdidos há cerca de três mil anos, os Nuer, devido às estratégias que criaram para viver no deserto, não se assemelham em nada aos demais povos que já habitaram as margens do Nilo. Em termos de tecnologia, são inigualáveis. Não porque a tenham fartamente e em evolução; mas simplesmente porque não a têm. À exceção do fogo e da roda, de alguns medicamentos e paliativos para a dor, tudo o que não seja indispensável à manutenção de sua vida simples é não só desprezado, mas perseguido. Partem do princípio de que cada criação do homem é uma tentativa artificial de imitar da natureza aquilo que não lhe foi dado por princípio, e há um ser que, segundo eles próprios, fulmina qualquer um que queira emulá-la, dando a sua devida conseqüência: um homem que desenvolveu um sistema de asas que lhe possibilitasse voar foi visto cruzando os ares e desaparecendo. (Petronio, Rodrigo. Os Nuer. Pesquisa FAPESP, 111. ed., maio 2005. Disponível em:

<https://revistapesquisa.fapesp.br/osnuer/#:~:text=Dissidentes%20de%20uma%20etnia%20sem%C3%ADtica,te rmos%20de%20tecnologia%2C%20s%C3%A3o%20inigual%C3%A1veis.> Acesso em: 11 set. 2023.

configuradas inúmeras violências de ordem psíquica, física e moral, as quais são naturalizadas por meio de justificativas acerca das diferenças anatômicas entre os órgãos sexuais.

Durante a história, o movimento feminista emergiu conforme a necessidade e a importância de ser refletida as desigualdades entre os gêneros, algumas lutas foram vencidas, no entanto, até os dias de hoje as mulheres são afetadas por diferentes formas de violência e discriminação em todos os aspectos da vida.

De modo geral, a violência doméstica, a perseguição, o assédio sexual, o estupro conjugal e o estupro no namoro, são questões onde a maioria das pessoas procuram justificativas para tal ato, culpabilizam a vítima, e desconsideram a existência de um agressor.

As mulheres estão em patamar de desigualdade, cercadas por uma série de imposições em relação aos homens, muitas vezes, obrigadas a manter relações conjugais contra a sua vontade, além do controle sobre a sua sexualidade e vida reprodutiva (Aguar, 2015).

Atualmente, as mulheres estão inseridas no mercado de trabalho, mas os questionamentos acerca desta condição são: Quais direitos a elas são garantidos? Quais diferenças ocorrem no ambiente de trabalho entre homens e mulheres? Para além, quais tipos violências ocorrem no ensino superior contra as professoras?

De acordo com os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (Brasil, 2023), a falta de emprego atinge mais as mulheres do que os homens, neste recorte não considera-se a questão de cor, mas conforme os estudos, sabe-se que as pessoas pretas e pardas são as que mais enfrentam dificuldades para conseguir empregos.

Os dados do IBGE (Brasil, 2023) referem-se à taxa de desocupação, que é baseada na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua, ou seja, evidenciam a porcentagem de pessoas na força de trabalho que estão desempregadas.

O IBGE (Brasil, 2023) indica também que no Brasil, no primeiro trimestre de 2023, a taxa de desocupação ficou em 7,2% entre os homens e 10,8% entre as mulheres. Um olhar para a diferença entre o gênero, é significativo, pois este levantamento mostra que muitas brasileiras estão tentando se recolocar no mercado de trabalho. A taxa de desemprego ainda se manifesta com diferenças regionais, sendo a região Nordeste com a maior taxa de desemprego (12,2%).

Considerando os dados do IBGE (2023), e refletindo sobre esta realidade, a falta de representação das mulheres em diferentes espaços é questão que surge do patriarcado. Ademais, a não ocupação em espaços de poder e a carência de liderança feminina restringe o desempenho fundamental das mulheres na definição de políticas e legislação. A questão prossegue desde as mulheres ainda receberem salários mais baixos do que os homens, até a

realidade de alguns países onde ocorrerem a mutilação da genital feminina.

Conforme exposto em nossa revisão de literatura, o estudo de Santos (2022) revela que as manifestações de assédio moral e sexual contra as docentes, ocorre tanto de forma e velada quanto explícita.

Vásquez (2019) apresenta informações sobre o assédio sexual no contexto acadêmico, destaca que esse tipo de violência ocorre principalmente entre pares e na relação entre professores e alunos, e afirma que os professores do sexo masculino são os principais assediadores.

Considerando as observações dos autores referidos anteriormente, partiremos desses princípios como ponto de partida para considerar e refletir o motivo pelo qual atitudes verbais ou atos físicos estão ocorrendo nas instituições de ensino superior.

Almeida Filho (2012, p.62):

Insiste no reconhecimento obrigatório dos diferentes contextos plurais, múltiplos, tanto intelectuais, sociais e institucionais, que balizam a produção do conhecimento. Em princípio, identifica um contexto epistemológico, que visa entender os modos e possibilidades de formação do conhecimento e suas bases lógicas. Um contexto social na medida que se pode dizer que a universidade, fazendo parte da sociedade, de alguma forma participa no processo de reprodução social.

Neste sentido, de forma interconectada com a nossa pesquisa, é imprescindível compreender o contexto social de uma forma mais ampla, o qual inclui a presença de violências no ambiente universitário contra as mulheres, mais precisamente, contra as professoras, frequentemente enraizadas no machismo e patriarcado da sociedade.

Buscar essa compreensão é crucial para olhar também para a história da instituição universitária, servindo como fundamento para uma análise aprofundada a respeito das vivências de opressão, silenciamento e desvalorização das mulheres neste ambiente.

### 1.3 DESIGUALDADE DE GÊNERO: AS FACES VELADAS NA GERAÇÃO DE VIOLÊNCIAS

Considerando que os pilares de família e bons costumes vindos da religião são bases que na maioria das vezes moldam valores, crenças e as interações humanas. No entanto, a boa imagem de tais princípios oculta uma realidade complexa e infeliz, a persistência da violência contra os corpos femininos.

A influência da igreja na vida das pessoas, configura normas sociais e culturais, e é nesse caminho que buscaremos discutir a respeito da intersecção entre alguns aspectos da religião e a violência contra as mulheres.

Na presente seção são levantadas informações sobre como as questões advindas da religião podem contribuir para a perpetuação da desigualdade de gênero, muitas vezes de maneira velada, dificultando a identificação de seu papel como geradoras de violência.

Nesse sentido, iniciamos pontuando a respeito de algumas interpretações religiosas serem usadas para justificar, tolerar e incentivar formas de violência contra as mulheres. A compreensão dos vínculos controversos que existem entre a religião e a violência, nos permite abrir espaço para discutir as implicações sociais, culturais e políticas em nossa sociedade.

Embora as religiões promovam determinados valores de respeito e dignidade, algumas percepções religiosas, não passam de maneiras de justificar e perpetuar a opressão contra as mulheres. Ressaltamos que nem todas as pessoas que seguem uma religião compactuam com tais ideias.

Em algumas culturas as formas de violências contra a mulher, incluem o casamento infantil e forçado, tais práticas não apenas configuram formas de violência, como também criam uma dinâmica de fragilidade para as jovens ao negar a capacidade de consentimento, privando-as de qualquer escolha.

Segundo os dados da Organização das Nações Unidas – ONU (2023), cerca de 640 milhões de meninas se casaram na infância. Isso caracteriza uma média de 12 milhões de jovens por ano (Onu, 2023).

Apesar do casamento infantil ser banido em quase todos os países, ele ocorre em qualquer lugar do mundo. Uma questão alarmante é quando aumentam casos de emergências humanitárias.

Conforme a notícia da ONU de 2022:

Conflito, deslocamentos, desastres naturais e mudança climática agravam os fatores do casamento infantil destruindo subsistências, sistemas de educação e aumentando os riscos de violência sexual. Além disso, a situação eleva receios com a segurança das meninas e a casos de honra de família. Nessas situações de fragilidade, a incidência de casamento infantil quase dobra em comparação com a média mundial, sem crises (Onu, 2022).

O casamento infantil, caracteriza riscos sérios para as meninas, já que quase sempre precede a gravidez na adolescência, o número de complicações durante a gestação e nascimento de crianças são o principal motivo de morte de meninas entre 15 e 19 anos (Onu, 2022).

As consequências se alastram, já que não estão preparadas fisicamente, muito menos psicologicamente, na maioria das vezes são forçadas a abandonar os estudos, sendo expostas a condições de vulnerabilidade e violências.

Em muitas culturas o casamento precoce é visto como algo normal, mas nesse meio sabe-se que existem muitos casos se caracterizam como pedofilia e/ou estupro.

No contexto brasileiro, meninas a partir dos 16 anos podem se casar mediante a permissão por parte dos pais. Estatísticas revelam que 36% das jovens, ainda na fase de infância, formalizam uniões conjugais antes de atingirem os 18 anos. Atualmente, o Brasil ocupa a posição de liderança na América Latina e se encontra em quarto lugar globalmente (Onu, 2022).

De acordo com uma matéria da British Broadcasting Corporation (2019), em determinadas comunidades, em nome da religião, ocorre a mutilação da genital feminina, a prática consiste em realizar o corte ou a remoção completa da genitália externa, envolve o corte dos lábios e clitóris, esse procedimento é realizado sem o consentimento, ressaltando a natureza intrusiva e não consensual desse ato. As consequências decorrentes são dores intensas, hemorragias e infecções severas, riscos que comprometem a vida sexual, reprodutiva e psicológica das meninas. É um processo que inclui fatores de aceitação social e influência religiosa, considerado um modo de preservar a virgindade, e um marco simbólico de transição para a vida adulta, visto como uma condição prévia para o matrimônio e para ampliação do prazer masculino.

De acordo com uma reportagem da ONU News (2022), realizada com a ativista Jaha Dukureh, em determinadas comunidades da África ocorre o casamento infantil, e em nome da religião, é realizada a mutilação da genital feminina. Na entrevista é notificado que mais de 200 milhões de mulheres e meninas em 30 países foram vítimas de mutilação genital feminina.

Com o intuito de destacar essa rede complexa de desafios e violências que as mulheres enfrentam, também destacamos que muitas adolescentes são privadas de fazer o uso de método contraceptivo, algumas delas carecem de informações sobre o assunto, assim como também estão envolvidas outras questões que violam o direito à autonomia. A falta de acesso e informação acabam gerando resultados significativos de gravidez não planejada, que por sua vez, contribui para a incapacidade de decidir sobre o desejo de ter ou não filhos, o momento mais adequado, e a quantidade de filhos que se pretende ter.

Associado aos fatores colocados anteriormente, surgem maiores desafios em relação à educação e ao emprego para as mulheres que são mães, tornando um ciclo contínuo de subordinação. A violência transcende em todos os lugares, tornando inúmeras mulheres

vulneráveis até mesmo entre aqueles em que elas confiam, a perpetuação de discursos machistas e misóginos confinam as mulheres a um lugar que as aprisiona em seus próprios corpos.

Nesse caminho, Lina Meruane, explora a condição imposta aos corpos femininos como meros instrumentos de fertilidade.

No ter-filhos não persiste só o chamado biológico (o proverbial relógio fazendo saltar seu insuportável tique-taque). mas a ele *se acrescenta* o insistente alarme do ditado social: somam-se os hormônios e os discursos da reprodução, fazendo com que ao mandato materno se torne difícil se esquivar. É como se, no fundo, para além de nós mesmas, de nossa possível resistência, estivesse soando um disco demográfico arranhado, exigindo ou estimulando, a cada volta, de maneira estranhamente compassada, que continuemos fazendo filhos (Meruane, 2018, p. 18).

As imposições e preconceitos direcionados às mulheres, que as definem à papéis de subserviência, o da mulher-mãe e mulher-esposa, resultam em uma escravidão doméstica. E o lugar das mulheres que buscam aspirações fora da maternidade? Encontram-se em um mar de julgamentos. A pressão social é um bombardeio vindo de todos os lados, familiares, amigos e estranhos, comentários e questionamentos desnecessários que incluem estereótipos de gênero a papéis ditos tradicionais.

Relacionado ao ambiente familiar, existe uma mudança gradual na percepção social de tais aspirações, por um lado existem familiares que apoiam a decisão, por outro ainda persiste a resistência e desaprovação da mulher que não concentra sua vida à maternidade e aos afazeres domésticos.

De acordo com Mansur (2003), as mulheres que fazem a escolha de não ter filhos, frequentemente enfrentam estigmatização por meio de preconceitos que promovem a exclusão e a não adequação, visto que a sociedade ainda mantém a visão de que a maternidade é um papel essencial que preenche a identidade feminina, e confere a elas um espaço em termos socioculturais.

Lina Meruane (2018), traz a seguinte citação pertencente a James Joyce, o qual produz o pensamento patriarcal de sua época, mas que ainda representa a atualidade. “Dizia-se que as mulheres só deviam parir filhos de carne e osso, enquanto os homens davam à luz filhos-livros tirados do “ventre de sua imaginação”, depois de alimentá-los por “anos e anos [...] a partir da sua mente e da sua memória” (Meruane, 2018, p. 99).

Essa descrição permite o entendimento histórico das responsabilidades entre os papéis de gênero, evidenciando a divisão tradicional do trabalho. Às mulheres cabia o papel de mães cuidadoras, enquanto aos homens a valorização de contribuições intelectuais e criativas.



A citação também nos faz olhar para os mesmos desafios na contemporaneidade, as construções de gênero moldaram e continuam a moldar a vida das mulheres, mas no contexto contemporâneo, o pensamento patriarcal persiste, submetendo as mulheres a conciliar responsabilidades profissionais com as atividades ligadas à esfera reprodutiva e de cuidado.

Assim, subentende-se que: “o trabalho *produtivo* é masculino, e o *re-produtivo*, um serviço obrigatório da mãe. Em outras palavras, as mulheres produzem e se re-produzem sem que seja valorizada nenhuma de suas produções.” (Meruane, 2018, p. 142).

A concepção do "ser mulher" é frequentemente reduzida à capacidade de reprodução, o que restringe a identidade feminina à maternidade. Isso, por sua vez, justifica a existência de diferenças de gênero no que se refere aos papéis desempenhados por homens e mulheres. As mulheres são relegadas a papéis predefinidos, principalmente como o de mãe e esposa, o que as coloca em uma posição de servidão, sem liberdade de escolha sobre suas vidas e autonomia para tomar decisões independentes. Por outro lado, os homens têm a capacidade de decidir se desejam ou não assumir os papéis de pai, marido e filho, tendo uma margem de escolha. (Santos; Izumino, 2005).

Ainda hoje, muitas mulheres enfrentam dificuldades no local de trabalho, manifestados por meio da discriminação de gênero, restrições para o avanço na carreira, o que inclui salários mais baixos em comparação aos homens, falta de reconhecimento, e outras barreiras associadas a cargos de liderança.

Frente às reflexões apresentadas nesta seção, podemos concluir que as questões relacionadas à igualdade de gênero no ambiente de trabalho, sobretudo no cenário acadêmico, persistem como área de preocupação e pesquisa relevante. Embora partamos de diversos pontos para a discussão, todo o desenvolvimento está centralizado em um escopo de violências.

Finalizamos a seção com alguns questionamentos, buscando compreender melhor as dinâmicas de gênero no ambiente acadêmico conforme o lugar de algumas das professoras de ensino superior, que optaram pela maternidade. Quais obstáculos elas enfrentam ao equilibrar suas atividades de pesquisa com as demandas da maternidade? Existem disparidades entre pesquisadores do sexo masculino que são pais e pesquisadoras que são mães? De maneira institucional, as expectativas em relação à produtividade se mantêm quando a professora se torna mãe?

Em suma, este olhar é fundamental para a compreensão de algumas das violências que ocorrem no ensino superior, as pressões e opressões enfrentadas pelas mulheres, independentemente de serem ou não mães.

#### 1.4 MACHISMO, SEXISMO E SILENCIAMENTO DAS VOZES FEMININAS

Nesta seção, iremos explorar a interconexão entre machismo, sexismo e o silenciamento das mulheres, ancoradas principalmente no referencial teórico de Angela Saini (2018) sua abordagem nos permite um aprofundamento na compreensão dos efeitos desses fenômenos na vida das mulheres, principalmente a respeito da opressão ao longo da história.

Inicialmente, os termos “machismo” e “sexismo” podem apresentar variações em sua definição conforme as diferentes fontes consultadas, porém, tais distinções não prejudicam, nem comprometem a compreensão, uma vez que ambos possuem relação e são utilizados para descrever atitudes, práticas e crenças associadas à desigualdade de gênero.

Assim, compreendemos que o machismo é configurado conforme toda posição que considere o masculino naturalmente superior ao feminino, se sustenta a partir do regime patriarcal, estando presente na sociedade desde muito tempo, no sistema social, econômico, político, religioso e no núcleo familiar se manifesta por meio da figura do pai de família que detêm o poder. A manutenção e naturalização do machismo é uma bagagem cultural manifestada por meio de discursos que legitimam o abuso de poder em relação às mulheres. O conceito de machismo, nos conduz a diversos contextos, pois está presente em nosso cotidiano, frequentemente mascarado por meio de “brincadeiras” e/ou “piadas”, o indivíduo machista, pode se tratar de um homem e até mesmo de uma mulher, se recusa à condição de igualdade entre os gêneros, e enaltece a figura masculina sobre a feminina. O machismo é “[...] essencialmente, uma expressão do patriarcado que se materializa nas relações interpessoais, para perpetuar relações de dominação e poder via inferiorização, submissão e apropriação das mulheres” (Conselho Federal de Serviço Social, 2019, p. 10).

No caso de mulheres que adotam atitudes machistas podem estar ligadas várias questões, entre elas a falta de consciência a respeito da perpetuação de violências, socialização em ambientes onde normalizam comportamentos abusivos, pressão social associada a papéis tradicionais de gênero, entre outras. A luta contra o machismo não é exclusiva de um único gênero, requer a conscientização e a mobilização de todas as partes para que se promova igualdade e justiça (Conselho Federal de Serviço Social, 2019).

O psicanalista Helio Hintze (2022), destaca que o machismo está pautado a partir de uma forma discursiva, construída por meio de uma leitura sociológica da biologia. Nessa lógica o homem apresenta a força, virilidade e virtude moral, valores esses que são considerados ausentes nas mulheres, assim abre-se o espaço para os homens e fecha o espaço de fala, escuta, participação e de respeito para as mulheres. Esta é uma das maneiras como no

discurso o poder se expressa.

Rebecca Solnit (2017) afirma que:

O mesmo poder que, no discurso não educado e nos atos físicos de intimidação e violência, e com muita frequência na maneira como o mundo é organizado, consegue silenciar, apagar, aniquilar as mulheres, como pares, como participantes, como seres humanos com direitos - e, tantas vezes, como seres vivos (Solnit, 2017, p. 27).

Não há certificação de superioridade do gênero masculino sobre o feminino, a hierarquização de valores somente reproduz violências. As ações que desvalorizam as mulheres têm caráter subjetivo, sendo empregadas para exercer o controle, e reproduzir desigualdades e discriminações (Conselho Federal de Serviço Social, 2019).

Segundo Manne (2018), o termo sexismo ou machismo abrangem as normas da sociedade patriarcal. Enquanto a misoginia atua como um sistema coercitivo para impor o cumprimento dessas regras. “O sexismo deve ser entendido principalmente como o campo que justifica a ordem patriarcal, que consiste numa ideologia com a função de racionalizar e justificar as relações sociais patriarcais” (Manne, 2018, p.78-79).

A misoginia representa uma das mais antigas formas de preconceito na história, caracterizada pelo ódio ou aversão em relação às mulheres. As expressões podem variar, desde a discriminação de gênero até para casos de difamação, violência e objetificação sexual. Entre violências diretas e indiretas, encontram-se agressões físicas, psicológicas, sexuais, mutilações, perseguições e feminicídio (Moterani; Carvalho, 2016, p. 167).

Saini (2018), faz uma investigação e analisa as maneiras pelas quais as mulheres são subjugadas e discriminadas com base na ordem de sexo/gênero, tendo como fundamento central o conceito de sexismo, também aborda a perpetuação da ideia de superioridade masculina, que posiciona as mulheres a papéis secundários.

A parcilidade das investigações científicas é um tema que Saini se debruça, ela comenta sobre o reforço dos estereótipos devido à descoberta dos hormônios masculinos e femininos, realizada por endocrinologistas, e também aborda sobre:

O confronto na área das pesquisas genéticas sobre cromossomos X e Y como geradores de diferenças; sobre como os hormônios sexuais podem ser responsáveis pelas diferenças entre as habilidades sociais e mentais de cada um dos sexos, ou sobre o papel da presença maior ou menor das taxas de testosterona como fator de desenvolvimento diferenciado dos cérebros de homens e mulheres (Saini, 2018, p. 13).

Ao estudar essa questão, a autora levanta informações a respeito dos absurdos que a comunidade científica trouxe para a vida das mulheres, e demonstra o quão errados eles

estiveram sobre nós. Acerca do papel da ciência: “foi e continua sendo da maior importância porque aquilo que ela afirma molda, em grande medida, o pensamento social sobre os sexos. A luta pela igualdade não pode deixar de lado o debate sobre as ciências e os fatos ditos biológicos” (Saini, 2018, p. 14).

Entre esses embates, também surge o termo neurosexismo, trata-se dos “estudos científicos que se baseiam em estereótipos de gênero como pressupostos para suas pesquisas. Um exemplo considerado radicalmente neurosexista são os estudos sobre a massa cerebral feminina e masculina” (Saini, 2018, p. 13).

O biólogo evolucionista George Romanes, entrou na discussão acerca da anatomia cerebral e argumenta na *Popular Science Monthly*, “verificando que, em média, o cérebro das mulheres pesa cerca de 142 gramas a menos que o dos homens, por causas meramente anatômicas, deveríamos estar preparados para esperar por uma nítida inferioridade de capacidade intelectual” (Saini, 2018, p. 135).

O termo "neurosexismo" é utilizado para descrever estudos que interpretam diferenças cerebrais entre os gêneros de maneira reducionista, uma vez que, não são analisadas as complexidades da biologia, resultando apenas em informações que ampliam as desigualdades de gênero (Saini, 2018).

Outra questão abordada é que por muitos anos somente foram estudados indivíduos do sexo masculino em pesquisas, o que resultou em diversas interpretações simplistas e até mesmo errôneas, já que as amostras femininas não eram contempladas. Depois de muito tempo, com a entrada das mulheres na universidade, as cientistas conseguiram provar a existências de erros nesses estudos, Saini (2018) ressalta que até os dias de hoje, ainda se tem uma linha divisória entre homens e mulheres dentro da comunidade acadêmica. Na área das ciências, muitas mulheres com descobertas extraordinárias foram colocadas em segundo plano, e suas genialidades atribuídas à homens que se apropriaram de suas ideias, conhecimentos e conquistas.

Conforme as informações contidas na Encyclopedia Britannica, a austríaca, Lise Meitner, nascida em 1878, Viena, Áustria-Hungria, enfrentou inúmeras dificuldades, inicialmente para se formar em física e posteriormente para conseguir um emprego. As restrições impostas pelas leis da época, fizeram com que Lise somente conseguisse entrar na Universidade de Viena no ano de 1901. Meitner foi uma das responsáveis por descobrir a existência da fissão nuclear, foram incontáveis as restrições para que ela conseguisse realizar suas pesquisas, e para finalizar essa sequência de obstáculos, ainda ocorreu o injusto desfecho de sua história na ciência.

A seguir, Salomon S. Mizrahi (2005), evidencia o seguinte trecho:

Em 1944, a Real Academia de Ciências da Suécia concedeu o Prêmio Nobel de Química a Otto Hahn, em reconhecimento pela *sua* descoberta da fissão nuclear (*for his discovery of the fission of heavy nuclei*), mas não premiou Lise Meitner, que colaborou com Hahn no experimento que levou à descoberta do fenômeno e que, logo depois, juntamente com o seu sobrinho, o também físico Otto Robert Frisch, interpretou e explicou corretamente o processo de fissão do urânio-235 ( $^{235}\text{U}$ ), em um artigo seminal, publicado em 1939 na revista *Nature* (Mizrahi, 2005, p. 491).

Lise, é resultado de muita luta, uma mente brilhante à margem do sistema patriarcal vigente que reproduz violências, oprime e restringe mulheres, ofuscada, sua ascensão no campo da física não foi devidamente reconhecida.

De encontro com a realidade do século XX descrita anteriormente, por mais que atualmente a trajetória das pesquisadoras dentro das universidades apresente avanço com número significativos de mulheres, ainda alguns padrões se mantêm, e o poder do silenciamento sob as mulheres se manifesta.

### 1.5 A OUTRA DA OUTRA

A violência contra às mulheres é caracterizada por eventos que relacionam a classe social, raça, orientação sexual/identidade de gênero e nível educacional, portanto, ao ser discutido esse assunto, é necessário refletir sob uma perspectiva interseccional.

Embora esta pesquisa tenha sido realizada com mulheres cis e brancas, em termos de referenciais teóricos e de interseccionalidade, optamos por pontuar algumas das realidades vivenciadas por mulheres e meninas negras com o intuito de subsidiar outras pesquisas e olhar para estas questões, a violência de gênero acompanhada do racismo, além do trajeto de luta das mulheres transexuais em busca do reconhecimento enquanto sujeitas políticas, e a imperativa necessidade de romper com os discursos hegemônicos.

Sotero (2013, p. 36) descreve que o elemento representativo das experiências das diferentes formas de ser mulher estaria assentado no encruzamento entre gênero, raça, sem predominância de algum elemento sobre outro (*apud* Ribeiro, 2019, p.59).

A autora Ribeiro (2019), ressalta a questão de as mulheres negras experimentarem a opressão de maneiras distintas, um lugar onde o ser mulher é movido por uma sociedade desigual, racista e sexista.

Tendo em vista essa multidimensionalidade, nos instrui com a seguinte teoria:

A outra tentativa mais recente de transformar as categorias mulher experiência e política pessoal é o ponto de vista feminista (*feminist standpoint*). Segundo essa teoria, a experiência da opressão sexista é dada pela posição que ocupamos numa matriz de dominação onde raça, gênero e classe social interceptam-se em diferentes pontos (Ribeiro, 2019, p.70).

Pensar mulheres, a diversidade de ser quem se é marcada por diferenças significativas, portanto, particulares, atribuí-las como universais é não pensar nessa dimensão, e fazer com que partes desse ser mulher não seja representado, uma vez que, o universal está posto a um determinado tipo de mulher, aquela que é vista em sociedade.

Conforme o Atlas da Violência (2019), cerca de 66% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras, enquanto a taxa de homicídios de mulheres não negras se configurava em 2,5%, essa mesma taxa para mulheres negras foi de 4,1%. Isso configura uma relação de risco de 1,7% vezes maior de mulheres negras serem vítimas de homicídio.

Acerca dos dados, percebemos a falta de um olhar étnico-racial, pois existem políticas de enfrentamento à violência contra as mulheres, mas quais mulheres estão sendo alcançadas?

Partimos de uma realidade onde foi instalada uma normatização hegemônica, estabelecendo o lugar de uma mulher subalterna. As ações emancipatórias são um caminho para que as políticas contemplem todas as mulheres, romper com a lógica de universalidade que apenas exclui e invisibiliza.

Ribeiro (2019, p.41), também nos auxilia que “é preciso focar nessa realidade ou, como as feministas negras afirmam há muito: nomear. Se não se nomeia uma realidade, nem sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível”.

A respeito das mulheres negras, a autora Collins (2016) explica sobre o lugar do *Outro* e a necessidade dessas mulheres se autodefinirem. “O status de ser o “outro” implica ser o outro em relação a algo ou ser diferente da norma pressuposta de comportamento masculino branco.” (Ribeiro, 2019, p.43).

Nesse modelo, homens brancos poderosos definem-se como sujeitos, os verdadeiros atores, e classificam as pessoas de cor e as mulheres em termos de sua posição em relação a esse eixo masculino branco. Como foi negada às mulheres negras a autoridade de desafiar essas definições, esse modelo consiste em imagens que definem as mulheres negras como um outro negativo, a antítese virtual da imagem positiva dos homens brancos (Collins, 2016, p.105, *apud* Ribeiro, 2019, p.44).

O não reconhecimento de que partimos de lugares distintos, posto que experienciamos gênero de modo diferente, leva à legitimação de um discurso excludente, pois não visibiliza outras formas de ser mulher no mundo.

“Logo, definir-se é um status importante de fortalecimento e de demarcação de possibilidades de transcendência da norma colonizadora” (Ribeiro, 2019, p.44).

Portanto, deve-se ter uma atenção a responsabilidade de que mulheres brancas que não se comprometem com a mudança, compactuam com uma falta de postura ética em pensar o mundo a partir de seus lugares. Mulheres compartilham opressões de gênero, cabe a tarefa de não ignorar e questionar outros lugares, o lugar de mulheres periféricas, negras, gordas, lésbicas, transexuais.

Refletir a respeito do lugar social que as mulheres ocupam a partir de uma matriz de dominação, é pensar nas condições sociais que permitem que certos grupos acessem determinados locais. Por exemplo, as mulheres negras estão a margem de um lugar social desigual que exclui e restringe oportunidades, experienciam gênero de formas diferentes de mulheres brancas. Nas palavras da autora Ribeiro (2019, p.69) “o ser branco como metáfora de poder”.

Por mais que pessoas pertencentes a grupos privilegiados sejam conscientes e combatam arduamente as opressões, elas não deixarão de ser beneficiadas, estruturalmente falando, pelas opressões que infligem a outros grupos. O que estamos questionando é a legitimidade que é conferida a quem pertence ao grupo localizado no poder (Ribeiro, 2019, p.68).

Nesse caminho, outro componente extremamente importante é também reconhecer as experiências das mulheres transexuais e travestis. A autora Letícia Nascimento (2021) destaca que desde a sua infância experienciava questões ligadas ao machismo e sexismo.

Como travesti, Letícia Nascimento (2021) se questionava:

Eu vivia um lugar que, para muitos, é um não lugar — mas era um mundo só meu. Não estava em nenhuma margem do rio. Eu pensava que só poderia existir uma margem para o gênero masculino e outra para o gênero feminino. Rompendo com essa realidade, eu escolhi ser o próprio rio que corria veloz para além do vale, para um lugar onde se fazer era possível no confronto com algumas regras impostas (Nascimento, 2021, p. 20).

Com a questão citada anteriormente, a autora Letícia resgata a provocação de Sojourner Truth, mulher negra, que proferiu um discurso em 1851, com a seguinte pergunta: “E eu não sou uma mulher?”. A autora reelabora inserindo o verbo “poder” - “E não posso ser eu uma mulher?”, com o intuito de enfatizar a existência de discursos do próprio feminismo que pré-determinam quem pode e quem não pode ser uma mulher, pautada em uma condição universal. (Nascimento, 2021, p. 20). Assim, ela engaja o transfeminismo como parte do feminismo, reconhecendo que as diferentes experiências de mulheres transexuais e travestis requerem

teorizações e reivindicações políticas dentro do feminismo.

Manter essa pluralidade de vivências no caleidoscópio feminista significa entender que, apesar de diferentes, conectamo-nos com estruturas de opressão semelhantes, tais como o patriarcado, o machismo e o sexismo, que, no decorrer da história, vêm subjogando socialmente as experiências femininas (Nascimento, 2021, p. 22).

Este diálogo interseccional lança foco sobre as vítimas, visando identificar marcadores de violência frequentemente mascarados pela naturalização de ações e comportamentos. Nesse contexto, a violência contra as identidades femininas, em especial o assédio, é frequentemente permeada por elementos sexistas.



## CAPÍTULO 2 O STATUS DE PODER NA ACADEMIA

### 2.1 COMPREENDENDO OS TERMOS MANSPLANING, MANTERRUPTING, BROPRIATING E GASLIGHTING: DINÂMICAS DE GÊNERO E PODER

Na contemporaneidade, a divisão de espaços na academia entre homens e mulheres ainda permanece notavelmente distinta, relevando um status de poder entre os gêneros. Essa desigualdade não apenas reflete as complexas estruturas sociais subjacentes, mas também ressalta a urgente demanda por medidas que visem à promoção da igualdade de gênero e da equidade neste espaço.

Considerando este contexto, as experiências vividas nas universidades emergem como uma temática relevante, uma vez que se trata de um reflexo sobre as condições de como são organizadas e desenvolvidas as atividades nesse ambiente. É fundamental analisar de que forma homens e mulheres ocupam e interagem nos diversos campos do conhecimento acadêmico, identificando barreiras e oportunidades que possam contribuir para a promoção de uma maior igualdade de gênero no meio acadêmico.

Assim, buscamos nos localizar no tempo, e encontramos o estudo pioneiro denominado *The harassed worker* realizado em 1976 pelo psiquiatra Carrol Brodsky, sua pesquisa trouxe à tona as violências que ocorrem no ambiente de trabalho.

Já em estudos mais recentes como o de Caran (*et al.*, 2010), *Assédio moral nas instituições de ensino superior: um estudo sobre as condições organizacionais que favorecem sua ocorrência*, é possível observar que as investigações relacionadas ao assédio são mais específicas e direcionadas para um determinado objeto de estudo.

A área acadêmica, é um ambiente rodeado de provações, pois exige-se considerável esforço para ser possível atingir determinados cargos, bem como atuar em algumas áreas de pesquisas. Considerando fatores econômicos, culturais, emocionais, sobretudo ligados a concorrência, muitas pessoas apresentam condutas inadequadas, refletindo em casos de assédio moral (AM) no interior da universidade, também ocorrem casos de assédio sexual (AS), mas estes envolvem outras condições.

Tendo em vista os aspectos acerca das violências, Solnit (2017) nos apresenta determinados termos para caracterizar algumas das violências que as mulheres sofrem diariamente, a autora destaca a história por traz de mulheres que foram ofuscadas diante dos seus feitos, discute sobre os abusos de poder que acontecem em campus universitários, e a respeito da cultura que silencia e alimenta o patriarcado.

No livro *Os homens explicam tudo para mim*, da autora Rebecca Solnit (2017), é criado e tem notoriedade o termo *mansplaning*, a partir da união de *man* (homem) e *explain* (explicar), é utilizado para descrever a atitude de um homem dedicar seu tempo para explicar algo óbvio para uma mulher, assumindo que ela não compreende o assunto. Relacionando o termo com atitudes semelhantes que ocorrem no ambiente acadêmico, *mansplaning* pode se manifestar em situações em que pesquisadoras são subestimadas ou desvalorizadas por seus colegas masculinos, podendo ocorrer em reuniões, conferências e discussões acadêmicas, onde suas contribuições são diminuídas, questionadas ou ignoradas.

Em consonância, outros termos também surgiram, e serão destacados a seguir de acordo com as informações presentes no Glossário Antimachista (2021, p.22).

*Maninterrupting*, é uma junção de *man* (homem) e *interrupting* (interrupção), a tradução significa “homens que interrompem”, é um comportamento onde uma mulher não consegue concluir sua frase, pois é constantemente interrompida por homens que estão a sua volta. “O termo ficou conhecido após um estudo realizado pela Universidade de Yale, o qual concluiu que as senadoras americanas se pronunciam menos do que seus colegas homens de posições inferiores”. No ambiente acadêmico pode-se dizer que acontece principalmente como uma forma de silenciar as vozes das pesquisadoras e acadêmicas, uma vez que, diminui a visibilidade e influência das mulheres, afetando negativamente a qualidade de pesquisas e a diversidade de perspectivas.

No que diz respeito a situações em que ocorrem a apropriação de ideias e conhecimentos, *bropropriating* é um termo com a junção de *bro* (brother, irmão) e *appropriating* (apropriação), se refere a quando um homem se apropria da ideia de uma mulher e leva os créditos por ela, acontece principalmente no ambiente acadêmico, trabalho e no dia a dia, prejudica a progressão de carreira das pesquisadoras. (Glossário Antimachista, 2021).

*Gaslighting*, refere-se a violência psicológica, uma maneira de fazer com que as mulheres duvidem de suas percepções, raciocínio e sanidade, ou seja, remete a sensação de que a mulher é incapaz de realizar algo. As pesquisadoras podem ser alvo de *gaslighting*, quando questionam sua competência e, por consequência sua capacidade de avançar na carreira acadêmica. (Glossário Antimachista, 2021).

Articulando com a pesquisa os quatro conceitos mencionados anteriormente, destacamos a sua relação com as dinâmicas de gênero e poder que ocorrem na academia e

muitas vezes são negligenciadas e contribuem para a manutenção do *status quo*<sup>2</sup>. Esses comportamentos contribuem para a marginalização e o silenciamento de mulheres, muitas vezes minando a autoconfiança e inibindo a participação plena das mulheres na produção de conhecimento. A negligência dessas dinâmicas reforça uma cultura acadêmica que favorece predominantemente indivíduos do sexo masculino, perpetuando um ciclo de desigualdade de gênero.

## 2.2 ASPECTOS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Nesta seção optamos por abordar os aspectos e conceitos da violência de gênero, ainda que a pesquisa esteja diretamente relacionada com o universo acadêmico, faremos uma descrição de maneira geral acerca da violência de gênero com o intuito de apresentar fundamentos para a compreensão das razões pelas quais as violências ocorrem de forma mais frequente com mulheres do que com o público masculino.

Segundo Scott (1995), o gênero é um componente fundamental na formação das relações sociais, baseando-se nas distinções sexuais entre homens e mulheres. Além disso, representa um elemento que confere significado às dinâmicas de poder por meio de construções culturais.

A desigualdade de gênero, como fenômeno social, se revela nas interações cotidianas, estabelecendo uma dinâmica na qual alguns indivíduos ocupam posições de poder, enquanto outros são subjugados, perpetuando assim as disparidades de gênero na sociedade. Os estereótipos geraram uma estrutura na qual os homens são frequentemente designados como dominantes, enquanto as mulheres são relegadas a papéis submissos e secundários. Essas relações de poder, resultantes da construção social de papéis de gênero, persistem e são frequentemente reproduzidas de maneira sutil, têm influenciado e continuam a influenciar as interações humanas, contribuindo para a manutenção da desigualdade de gênero. (Carvalho; Ferreira; Santos, 2010).

Entretanto, a desigualdade de gênero ultrapassa as interações sociais e assume formas mais insidiosas, como a violência de gênero. Conforme destacado por Saffioti (2001), essa modalidade de violência engloba a prática de atos que prejudicam uma pessoa com base em sua identidade de gênero, causando danos físicos, sexuais, psicológicos ou econômicos.

---

<sup>2</sup> *Status quo*: é uma expressão em latim que significa “estado atual”. Portanto, corresponde à configuração presente de uma situação e indica a manutenção das condições observadas. Disponível em: <https://www.btgpactual.com/advisors/insights/status-quo>. Acesso em: 19 out. 2023.

Entende-se gênero como uma construção social que transcende a mera divisão entre masculino e feminino, incluindo uma variedade de identidades de gênero, essa forma de violência é perpetrada por indivíduos que exercem poder ou controle sobre a vítima.

Violência de gênero é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio (Saffioti, 2001, p. 115).

Cunha (2014) argumenta que o conceito de gênero como uma construção social que define os papéis do ser homem e do ser mulher desempenha um papel fundamental na sociedade, uma vez que está intrinsecamente ligado à divisão social do trabalho, que por sua vez influencia a divisão sexual do trabalho. Dentro desse contexto, o patriarcado instaura uma dinâmica de poder que se caracteriza pela presença de uma relação de dominação e subordinação. Essa configuração representa uma interação social na qual há a presença de um sujeito exercendo domínio sobre outro. Nessa dinâmica, a mulher é frequentemente percebida como um objeto do homem, sendo muitas vezes reduzida à função reprodutiva e à satisfação sexual.

Seguindo as informações contidas na cartilha Violência de Gênero na Universidade (2017):

A violência não é somente praticada por meio de agressão física, mas também como violência sexual, moral, patrimonial e psicológica. Todos os tipos de violência que podem ser praticados contra mulher geram consequências para sua saúde e qualidade de vida. É importante saber que a violência pode ocorrer no espaço público e no espaço doméstico (Maito; Vieira; Konno, 2017, p. 6).

Com base nos tipos de violência mencionados anteriormente e conforme as descrições apresentadas na referida cartilha (2017), a violência psicológica se estabelece a partir de comportamentos que prejudicam a saúde mental e a autonomia, causando danos emocionais, diminuição da autoestima e interferência no desenvolvimento. Essa forma de violência pode se manifestar por meio de ameaças, constrangimento, humilhação, entre outros comportamentos que prejudicam a saúde mental e a liberdade de escolha.

Tendo em vista essas dinâmicas, no contexto acadêmico, a violência psicológica pode manifestar-se de várias maneiras, algumas formas típicas de violência psicológica englobam situações de assédio sexual, perpetuação de estereótipos e preconceitos de gênero, disseminação de piadas misóginas, práticas intimidadoras, assédio moral, isolamento social,

discriminação, injustiça e ameaças que se fundamentam na identidade de gênero. As violências mais comuns no ambiente acadêmico são o “assédio sexual; coerção; violência sexual; violência física; desqualificação intelectual; e agressão moral/psicológica”. (Maito; Vieira; Konno, 2017, p. 11-12).

Ao compreendermos a estreita relação entre gênero e casos de assédio, é imperativo a reflexão acerca da construção histórica de uma dominação masculina que permeia as diversas esferas da sociedade. Nesse sentido, as discussões envolvendo as temáticas de gênero e sexualidade no ambiente educacional não apenas evidenciam alguns aspectos da desigualdade, mas também capacitam as pessoas a desafiar e transformar as normas que a sustentam. Buscar a equidade de gênero requer esforços coletivos que vão além da conscientização sobre o assédio, abrangendo uma transformação nas estruturas sociais.

### 2.3 ASSÉDIO MORAL E SEXUAL NO AMBIENTE ACADÊMICO

Na busca por uma base teórica que sustente nossa pesquisa e mantenha uma abordagem conceitual precisa, iniciamos esta seção definindo o conceito de assédio moral (AM). Essa definição é essencial para evitar ambiguidade ou equívoco na interpretação de que qualquer comportamento hostil seja caracterizado como AM. No entanto, é importante reconhecer que o assédio moral não se limita a atos isolados de hostilidade, mas sim envolve padrões persistentes e sistemáticos de comportamento que visam prejudicar, condição esta destacada na cartilha *Prevenção ao Assédio Moral: Por um Ambiente de Trabalho Mais Positivo* (2019).

A primeira subdivisão desta seção, “Assédio Moral”, explorará o que caracteriza o AM, definindo-o e destacando as principais características que o distinguem. Além disso, será abordado as manifestações comuns desse tipo de assédio, com o intuito de esclarecer como o AM se manifesta na prática. Também abordaremos a necessidade de distinguir entre conflitos interpessoais e o AM, uma distinção crucial para avaliar situações de conflito no contexto acadêmico.

Hirigoyen (2002a) traz que o assédio moral se caracteriza como uma conduta abusiva, onde podem ser causados prejuízos à personalidade, dignidade ou integridade física e psicológica de um indivíduo.

De encontro a questão do assédio, Junqueira (1996) destaca que o fenômeno do AM docente se estabelece conforme:

“Bater na mesa, irritabilidade, expressões negativas e sanguíneas”, podem desaguar na repressão de emoções pelos liderados, neste caso oprimidos, inibindo discursos e ideias/iniciativas benéficas para as empresas. Junqueira também ressalta que o “bater na mesa, gritar, intimidar, isolamento social”, são comportamentos que podem vir de colegas, como também de superiores hierárquicos, ou ainda de subordinados, colegas e gestores (Dantas, 2017 *apud* Junqueira, 1996, p. 89).

Hirigoyen (2002b) enfatiza que a busca por notoriedade pode ser capaz de acarretar diversas rivalidades entre os pesquisadores, uma batalha que envolve até mesmo práticas ilícitas.

Seguindo as informações contidas na Cartilha de Prevenção ao AM e AS (2019, p. 14), as principais causas do AM estão voltadas a situações que envolvem “abuso do poder diretivo; busca incessante do cumprimento de metas; cultura autoritária; despreparo da/o chefe para o gerenciamento de pessoas; e rivalidade no ambiente de trabalho”.

Ao centralizar a questão do AM e AS no contexto acadêmico, torna-se evidente que as instituições de ensino superior não estão isentas dos problemas sociais que permeiam a sociedade. Em um ambiente onde ocorre a busca pelo saber, o AM e AS emerge como um desafio significativo, e trazer a discussão sobre esta questão é necessário para que professores, pesquisadores e estudantes ao se depararem com situações em que se sintam alvo de comportamentos hostis, humilhações, discriminação e assédio, possam procurar o devido apoio.

Ao abordar o AM como uma forma insidiosa de violência no contexto cotidiano, Hirigoyen (2002a) traz a reflexão situações que, à primeira vista, podem parecer inofensivas, envolvendo alusões, sugestões ou o não dito, mas que tais situações podem efetivamente afetar a vida de uma pessoa. De acordo com a autora, o meio educativo é apontado como um dos mais afetados pelas práticas de AM. Hirigoyen (2002a) enfatiza que as manifestações de AM no ambiente de trabalho, nas universidades e nas instituições escolares frequentemente seguem padrões mais previsíveis do que em contextos privados, mas nem por isso são menos destrutivas.

Conforme os dados encontrados na Cartilha de Enfrentamento aos Assédios Moral e Sexual: Por um Ambiente Institucional Saudável (2020), são destacadas as tipologias do AM e AS de acordo com a sua abrangência. No que diz respeito ao AM interpessoal este refere-se a ações diretas e individuais que têm como objetivo prejudicar ou eliminar um profissional em suas interações com a equipe. Por outro lado, o AM institucional ocorre quando a própria organização incentiva ou tolera o assédio, ou seja, a entidade é responsável, uma vez que seus administradores é quem criam uma cultura de humilhação e controle.

Ainda na mesma cartilha mencionada anteriormente (2020, p. 7), o AM pode se manifestar de três modos: “assédio moral vertical (AMV) ocorre entre indivíduos de nível hierárquico distintos, chefes e subordinados, e pode ser subdividido em duas espécies”. O descendente, quando os superiores utilizam sua posição de autoridade para colocar a vítima em situações desconfortáveis, como atribuir tarefas que não estão relacionadas à sua função e qualificação. O ascendente, praticado por subordinados ou um grupo de subordinados contra um superior hierárquico, causando constrangimento devido a interesses diversos. E o assédio moral horizontal (AMH), ocorre entre indivíduos que ocupam o mesmo nível hierárquico, o assediador exercer uma liderança intimidadora, é semelhante ao bullying. Por fim, o assédio moral misto que envolve a combinação do AMV e AMH, a vítima sofre assédio tanto de superiores hierárquicos quanto de colegas de trabalho. A fim de discernir o que não constitui AM, não são considerados AM exigências profissionais ou acadêmicas; aumento de carga de trabalho; e uso de mecanismos tecnológicos de controle, tais como: sistemas de registro de ponto eletrônico, para confirmar a assiduidade dos funcionários.

Heloani (2008), situa que o AM está organizado sob a ótica de uma competição global, ou seja, a sociedade está cercada por condições que conduzem à hipercompetitividade, principalmente no campo profissional, ele ressalta que enquanto persistir este foco, tanto as práticas quanto as políticas de prevenção e combate serão insuficientes para mediar o problema. Dentre as diversas manifestações de violência no ambiente de trabalho, o AM emerge como uma forma que não raro se revela de maneira implícita, por vezes sutil e indireta, porém com potencial devastador. Seus efeitos podem abalar não apenas o trabalhador, mas todo o seu entorno.

De acordo com Caran (et al., 2010), o AM é particularmente prevalente em grupos onde as pessoas competem entre si e buscam estabelecer uma posição de superioridade. Entre as atitudes negativas frequentemente observadas estão a excessiva hierarquização, lideranças inadequadas, competição desonesta, sobrecarga de trabalho, conflitos de poder, ausência de confiança e relacionamentos tensos e autoritários são fatores que exercem um impacto prejudicial no ambiente de trabalho. O ambiente universitário, em particular, é suscetível a essas ocorrências devido à intensa competição entre colegas e pesquisadores, podendo resultar em relações prejudicadas, isolamento e episódios de agressões verbais.

Assim como o AM, o AS emerge como um desafio social que se manifesta em variados contextos, tornando-se um tema de discussão extremamente necessário. Conforme evidenciado nas pesquisas previamente abordadas em seções anteriores, o ambiente acadêmico, embora frequentemente concebido como um local de avanço e igualdade, é também um espaço

onde se verificam práticas prejudiciais, incluindo casos de assédios, que afetam tanto física quanto emocionalmente a vida dos membros deste ambiente (Cartilha [...], 2020).

Com o intuito de diferenciar comportamentos inadequados de interações legítimas, buscamos trazer o conceito de AS, o qual é crucial para que seja realizada a identificação de casos de violências.

O AS configura-se como uma forma agravada do AM, caracterizada por conotação sexual, que engloba atos que visam constranger alguém por meio de palavras, gestos ou ações com o intuito de obter vantagens ou favores sexuais. Geralmente, o assediador se aproveita de sua posição hierárquica ou autoridade no ambiente de trabalho, o assédio pode ser constituído mesmo que ocorra apenas uma vez. (Cartilha [...], 2020).

O assédio sexual está relacionado com vários fatores, tais como: questões culturais, que levam os agressores a acreditar que têm poderes sobre os outros; fatores relacionados ao próprio ambiente laboral, como condições de trabalho, relacionamento entre superiores e subordinados, desrespeito aos direitos dos trabalhadores, permissividade e indiferença; o silêncio da vítima, que omite a agressão por desconhecimento de seus direitos, vergonha ou medo de represália” (Cartilha [...], 2019, p. 20).

Na mesma cartilha de enfrentamento aos assédios moral e sexual (2020), são delineados dois tipos de AS, incluindo o assédio sexual por chantagem, que ocorre quando um superior hierárquico exige que um subordinado participe de atividades sexuais como condição para manter o emprego ou obter benefícios no ambiente de trabalho. E o AS por intimidação, que se caracteriza pelo comportamento inadequado de natureza sexual, que envolve insinuações, solicitações ou outras expressões verbais ou físicas de teor sexual, é frequentemente observado, quando o AS é praticado por um colega de trabalho que ocupa a mesma posição hierárquica acompanhado de humilhações, insultos e intimidações.

Segundo os colunistas Juliana Sayuri e Rodrigo Sicuro (2019), “[...] Desde 2008, pelo menos 556 mulheres, entre estudantes, professoras e funcionárias, foram vítimas de algum tipo de violência em instituições de ensino superior” (Sayuri e Sicuro, 2019, p. 1). Tais resultados foram obtidos por meio de uma análise que envolveu a investigação de denúncias e a identificação de ocorrências em 122 instituições de ensino superior no Brasil (Sayuri e Sicuro, 2019).

As informações anteriormente abordadas ressaltam que o AS e a violência de gênero são questões persistentes no ambiente universitário, sendo importante também a observação de que a cultura acadêmica, frequentemente enraizada em estruturas de poder hierarquizadas, pode desempenhar um papel na perpetuação desse problema. (Cartilha [...], 2020).



A universidade contemporânea, embora fundamentada na premissa de ser um ambiente inclusivo e plural, como apontado por Oliveira (2019), também pode ser um espaço propenso à reprodução de manifestações de violência e preconceitos. Expressões essas que podem resultar em aversão, muitas vezes com impactos físicos e, sobretudo, emocionais. Compreender esta dualidade é fundamental, pois embora se promovam conceitos de diversidade e inclusão, ainda são enfrentados desafios significativos ligados à violência e ao preconceito.

Sayuri e Sicuro (2019) consideram que os casos de assédio são tidos como crimes históricos e silenciados, ou ainda subnotificados.

Para a reflexão, Hirigoyen (2002a) afirma sobre as distinções entre o AS e o AM. A autora argumenta que o AS possui maior ligação à perspectiva de gênero do que o AM, explica que enquanto o AM muitas vezes está enraizado na hierarquia de poder dentro de uma organização, o AS pode ocorrer em relações horizontais, o que significa que não depende necessariamente de uma estrutura hierárquica para ocorrer. No entanto, a hierarquia de gênero desempenha um papel crucial no AS, onde a condição de "macho" frequentemente respalda o assediador, conferindo a ele uma sensação de dominação sobre os corpos femininos.

A partir do reconhecimento da desigualdade nas interações entre homens e mulheres, decorrente de uma construção social que atribui valores distintos com base no gênero, raça e classe (Saffioti (2015), é imperativo recorrer a um referencial teórico que explore o conceito de gênero e suas implicações nessa relação desigual. Isso é fundamental para identificar e compreender outros comportamentos que também se configuram como formas de AS.

Fakuda (2012), enfatiza que a dificuldade em caracterizar o crime de assédio decorre, em grande parte, do nosso padrão cultural, que tende a legitimar comportamentos sexuais predatórios por parte dos homens e, ao mesmo tempo, falha em incriminar as condutas dos agressores, tratando o assédio como um problema nas relações de trabalho, e não como uma forma de violência contra as mulheres.

Oliveira (2008, p. 135) traz a reflexão:

Sempre que se discute a violência como um problema social tem-se como referência a ideia do uso ilegítimo da força, ainda que frequentemente este aspecto seja tomado como dado, fazendo com que a dimensão moral da violência seja pouco elaborada e mal compreendida, mesmo quando constitui o cerne da agressão do ponto de vista das vítimas.

De acordo com as questões pontuadas anteriormente, podemos compreender o AS como uma forma de violência de gênero, uma vez que está fundamentado em condições que

surtem socialmente, enraizadas em lógicas morais e ideológicas que são alimentadas pelas práticas sociais que moldam as relações de gênero.

No âmbito educacional, a prevenção do assédio deve ser iniciada com a compreensão do fenômeno, seguida pela promoção da inibição e denúncia. Avaliar e oferecer treinamento aos professores em habilidades sociais é uma intervenção eficaz, uma vez que atividades destinadas a aprimorar suas competências interpessoais e a enfatizar a comunicação assertiva com supervisores, colegas e alunos contribuem de maneira construtiva para a melhoria da qualidade dessas relações (Del Prette & Del Prette, 2005; Valente & Cerqueira, 2015).

## 2.4 VIOLÊNCIA VELADA E VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL

Ao compreender os conceitos de violência velada e institucional, percebemos que muitas vezes essas manifestações operam nas sombras, escapando à percepção imediata. Nesta seção, procuramos fornecer informações detalhadas sobre as complexidades desses fenômenos no contexto acadêmico, revelando as dinâmicas sutis e estruturais que perpetuam essas formas de violência. Ao investigar a violência velada e institucional, nossa intenção é promover uma reflexão sobre as interconexões entre poder, controle e as repercussões silenciosas que essas dinâmicas exercem sobre os indivíduos.

Na perspectiva de Bourdieu (2007) o poder simbólico, tem a habilidade de moldar a visão de mundo e, por conseguinte, a ação no mundo. Bourdieu destaca que o poder simbólico não está apenas nos sistemas simbólicos, mas é definido na relação entre quem exerce o poder e quem está sujeito a ele, sendo moldado pela estrutura do campo em que a crença é produzida e reproduzida.

Em sequência do poder simbólico, Bourdieu (2012), aborda o conceito de violência simbólica, descrevendo-a como uma forma de violência que se revela de maneira “invisível”, uma vez que ela se manifesta por meio genuinamente simbólico de comunicação e conhecimento, representando um elo de subjugação-submissão, emergindo de uma dominação na qual o indivíduo subjugado é, muitas vezes, cúmplice, dada a aceitação do estado natural como apresentado pela realidade.

Para Odalia (2004), atos de violência muitas vezes passam despercebidos devido à naturalização e à aproximação com a realidade vivida. Portanto, é necessário um esforço por parte do indivíduo para reconhecer esses atos e buscar de alguma maneira superar a violência. O autor ainda destaca que no ambiente educacional, encontra-se tanto a violência explícita,

que envolve a agressão entre indivíduos, e a violência simbólica, que se manifesta por meio de regras, costumes culturais e normas que perpetuam a desigualdade inerente à sociedade.

Ainda, de acordo com Bourdieu (2012), a violência simbólica diz respeito àquela que ocorre de maneira sutil e oculta, tão comum que muitas vezes não é devidamente reconhecida.

Conforme Cecília Sardenberg (2011), a violência simbólica encontra sua localização e expressão por meio de uma produção simbólica abrangente, que inclui linguagem, arte, religião e outros sistemas simbólicos que reforçam relações assimétricas e hegemônicas, promovendo desqualificações, preconceitos e diversas formas de violência.

Para Bourdieu (1999) a sociedade tradicionalmente concede aos homens uma posição de vantagem, tanto simbolicamente quanto materialmente. Essa dominação masculina se manifesta não apenas nas interações individuais, mas também nas instituições e normas que perpetuam desigualdades de gênero, organiza tanto a percepção quanto a estrutura concreta e simbólica de toda a vida social.

No contexto acadêmico:

Bourdieu percebia a estrutura universitária como um fator que contribuía para a manutenção ou propagação da violência simbólica, e, para ele, a estrutura acadêmica apresenta “um dos princípios mais decisivos da mudança nas relações entre os sexos, devido às contradições que nela ocorrem e às que ela introduz” (Bourdieu, 1999, p.105 *apud* Maia; Quirino, 2021).

Ao levar em conta o conceito de dominação masculina conforme definido por Bourdieu (1999) e estabelecendo conexões com as práticas de assédio no meio universitário, podemos perceber que se trata de uma forma de dominação simbólica que permeia várias esferas. Essa dinâmica resulta na naturalização das desigualdades entre os gêneros, reforçando a ideia de uma ordem onde o masculino é preponderante sobre o feminino.

Considerando que a violência simbólica está presente no ambiente educacional, embora de maneira sutil e velada, partimos dessa perspectiva para abordar a respeito da violência institucional.

Segundo Taquette (2007) a violência institucional abrange desde a falta de acesso e má qualidade dos serviços até formas mais sutis, como abusos decorrentes de desigualdades de poder entre profissional e usuário. Práticas discriminatórias relacionadas a gênero, raça, etnia, orientação sexual e religião frequentemente contribuem para essa forma de violência.

Conforme as informações encontradas no documento “Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres” (2011, p. 23), a violência institucional ocorre em instituições de serviços públicos, seja por ação ou omissão. Entende-se por ação, por

exemplo, quando ela pratica uma violência contra alguém, por meio de algum funcionário da instituição que se comporte de modo agressivo, e por omissão, quando não toma os devidos cuidados com uma pessoa que passou por uma situação de violência. “Mulheres em situação de violência são, por vezes, “revitimizadas” nos serviços quando: são julgadas; não têm sua autonomia respeitada; são forçadas a contar a história de violência inúmeras vezes; são discriminadas em função de questões de raça/etnia, de classe e geracionais.”

Figueiredo, Silva e Santana (2020) em seu estudo sobre assédio moral e gênero na universidade pública, identificaram que existe uma cultura organizacional marcada por uma ideologia da virilidade. As autoras destacam que a universidade é marcada por uma suposta neutralidade racional e científica alinhada à lógica meritocrática, onde se destaca a valorização do distanciamento emocional, da combatividade e da disseminação da virilidade como padrão de conduta, há uma tendência de estratégias machistas em minimizar o medo pessoal, e transferir o sofrimento para os outros.

As condições destacadas anteriormente evidenciam a presença da violência institucional na universidade, e o aspecto crítico dessa situação reside no fato de que, a universidade, enquanto instituição, ao invés de solucionar a violência, acaba por apresentar desafios significativos na sua abordagem, assumindo, assim, um papel ativo na perpetuação desse problema.

## CAPÍTULO 3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Os procedimentos metodológicos da pesquisa são de natureza qualitativa, exploratória e descritiva (Gil, 2009; Flick, 2009). A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada (Apêndice A), com seis professoras do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de uma Universidade Pública do estado do Paraná.

### 3.2 O CAMPO E SUJEITOS DA PESQUISA

**Participantes:** A amostra foi composta por 6 professoras do departamento de Biologia Geral. Para realizar o contato com as docentes foi solicitado ao secretário do curso de Ciências Biológicas uma lista com o e-mail das professoras. Na ocasião foram contatadas 15 professoras, das quais apenas 8 responderam aceitar participar, porém apenas 6 mantiveram o contato para entrevista. Das seis docentes envolvidas, a maioria, totalizando quatro, detêm posições efetivas, indicando uma representação significativa de profissionais com vínculo institucional, enquanto duas docentes desempenham papéis colaborativos. A faixa etária das participantes revela uma amplitude considerável, abrangendo idades entre 35 e 60 anos, com média de idade, calculada em 48 anos.

### 3.3 PROCEDIMENTOS ÉTICOS E PRODUÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

**Instrumentos:** Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada, cujo roteiro foi elaborado para abordar aspectos específicos relacionados ao contexto e à segurança das docentes.

A entrevista foi dividida por temáticas, cada uma direcionada para áreas específicas de investigação. Na primeira parte, foram apresentadas questões que visavam contextualizar as participantes, abrangendo informações como idade, identidade de gênero, orientação sexual e cor/raça. Essa abordagem inicial permitiu a construção de um perfil das docentes, reconhecendo a importância de fatores sociodemográficos na compreensão de suas experiências.

A próxima etapa concentrou-se nas questões relacionadas à segurança das docentes. Este segmento foi projetado para explorar situações de desrespeito, humilhação, discriminação, intimidação ou qualquer forma de violência que as participantes pudessem ter vivenciado no campus universitário ou em eventos associados à instituição.

A terceira etapa da entrevista foi dedicada à obtenção de dados específicos relacionados às experiências das docentes com violências, abordando diferentes dimensões e contextos. As questões foram estruturadas de maneira a explorar as percepções das participantes sobre os termos AM e AS, investigar se já foram vítimas de algum tipo de assédio, a proximidade com o agressor, o local e o momento em que tais situações ocorreram. Além disso, foram indagadas sobre a possível coação em atividades de pesquisa e se já sofreram agressões obscenas.

Na sequência, foram apresentados quatro termos relacionados a comportamentos machistas: *gaslighting*, *mansplaining*, *maninterrupting* e *bropropriating*. Após explicação sobre cada termo, questionou-se se as docentes já se viram em alguma dessas situações e, em caso afirmativo, em quais ambientes essas ocorrências se deram.

A quarta parte da entrevista concentrou-se no tema do sexismo, abordando discursos ofensivos e diminutivos, especialmente dirigidos ao gênero feminino. Questões específicas indagaram sobre comentários sexistas testemunhados no ambiente universitário e sobre eventuais comentários desagradáveis relacionados à aparência, investigando possíveis casos de preconceito baseado em estereótipos de gênero. A entrevista prosseguiu com a análise da influência dos estereótipos de gênero na sociedade e sua relação com casos de violência, buscando compreender a perspectiva das professoras sobre a ligação entre esses estereótipos e a manifestação de situações violentas.

Questões subsequentes exploraram situações específicas de críticas relacionadas ao trabalho acadêmico, tais como supervisão excessiva e humilhação, visando evidenciar se as docentes já enfrentaram tratamento injusto ou discriminatório no contexto universitário. Outras indagações voltaram-se para a possibilidade de as opiniões e pontos de vista das professoras terem sido ignorados em discussões acadêmicas, buscando compreender se elas já se sentiram marginalizadas ou menosprezadas.

A entrevista também abordou situações em que atividades na instituição foram evitadas devido a sentimentos de insegurança, medo, constrangimento, julgamento ou outras razões, visando compreender o impacto dessas situações na participação das docentes na vida acadêmica.

Aprofundando a investigação, foram realizadas perguntas sobre a duração das situações adversas, buscando compreender por quanto tempo as docentes vivenciaram essas

circunstâncias e o gênero predominante dos agressores, visando identificar possíveis correlações ou padrões nas experiências relatadas.

A penúltima questão abordou o apoio durante episódios de violência, buscando saber se houve suporte por parte de outras pessoas. A última pergunta tratou da eventual denúncia, visando entender se medidas formais foram tomadas para relatar os incidentes à instituição.

Finalmente, foi proporcionado um espaço para que as docentes compartilhassem ou colocassem questões adicionais sobre o tema, promovendo uma abordagem inclusiva e dando voz às experiências e reflexões individuais das participantes.

**Procedimentos:** o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética e recebeu aprovação (ANEXO A) sob o parecer nº. 6.155.709 de 30/06/2023. As docentes foram contatadas via e-mail, e as que aceitaram participar da entrevista assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, o qual está no APÊNDICE B. As entrevistas tiveram durações específicas de 32 minutos e 25 segundos; 32 minutos e 39 segundos; 38 minutos e 25 segundos; 51 minutos e 46 segundos; 55 minutos e 57 segundos; 01 hora 06 minutos e 53 segundos.

### 3.4 INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DOS DADOS

**Análise de dados:** A análise dos dados foi realizada conforme os princípios da análise textual discursiva, uma abordagem que incorpora elementos da análise de conteúdo e da análise de discurso (Moraes e Galiazzi, 2006). Essa metodologia permite uma compreensão aprofundada e contextualizada das informações coletadas durante as entrevistas, indo além da mera categorização de conteúdos para explorar as nuances e os significados subjacentes aos discursos das docentes participantes.

### 3.5 ORGANIZAÇÃO DOS DADOS DE PESQUISA

**Instrumento analítico:** Conforme Moraes (2003), o estágio inicial da Análise Textual Discursiva (ATD), denominado processo de unitarização, envolve a desconstrução das informações discursivas e a reconstrução de diversos sentidos pelo pesquisador. Assim, ao analisar as entrevistas com as docentes, identificamos a necessidade de efetuar uma seleção e delimitação do material. Nesse contexto, estabelecemos critérios específicos, incluindo a exclusão de questões que não estivessem diretamente relacionadas ao tema. Optamos por manter dados que demonstrassem profundidade, representatividade, variedade de contexto,

completude e coerência. Esses critérios foram importantes para garantir que o material selecionado estivesse alinhado com os objetivos e a abordagem da pesquisa.

Em seguida elaboramos um quadro contendo as unidades de significado que constituem o material textual de cada docente, seguindo para o processo de unitarização, no qual as informações contidas nas unidades de significado foram fragmentadas. Durante o processo de fragmentação, evitamos uma separação excessiva do texto para preservar a integridade e não restringir a interpretação do fenômeno investigado.

De acordo com Moraes e Galiuzzi (2011, p.71) a prática de descrever as unidades constitui “interpretações do pesquisador cada vez mais marcadas por sua autoria”. Nesse sentido, para compreensão do quadro, o exemplo (S1) evidencia que a unidade de significado corresponde a um trecho da resposta da participante 1 da pesquisa. No quadro também iniciamos o processo de categorização, que visa agrupar em categorias para analisar de que maneira as unidades se aproximam.

A segunda etapa consistiu no desenvolvimento da categorização, adotando a abordagem indutiva, que inclui a análise do corpus. Nesse processo, optamos por apresentar categorias iniciais, considerando a extensão do material a ser analisado. Após a constituição de categorias iniciais, procedemos com a comparação contínua entre as unidades de significado, resultando no agrupamento de elementos semelhantes (Moraes; Galiuzzi, 2011). Assim, foram estabelecidas 23 categorias distintas, as quais foram nomeadas e sintetizadas de acordo com a compreensão de todas as unidades de significado.

Em seguida, partimos para a terceira etapa, representada pelo desenvolvimento do metatexto. Esta etapa envolve a análise dos resultados obtidos na pesquisa qualitativa, por meio da elaboração de um texto que abrange aspectos descritivos, interpretativos e argumentativos, visando a compreensão do significado subjacente ao material analisado.

Conforme Moraes e Galiuzzi (2011), os diversos gêneros textuais gerados por meio da ATD apresentam variações nas ênfases atribuídas à descrição e interpretação. Alguns textos tendem a ser mais descritivos, mantendo-se próximos ao corpus analisado, enquanto outros adotam uma abordagem mais interpretativa, buscando um distanciamento mais acentuado em relação ao material original.

Os quadros a seguir apresentam narrativas relacionadas à violência de gênero e desigualdades percebidas por mulheres no contexto acadêmico, principalmente relacionados a pesquisa, ensino e maternidade. A análise seguirá sob a ótica das epistemologias feministas, destacando questões sobre silenciamento, assédio moral e sexual, desigualdades de gênero,



impacto na maternidade, desigualdades na valorização de tempos e espaços e pressões de gênero.

### 3.6 ANÁLISES E DISCUSSÕES

O quadro 7 apresenta um recorte do material extraído da entrevista com a professora 1 (P1), o qual oferece uma estrutura organizada para a análise e compreensão do conteúdo da entrevista sob a perspectiva da ATD. Esse método visa identificar padrões e significados subjacentes nas informações coletadas, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada dos elementos discursivos e das nuances presentes na narrativa dos sujeitos. (Moraes; Galiuzzi, 2011).

Quadro 7 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 1 (P1)

(continua)

Unidades de significado	Unitarização	Categorias iniciais
(P1): Ela ocorre toda vez que nós, mulheres, tentamos falar alguma coisa e sempre somos abafadas ou silenciadas e assim por diante. Então, é assim que acontece (Questão 3).	Ela ocorre toda vez que nós, mulheres, tentamos falar alguma coisa. E sempre somos abafadas ou silenciadas e assim por diante."	Violência de gênero
(P1): É quando a pessoa usa do poder dela, do poder de chefe, do poder de estar acima numa hierarquia para conseguir alguma coisa ou para fazer algum tipo de violência, a violência sexual ocorre quando contém apelo sexual relacionado a qualquer situação (Questão 4).	É quando a pessoa usa do poder dela, do poder de chefe, do poder de estar acima numa hierarquia para conseguir alguma coisa ou para fazer algum tipo de violência, a violência sexual ocorre quando contém apelo sexual relacionado a qualquer situação.	Assédio sexual
(P1): Embora, assim, às vezes eu possa dizer para você, ah, não vivenciei isso aqui, mas toda vez que eu assumo qualquer cargo, eu me sinto na obrigação de sempre ser melhor, porque parece que você está sempre tendo que provar para alguém, e	Toda vez que eu assumo qualquer cargo, eu me sinto na obrigação de sempre ser melhor, porque parece que você está sempre tendo que provar para alguém, e isso	Violência psicológica

Quadro 7 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 1 (P1)

(continuação)

Unidades de significado	Unitarização	Categorias iniciais
<p>isso não vem de hoje, ele vem das outras mulheres que me sucederam que já viveram isso. isso por violência psicológica. Mas toda vez que eu assumo alguma coisa, eu sinto essa carga. Assim, funciona com as outras mulheres também, que nós algumas vezes conversamos sobre isso, né? Como a gente se sente em relação a isso. Então, a violência psicológica no ambiente de trabalho, esse machismo gera essa violência psicológica (Questão 15).</p>	<p>não vem de hoje, ele vem das outras mulheres que me sucederam que já viveram isso. Mas toda vez que eu assumo alguma coisa, eu sinto essa carga. Assim, funciona com as outras mulheres também, que nós algumas vezes conversamos sobre isso, né? Como a gente se sente em relação a isso. Então, a violência psicológica no ambiente de trabalho, esse machismo gera essa violência psicológica.</p>	<p>Violência psicológica</p>
<p>(P1) Quando era aluna, sim, já quando eu entrei como professora, não sofri isso. Eu tinha um orientador, homem, muito exigente e ao mesmo tempo extremamente complicado de trabalhar. Então, inclusive, quando eu engravidei da minha filha, eu estava fazendo um pós-doutorado. E eu tive cobranças, assim, que depois de um mês eu deveria ter voltado para fazer as coisas que eu tinha combinado de terminar, foi outra época bem complicada. Eu acho que eu sofri mais na pós-graduação do que até quando eu entrei como professora. Porque daí eu acho que muda um pouco, né? E você vem para um lugar novo também, é diferente. Mas, assim, eu tive cobranças horríveis nessa época de ter que vir e fazer, e com um bebê, em um mês você ainda está se recuperando de uma cirurgia, eu fiz cesariana. Queria que eu voltasse, começou toda uma cobrança e uma confusão geral, e o meu ex companheiro era do mesmo laboratório também, fazia pouco para ajudar, foi uma época bem complicada quanto a isso. Eu acho que o pior do que eu vivi foi nessa época de pós-graduação (Questão 18).</p>	<p>Eu tinha um orientador, homem, muito exigente e ao mesmo tempo extremamente complicado de trabalhar. Então, inclusive, quando eu engravidei da minha filha, eu estava fazendo um pós-doutorado. E eu tive cobranças, assim, que depois de um mês eu deveria ter voltado para fazer as coisas que eu tinha combinado de terminar, foi outra época bem complicada. Eu acho que eu sofri mais na pós-graduação do que até quando eu entrei como professora. Porque daí eu acho que muda um pouco, né? E você vem para um lugar novo também, é diferente. Mas, assim, eu tive cobranças horríveis nessa época de ter que vir e fazer, e com um bebê, em um mês você ainda está se recuperando de uma cirurgia, eu fiz cesariana. Queria que eu voltasse, começou toda uma cobrança e uma confusão geral, e o meu ex companheiro era do mesmo laboratório também, fazia pouco para ajudar, foi uma</p>	<p>Assédio moral</p>

Quadro 7 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 1 (P1)

(conclusão)

Unidades de significado	Unitarização	Categorias iniciais
	época bem complicada quanto a isso. Eu acho que o pior do que eu vivi foi nessa época de pós-graduação.	

Fonte: A autora, 2023.

As falas da P1, revelam que as mulheres enfrentam o fenômeno do silenciamento ao tentarem expressar suas opiniões, indicando assim uma forma de violência de gênero. A reiteração constante desse padrão sugere a presença de uma dinâmica sistemática e recorrente. Considerando os aportes das epistemologias feministas, em nossa análise compreendemos a importância de reconhecer o silenciamento como uma expressão de poder desigual, que perpetua a marginalização das vozes femininas. Djamila Ribeiro (2019) refletiu sobre o modo pelo qual as mulheres são silenciadas, em especial, as mulheres negras, a autora destaca que é necessário focar nessa realidade, “como as feministas negras afirmam há muito: nomear. Se não se nomeia uma realidade, nem sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível” (Ribeiro, 2019, p.41).

A referida professora, também pontua a sua compreensão acerca das questões de assédio sexual, destaca duas formas específicas importantes: o abuso de poder hierárquico e a violência sexual, tais questões vão de encontro com as informações presentes na Cartilha de Enfrentamento aos Assédios Moral e Sexual: Por um Ambiente Institucional Saudável (2020), onde ocorre a utilização do poder, especialmente por parte de superiores hierárquicos, como um meio para alcançar objetivos ou perpetrar atos violentos. Esse abuso de poder reflete uma dinâmica desigual nas relações profissionais, onde a posição hierárquica é explorada para benefício próprio ou para impor ações prejudiciais. Já a definição de violência sexual que a professora traz ressalta a importância de reconhecer não apenas a violência sexual direta, mas também formas mais sutis de abuso de poder, contribuindo para uma compreensão mais abrangente da violência de gênero. Outra reflexão feita é a respeito do sentimento de obrigação de sempre provar-se em situações de ascensão profissional, indicando que as mulheres enfrentam desafios ao assumir cargos, também destaca a carga emocional relacionada à violência psicológica no ambiente de trabalho, e nesse contexto compreendemos que as mulheres enfrentam expectativas desproporcionais ao assumir papéis profissionais,

evidenciando a necessidade de questionar normas que perpetuam a ideia de que as mulheres precisam constantemente provar sua competência.

Ao compartilhar as experiências de cobranças intensas durante a pós-graduação, especialmente após a maternidade, argumentar a respeito do impacto negativo dessas pressões, e que a pós-graduação foi uma fase particularmente desafiadora. Nesse sentido, conseguimos analisar como as pressões na pós-graduação são exacerbadas, e que muitas vezes não oferecem o suporte adequado as mulheres que se encontram em momentos de sobrecarga, tais como, conciliar atividades da academia e da maternidade, o que demonstra uma interseção entre as estruturas de poder acadêmicas e as expectativas sociais em relação às mulheres, refletindo muitas vezes em assédio moral. Por fim, destaca a falta de apoio de seu ex-companheiro, evidenciando um contexto de desigualdade de gênero, onde as responsabilidades e expectativas recaem de forma desproporcional sobre as mulheres. Esse cenário reflete uma dinâmica na qual as mulheres podem enfrentar maiores dificuldades, especialmente em contextos profissionais ou acadêmicos, devido à falta de suporte e equidade nas responsabilidades familiares. Conforme Saffioti (2015) traz, a desigualdade de gênero se manifesta não apenas em ambientes de trabalho, mas também nas esferas pessoais, contribuindo para a sobrecarga e desafios enfrentados pelas mulheres ao equilibrarem suas carreiras e responsabilidades domésticas.

O Quadro 8 apresenta as narrativas da professora 2 (P2), destacando as nuances presentes nas experiências compartilhadas e enfatizando as vozes das mulheres diante das complexidades da vida acadêmica. A interseção das experiências narradas com os aportes teóricos de determinadas pensadoras estabelece uma ponte entre as vivências individuais e a discussão mais ampla sobre as estruturas de poder e desigualdades de gênero.

Quadro 8 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 2 (P2)

(continua)

Unidades de significado	Unitarização	Categorização Inicial
(P2): Olha, eu acho que, assim, até um tempo atrás, eu acho que a gente entenderia a violência de gênero diante de situações mais extremadas, né? De violência física, né? Por exemplo, às vezes até de estupro, né? Eu acho que hoje, graças à informação, a gente já entende ela de outra forma também, né? Então, às vezes, são desres-	Então, às vezes, são desrespeitos mesmo. Desde cortar fala, desde ironias, de brincadeiras, né? E elas sempre relacionadas à sua situação enquanto o gênero seja gênero mulher ou trans.	Violência de gênero

Quadro 8 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 2 (P2)

(continuação)

Unidades de significado	Unitarização	Categorização Inicial
<p>peitos mesmo, né? Desde cortar fala, desde ironias, de brincadeiras, né? E elas sempre relacionadas à sua situação enquanto o gênero seja gênero mulher ou trans, né? Enfim, dos mais diversos gêneros que a gente hoje tem. E nem sempre, o que chama a atenção também, é que nem sempre essa violência parte de um gênero para outro. Ou seja, nem sempre é hétero-gênero, né? Ou intergênero, às vezes é intra mesmo, né? É mulher para mulher, né? Então, eu enxergo como um desrespeito ou às vezes um desrespeito que vem conjugado a um estereótipo que você tem em relação àquele gênero (Questão 3).</p>	<p>O que chama a atenção também, é que nem sempre essa violência parte de um gênero para outro. Ou seja, nem sempre é hétero-gênero, né? Ou intergênero, às vezes é intra mesmo, de mulher para mulher. Então, eu enxergo como um desrespeito ou às vezes um desrespeito que vem conjugado a um estereótipo que você tem em relação àquele gênero.</p>	<p>Violência de gênero</p>
<p>(P2): O assédio moral é quando tem uma hierarquia envolvida. É quando alguém que ocupa uma posição hierárquica maior faz um assédio moral em relação ao seu subordinado ou alguém que está abaixo de você em termos de cargo. E esse assédio pode ser desde ridicularizar, menosprezar, diminuir (Questão 4).</p>	<p>O assédio moral é quando tem uma hierarquia envolvida. É quando alguém que ocupa uma posição hierárquica maior faz um assédio moral em relação ao seu subordinado ou alguém que está abaixo de você em termos de cargo. E esse assédio pode ser desde ridicularizar, menosprezar, diminuir.</p>	<p>Assédio moral</p>
<p>P2): Bom, isso enquanto eu era estudante também, né? E aí, às vezes, para saídas de campo, as meninas do laboratório não eram convidadas. Porque era como se a gente fosse no estorvo para saídas de campo. E vivenciei uma das meninas que engravidou e aí também realmente foi colocada de lado, né? Como se ela não fosse mais capaz de desenvolver a parte científica ou o trabalho dela (Questão 10).</p>	<p>Para saídas de campo, as meninas do laboratório não eram convidadas.  Porque era como se a gente fosse no estorvo para saídas de campo. E vivenciei uma das meninas que engravidou e aí também realmente foi colocada de lado, né? Como se ela não fosse mais capaz de desenvolver a parte científica ou o trabalho dela.</p>	<p>Violência de gênero  Estigma e discriminação por gravidez</p>
<p>(P2): A interrupção eu acho que é clássica, a interrupção inclusive foi uma das coisas que eu coloquei lá no início da minha fala, eu acho que as mulheres são muito interrompidas, sim, em várias esferas, a gente vê dentro da política, da universidade, a gente vê às vezes mesmo em reuniões de pesquisa. Eu já sofri isso</p>	<p>A interrupção eu acho que é clássica, a interrupção inclusive foi uma das coisas que eu coloquei lá no início da minha fala, eu acho que as mulheres são muito interrompidas, sim, em várias esferas, a gente vê</p>	<p>Manterrupting</p>

Quadro 8 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 2 (P2)

(continuação)

Unidades de significado	Unitarização	Categorização Inicial
<p>também. Que parece que quando eu começo a falar, a pessoa não ouve até o fim, ou alguém logo começa a falar em cima disso. E muitas vezes utilizando a sua ideia inicial que você estava desenvolvendo (Questão 14).</p>	<p>dentro da política, da universidade, a gente vê às vezes mesmo em reuniões de pesquisa. Eu já sofri isso também. Que parece que quando eu começo a falar, a pessoa não ouve até o fim, ou alguém logo começa a falar em cima disso. E muitas vezes utilizando a sua ideia inicial que você estava desenvolvendo.</p>	<p>Maninterrupting</p>
<p>(P2): Eu acho que esse gaslighting é muito comum e principalmente muito associado com questões emocionais. Então, constantemente você ouve dizer, né? Que se o homem é permitido ter uma voz mais forte ou áspera ou dura, e se a mulher faz o mesmo é porque tá em TPM. É isso, eu já ouvi piadinhas a respeito disso. Ah, deve estar na TPM. Ou muitas vezes porque não transou, também é muito comum. Então, isso já foi situações que apareceram às vezes em reuniões, inclusive (Questão 14).</p>	<p>Eu acho que esse gaslighting é muito comum e principalmente muito associado com questões emocionais. Que se o homem é permitido ter uma voz mais forte ou áspera ou dura, e se a mulher faz o mesmo é porque tá em TPM. É isso, eu já ouvi piadinhas a respeito disso. Ah, deve estar na TPM. Ou muitas vezes porque não transou, também é muito comum. Então, isso já foi situações que apareceram às vezes em reuniões, inclusive.</p>	<p>Gaslighting</p>
<p>(P2): Quando a mulher está numa posição de liderança, às vezes, não é muito bem recebido do outro lado. Eu já vivi uma situação dessa, sim, com professores. De homens que receberam muito mal, num momento que você tinha que, de fato, chamar a atenção desse professor. Seja lá por que razão, didáticos e pedagógicos, na grande maioria das vezes. Às vezes, um pouco disciplinar, que estava meio solto ali dentro da disciplina. Isso não foi recebido muito bem, que eu tive que me impor um pouco mais, porque não foi recebido com muita naturalidade (Questão 14).</p>	<p>Quando a mulher está numa posição de liderança, às vezes, não é muito bem recebido do outro lado. Eu já vivi uma situação dessa, sim, com professores. De homens que receberam muito mal, num momento que você tinha que, de fato, chamar a atenção desse professor. Seja lá por que razão, didáticos e pedagógicos, na grande maioria das vezes. Às vezes, um pouco disciplinar, que estava meio solto ali dentro da disciplina. Isso não foi recebido muito bem, que eu tive que me impor um pouco mais, porque não foi recebido com muita naturalidade.</p>	<p>Resistência à liderança feminina no ambiente acadêmico</p>

Quadro 8 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 2 (P2)

(conclusão)

Unidades de significado	Unitarização	Categorização Inicial
(P2): Eu acho que não de forma tão explícita. Mas, de novo, muito em tom de brincadeira, as que eu ouvi. Então, muito relacionadas a isso, que mulheres são muito inconstantes, são fases, são instáveis e dispersas (Questão 15).	Eu acho que não de forma tão explícita. Mas, de novo, muito em tom de brincadeira, as que eu ouvi. Então, muito relacionadas a isso, que mulheres são muito inconstantes, são fases, são instáveis e dispersas.	Sexismo

Fonte: A autora, 2023.

Quando a P2, aborda os desrespeitos cotidianos e as manifestações de violência de gênero, compreendemos a pertinência em dialogar com Simone de Beauvoir, em “O Segundo Sexo”, a autora lança luz sobre a construção social do feminino. A referida professora evidencia a persistência dessas estruturas na interrupção de falas e nas brincadeiras de teor sexista. Beauvoir (2009), ao explorar a relação entre o "outro" e a mulher como "o outro absoluto," contribui para pensarmos tais dinâmicas que relegam as mulheres a uma posição de subjugação.

Embora não tenhamos abordado anteriormente os conhecimentos da autora bell hooks (2013), no contexto da categoria de assédio moral e das dinâmicas de poder no ambiente acadêmico, reconhecemos a importância da perspectiva da autora, especialmente com as informações apresentadas em *Ensinando a Transgredir*, onde hooks enfatiza a necessidade de desafiar as hierarquias e promover uma educação transformadora, tornando-se uma voz relevante para interpretar a violência hierarquizada mencionada pela P2.

Ao abordar o estigma associado à maternidade e discriminação de gênero relacionada à gravidez, nos aproximamos de Lina Meruane (2018), ao fornecer um entendimento histórico das responsabilidades entre os papéis de gênero, evidenciando a divisão tradicional do trabalho. O fragmento “quando a colega de turma engravidou e foi colocada de lado, como se não fosse mais capaz de desenvolver a parte científica”, traz a reflexão sobre a imposição de papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres como mães cuidadoras, enquanto os homens são valorizados por suas contribuições intelectuais e criativas.

Conforme abordado pela P2 o conceito de *manterrupting*, encontramos suporte em Solnit (2017), que explora detalhadamente o termo e analisa as interrupções sistemáticas enfrentadas pelas mulheres. Solnit (2017), discute como esses comportamentos são

internalizados e reproduzidos, contribuindo para a manutenção de normas de gênero. A autora oferece uma perspectiva esclarecedora sobre os desafios enfrentados pelas mulheres em relação à interrupção e destaca a importância de reconhecer e desafiar esses padrões para promover a igualdade de gênero.

Considerando o termo sexismo presente no quadro, Saffioti (2015) emerge como uma teórica que analisa minuciosamente como as mulheres foram historicamente subjugadas no contexto do trabalho e da reprodução. Suas ideias proporcionam uma compreensão abrangente sobre questões sexistas e estereótipos associados às mulheres. Alinhando-se a essa perspectiva, Manne (2018) amplia a discussão sobre sexismo, conceituando-o como uma abrangência das normas presentes na sociedade patriarcal. Para Manne, o sexismo deve ser entendido principalmente como um campo que justifica a ordem patriarcal, servindo como uma ideologia com a função de racionalizar e justificar as relações sociais patriarcais. Dessa forma, as análises de Saffioti (2015) e Manne (2018) convergem ao explorar as fundamentações e justificativas do sexismo nas estruturas sociais, oferecendo uma compreensão das complexidades envolvidas nas dinâmicas de gênero.

Assim como os demais, o quadro 9 evidencia a fase de unitarização e categorização inicial, empregando a abordagem indutiva para examinar as vivências relatadas pela participante. Através da análise das experiências da professora 3 (P3) em um cenário permeado por assédio moral, assédio sexual, bropropriating, estereótipos de gênero e pressão vinculada à maternidade, torna-se possível compreender as dinâmicas de gênero presentes no ambiente acadêmico.

Quadro 9 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 3 (P3)

(continua)

Unidades de significado	Unitarização	Categorias iniciais
(P3): Para professoras, eu acho que ela é meio subliminar. E é especialmente, bom, estou falando da minha visão, né? Porque eu também não tenho contato com outras áreas e tal. Mas eu acho que o que ocorre é especialmente um assédio moral. Muito relacionada a questões de comparação, né? De produção em termos acadêmicos mesmo, né? Produtividade, envolvimento com a pesquisa, eu acho que isso sim. Para a minha realidade, acho que de uma forma meio subliminar. Não é, é velada, né? Não é alguma coisa muito clara, ninguém vai te	Eu acho que o que ocorre é especialmente um assédio moral, muito relacionada a questões de comparação, né? De produção em termos acadêmicos mesmo, produtividade, envolvimento com a pesquisa, eu acho que isso sim. Para a minha realidade, acho que de uma forma meio subliminar, é velada, não é alguma coisa muito clara,	Assédio Moral



Quadro 9 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 3 (P3)

(continuação)

Unidades de significado	Unitarização	Categorias iniciais
<p>atacar, falar assim, né? Verbalizar, mas eu acho que ocorre. De certa forma ainda ocorre. Principalmente nas situações, assim, de mulher com filhos, com filhos pequenos, né? (Questão 3).</p>	<p>ninguém vai te atacar, falar assim, né? Verbalizar, mas eu acho que ocorre, de certa forma ainda ocorre</p>	<p>Assédio Moral</p>
<p>(P3): Acho que tanto o assédio moral quanto o assédio sexual, estão muito relacionados à hierarquia. Alguém que hierarquicamente é superior a você no trabalho, por exemplo, uma chefia, um professor em relação a uma aluna, ele exerce algum tipo de constrangimento, uma coisa mais acintosa, para tirar vantagem ou vantagem em termos de trabalho, no caso do assédio, até mesmo desqualificando essa pessoa, mulher, no caso, acho que mulheres acabam sendo muito mais vítimas. O assédio sexual ocorre para tirar vantagem sexual, né? Há um tempo atrás, uma história que não foi caracterizada como um assédio sexual porque a pessoa da hierarquia superior praticava o assédio, essa pessoa assediando a outra, mas a outra respondeu positivamente, no sentido da santa ingenuidade, talvez, para colher provas. E quando aparece troca de mensagens ali, e a pessoa dá a entender que tudo bem, aceitaria, isso acabou não se caracterizando mais como um assédio. (Questão 4).</p>	<p>Acho que tanto o assédio moral quanto o assédio sexual, estão muito relacionados à hierarquia. Alguém que hierarquicamente é superior a você no trabalho, por exemplo, uma chefia, um professor em relação a uma aluna, ele exerce algum tipo de constrangimento, uma coisa mais acintosa, para tirar vantagem ou vantagem em termos de trabalho, no caso do assédio, até mesmo desqualificando essa pessoa, mulher, no caso, acho que mulheres acabam sendo muito mais vítimas. O assédio sexual ocorre para tirar vantagem sexual, né? Há um tempo atrás, uma história que não foi caracterizada como um assédio sexual porque a pessoa da hierarquia superior praticava o assédio, essa pessoa assediando a outra, mas a outra respondeu positivamente, no sentido da santa ingenuidade, talvez, para colher provas. E quando aparece troca de mensagens ali, e a pessoa dá a entender que tudo bem, aceitaria, isso acabou não se caracterizando mais como um assédio.</p>	<p>Assédio sexual</p>
<p>(P3): Quando eu era mais nova, acho que sim, aquele meio tom de brincadeira, né? Eu acho que isso é muito comum, se você interpreta como uma cantada, a pessoa fala assim, não, só tô brincando. É uma brincadeira. Fala no tom de brincadeira (Questão 10).</p>	<p>Quando eu era mais nova, acho que sim, aquele meio tom de brincadeira, né? Eu acho que isso é muito comum, se você interpreta como uma cantada, a pessoa fala assim, não, só tô brincando. É uma brincadeira. Fala no tom de brincadeira.</p>	<p>Assédio sexual</p>

Quadro 9 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 3 (P3)

(conclusão)

Unidades de significado	Unitarização	Categorias iniciais
<p>(P3): É, talvez por homem e mulher, mas acho que sim, é o se apropriar da sua fala, sabe? A ponto de eu perceber assim, poxa, mas esse discurso era meu, sabe? Acho que até, talvez não seja exatamente uma coisa, como a gente diz assim, a pessoa tem consciência de que tá fazendo isso, tá consciente de que roubou a fala do outro. Talvez seja uma questão meio inconsciente até para, talvez para se afirmar, mas eu já senti, já passei por essa situação assim. Não foi uma coisa que me prejudicou muito.</p>	<p>É, talvez por homem e mulher, mas acho que sim, é o se apropriar da sua fala, sabe? A ponto de eu perceber assim, poxa, mas esse discurso era meu, sabe? Acho que até, talvez não seja exatamente uma coisa, como a gente diz assim, a pessoa tem consciência de que tá fazendo isso, tá consciente de que roubou a fala do outro. Talvez seja uma questão meio inconsciente até para, talvez para se afirmar.</p>	<p>Bropriating<sup>3</sup></p>
<p>(P3): Ah, sim, né? Nossa, absurdamente, ainda vivemos uma sociedade, se você não tá na caixinha, eu acho que você paga um preço, e tem gente que está disposta a pagar o preço, outros ficam mais retraídos, mas eu acho que tem coisas, preconceitos na sociedade absurdos. Por exemplo, eu não tenho filhos. Me perguntam, você não tem filho por quê? Você não pode ter filho? Não pode no sentido fisiológico. Não sei, nunca tentei, mas sabe umas coisas, porque a gente não se encaixa no padrão. (Questão 16).</p>	<p>Ainda vivemos uma sociedade, se você não tá na caixinha, eu acho que você paga um preço Por exemplo, eu não tenho filhos. Me perguntam, você não tem filho por quê? Você não pode ter filho? Não pode no sentido fisiológico. Não sei, nunca tentei, mas sabe umas coisas, porque a gente não se encaixa no padrão.</p>	<p>Estereótipos de gênero e Pressão de gênero (maternidade)</p>
<p>(P3): Eu já ouvi de professores, primeiro namorava, quando vão se casar? depois casa, quando vão ter filho? depois você tem um filho, mas quando você vai ter outro? Aí você vai ter um só? Para mim não tem isso. Se bem que eu criei uma barreira, mesmo na minha família, meus pais, meu irmão, nunca ninguém me cobrou, você vai se casar, você vai ter filho, isso eu consegui estabelecer. Mas a gente ouve ainda, uma pessoa ou outra, até pessoas mais velhas, né? Que tem essa preocupação (Questão 16).</p>	<p>Eu já ouvi de professores, primeiro namorava, quando vão se casar? depois casa, quando vão ter filho? depois você tem um filho, mas quando você vai ter outro? Aí você vai ter um só? Mas a gente ouve ainda, uma pessoa ou outra, até pessoas mais velhas, né?</p>	<p>Estereótipos de gênero</p>

Fonte: A autora, 2023.

<sup>3</sup> Apesar de conter na unidade de significado o relato de que a professora (P3) já sentiu que uma mulher se apropriou de sua fala, utilizamos o termo bropropriating para caracterizar o ato de interrupção.

Ao abordar a questão do assédio moral no ambiente acadêmico, a P3 destaca aspectos subliminares, especialmente relacionadas a comparações de desempenho acadêmico, produtividade e envolvimento com a pesquisa. A interlocutora com a temática, Hirigoyen (2002b) enfatiza que a busca por notoriedade pode ser capaz de acarretar diversas rivalidades entre os pesquisadores, uma batalha que envolve até mesmo práticas ilícitas.

Quando a participante (P3) revela questões sobre o assédio moral e sexual no contexto acadêmico, ressalta a influência da hierarquia nas dinâmicas de violência de gênero. Destaca-se a percepção de que, frequentemente, indivíduos em posições superiores hierárquicas exercem constrangimento de maneira mais acentuada, utilizando táticas que visam tirar vantagem, seja no aspecto profissional ou sexual, corroborando com as informações presentes na cartilha *Violência de Gênero na Universidade* (2017).

No que diz respeito ao assédio sexual, a participante traz uma situação em que a resposta positiva da vítima foi suficiente para não caracterizar o episódio como assédio, assim como apontado por Vásquez (2019) e Maito, Pinto e Vieira (2022), que argumentam sobre a real dificuldade em identificar e compreender o que constitui um ato de assédio moral, em nossa análise surge a complexidade na compreensão e detecção do assédio sexual por parte dos órgãos responsáveis pela proteção. A constatação dessa dinâmica destaca a importância de uma verificação mais atenta, uma vez que a invisibilidade e naturalização do assédio comprometem não apenas a identificação e o enfrentamento, mas também a denúncia. Diante disso, reconhecemos a necessidade de revisão dos critérios legais e sociais, visando promover uma abordagem mais abrangente e, por sua vez, mais justa.

Ao abordar sobre a questão do assédio, a P3 traz reflexões de quando era mais jovem, enfatizando a frequente desqualificação do assédio sob a justificativa de ser uma brincadeira. Essa percepção sublinha a cultura que minimiza e normaliza comportamentos inadequados, especialmente quando disfarçados de piadas inofensivas. Essa observação enfatiza a relevância da conscientização e educação acerca dos limites aceitáveis nas interações interpessoais, sobretudo em contextos acadêmicos. Além disso, alinha-se à compreensão do machismo como uma manifestação do patriarcado, que se concretiza nas relações interpessoais, visando perpetuar dinâmicas de dominação e poder por meio da inferiorização, submissão e apropriação das mulheres (Conselho Federal de Serviço Social – CFESS, 2019).

A experiência com *bropropriating* revela que tanto homens como mulheres podem reproduzir comportamentos patriarcais. Embora a professora traga em seu discurso que possa ser um ato inconsciente, observamos com Solnit (2017) que essa dinâmica envolve a tendência de homens se apropriarem de ideias que foram originalmente apresentados por mulheres,

muitas vezes sem dar o devido reconhecimento à contribuição feminina, em muitos casos, pode indicar uma forma específica de apropriação intelectual, e destacamos que no caso da P3, a dinâmica envolveu a apropriação de ideias de uma mulher por outra.

O discurso da P3 acerca dos estereótipos de gênero e pressão ligada à maternidade evidencia a persistência de expectativas tradicionais. A inclusão das contribuições de Mansur (2003) proporciona uma perspectiva teórica precisa, ao passo que a autora pontua que as mulheres que optam por não ter filhos muitas vezes enfrentam estigmatização, sendo alvo de preconceitos que promovem a exclusão. A sociedade ainda sustenta a visão de que a maternidade desempenha um papel essencial na definição da identidade feminina, e confere a elas um lugar significativo no contexto sociocultural.

Em síntese, é possível analisar que no relato da P3 é destacado a relevância de considerar as questões hierárquicas e sociais na compreensão do assédio moral e sexual. Além disso, chama a atenção para a necessidade de verificar as normas culturais que minimizam tais comportamentos, contribuindo para um ambiente acadêmico mais seguro e equitativo.

Aprofundando nossa investigação, o quadro 10 emerge como um espaço de reflexão crucial com as experiências da professora 4 (P4) que são marcadas por questões que envolvem desigualdade de gênero, sobrecarga, bropropriating, estereótipos de gênero e pressões associadas à maternidade.

Quadro 10 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 4 (P4)

(continua)

Unidades de significado	Unitarização	Categorias iniciais
(P4): Eu acho que tem várias formas que a gente consegue identificar essa violência de gênero, né? Principalmente quando a gente escuta na área dura, na pesquisa. A gente vê muito mais professores, pesquisadores falando sobre determinado assunto do que professoras, pesquisadoras na área, né? Como se a pesquisa fosse algo masculino. Quando a gente trabalha com os alunos também na escola a questão de cientista, eles normalmente desenham um homem cientista com aquele cabelo maluco do Einstein, a referência é masculina. A referência masculina da ciência, do laboratório, e quase nunca você vai ver uma professora de jaleco desenhada por eles, né? Como alguém falando de	Eu acho que tem várias formas que a gente consegue identificar a violência de gênero, né? Principalmente quando a gente escuta na área dura, né? Na pesquisa, a gente vê muito mais professores, pesquisadores falando sobre determinado assunto do que professoras, pesquisadoras na área.	Desigualdade de gênero

Quadro 10 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 4 (P4)

(continuação)

Unidades de significado	Unitarização	Categorias iniciais
<p>ciência. Então, a gente sente algumas dificuldades nesse sentido. Eu acho que na parte da pesquisa dura a gente sente mais isso, né? Do que na área de ensino. Eu já acompanhei também situações que colegas minhas tinham receio de engravidar, de ter filho, por conta de cair a produtividade, né? Na área da pesquisa de laboratório ou perder uma bolsa de pesquisa, né? Por ter entrado em licença maternidade, por exemplo, são várias coisas que por você ser mulher acabam impactando.</p>	<p>Como se a pesquisa fosse algo masculino. Quando a gente trabalha com os alunos também na escola a questão de cientista, eles normalmente desenhavam um homem cientista com aquele</p>	<p>Estereótipos de gênero</p>
<p>Então, alguns tempos e alguns espaços, assim, às vezes não são respeitados em função disso. Porque o homem não precisa disso, ele foi pai há um dia e ele tá lá. Ele tá produzindo, ele tá publicando, ele tá dando aula e você não está. Então, existe toda uma, algumas pessoas não usam esse termo violência de gênero, né? Mas só o fato por ser mulher, né? É uma violência que muitas abrem mão da maternidade, passa o tempo, né? Porque se dedicaram àquilo e não conseguiram conciliar. Não houve essa oportunidade de conciliar, né? (Questão 3).</p>	<p>cabelo maluco do Einstein, a referência é masculina. A referência masculina da ciência, do laboratório. E quase nunca você vai ver uma professora de jaleco desenhada por eles, né? Como alguém falando de ciência.</p>	<p>Sobrecarga</p>
<p>A gente sente algumas dificuldades nesse sentido, né? Eu acho que na parte da pesquisa dura a gente sente mais isso, né? Do que na área de ensino. Eu já acompanhei também situações que colegas minhas tinham receio de engravidar, de ter filho, por conta de cair a produtividade, né? Na área da pesquisa de laboratório ou perder uma bolsa de pesquisa, né? Por ter entrado em licença maternidade, por exemplo, são várias coisas que por você ser mulher acabam impactando.</p>	<p>Só o fato de eu ser mulher e querer gerar um outro ser já causa um monte de impacto.</p>	<p>Impacto da maternidade na docência</p>
		<p>Desigualdades na valorização de tempos e espaços</p>

## Quadro 10 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 4 (P4)

(continuação)

Unidades de significado	Unitarização	Categorias iniciais
	<p>Alguns tempos e alguns espaços, assim, às vezes não são respeitados em função disso. Porque o homem não precisa disso. Ele foi pai há um dia e ele tá lá. Ele tá produzindo, tá publicando, ele tá dando aula e você não está.</p> <p>Algumas pessoas não usam esse termo violência de gênero, né? Mas só o fato por ser mulher, né? É uma violência que muitas abrem mão da maternidade, passa o tempo, né? Porque se dedicaram àquilo e não conseguiram conciliar. Não houve essa oportunidade de conciliar.</p>	<p>Pressões de gênero na maternidade e carreira acadêmica</p>
<p>(P4): O assédio sexual seria quando a gente, de alguma forma sofre algum contato ou alguma aproximação que a gente não tenha permitido que ela acontecesse, o assédio sexual, não é o ato, não precisa ser o ato em si de alguma coisa, mas pelo simples fato de colocar a mão no braço, ou a mão na perna, ou se aproximar, ou querer falar um assunto que você não está confortável para falar, e a pessoa fica insistindo, normalmente uma pessoa masculina fica insistindo naquele assunto, que leve para um outro viés, não o profissional que você está proposta a fazer (Questão 4).</p>	<p>O assédio sexual seria quando a gente, de alguma forma sofre algum contato ou alguma aproximação que a gente não tenha permitido que ela acontecesse, o assédio sexual, não é o ato, não precisa ser o ato em si de alguma coisa, mas pelo simples fato de colocar a mão no braço, ou a mão na perna, ou se aproximar, ou querer falar um assunto que você não está confortável para falar.</p> <p>E a pessoa fica insistindo, normalmente uma pessoa masculina fica insistindo naquele assunto, que leve para um outro viés, não o profissional que você está proposta a fazer.</p>	<p>Assédio sexual</p>

Quadro 10: Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 4 (P4)

(continuação)

Unidades de significado	Unitarização	Categorias iniciais
<p>(P4): Diretamente não, mas na pós-graduação, ocorreu no grupo de pesquisa, tem alguns membros que são masculinos, e aí nós estamos discutindo alguns termos, algumas questões que a gente quer publicar pela primeira vez, e esse participante perguntou se ele poderia difundir essa teoria lá nas aulas dele, na universidade e tal. A outra professora disse que sim, porém nós descobrimos que a ideia dele era publicar antes que a gente, trata-se de uma coisa que nós estamos desenvolvendo, ele está participando, pegando as ideias, mas querendo fazer antes do que a gente (Questão 9).</p>	<p>Diretamente não, mas na pós-graduação, ocorreu no grupo de pesquisa, tem alguns membros que são masculinos, e aí nós estamos discutindo alguns termos, algumas questões que a gente quer publicar pela primeira vez, e esse participante perguntou se ele poderia difundir essa teoria lá nas aulas dele, na universidade e tal. A outra professora disse que sim, porém nós descobrimos que a ideia dele era publicar antes que a gente, trata-se de uma coisa que nós estamos desenvolvendo, ele está participando, pegando as ideias, mas querendo fazer antes do que a gente.</p>	<p>Bropriating</p>
<p>(P4): Eu tive uma experiência em Portugal, quando fui fazer o doutorado sanduíche, a gente teve que chegar lá e comprar roupas mais sociais, blazer para se vestir, porque a imagem que eles têm da mulher brasileira é de prostituta, e isso foi criado também. Em Braga, onde eu fiquei, tinha um condomínio que era conhecido só de mulheres brasileiras que iam para lá para prostituição. Então até você chegar e você dizer que está indo para fazer um doutorado, que vai pesquisar, trabalhar na universidade tem um tempo. Desde o teu modo de se vestir, você precisa mudar, não pode usar roupa muito justa, calça de ginástica, sendo que as portuguesas usam, mas se você é brasileira, não pode. Foi uma situação que a gente passou lá, e depois conversando com outras pessoas que foram para lá em outros momentos também passaram por isso. (Questão 18)</p>	<p>Eu tive uma experiência em Portugal, quando fui fazer o doutorado sanduíche, a gente teve que chegar lá e comprar roupas mais sociais, blazer para se vestir, porque a imagem que eles têm da mulher brasileira é de prostituta, e isso foi criado também. Então até você chegar e você dizer que está indo para fazer um doutorado, que vai pesquisar, trabalhar na universidade tem um tempo. Desde o teu modo de se vestir, você precisa mudar, não pode usar roupa muito justa, calça de ginástica, sendo que as portuguesas usam, mas se você é brasileira, não pode.</p>	<p>Estereótipo e Cultura misógina</p>

Quadro 10 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 4 (P4)

(conclusão)

Unidades de significado	Unitarização	Categorias iniciais
(P4): Sempre acontece, dependendo do assunto, as vezes no próprio grupo de pesquisa que a gente está ou a gente está discutindo, enquanto eu fazia doutorado acontecia muito isso, você está discutindo um artigo e você fala alguma coisa e fica aquele silêncio, quando vem um colega, homem e fala exatamente o que você falou, sem mais uma palavra, isso mesmo, foi o que o fulano falou, é isso aí, e você pensa, mas eu falei praticamente igual (Questão 25).	Dependendo do assunto, as vezes no próprio grupo de pesquisa que a gente está ou a gente está discutindo, enquanto eu fazia doutorado acontecia muito isso, você está discutindo um artigo e você fala alguma coisa e fica aquele silêncio, quando vem um colega, homem e fala exatamente o que você falou, sem mais uma palavra, isso mesmo, foi o que o fulano falou, é isso aí, e você pensa, mas eu falei praticamente igual.	Bropriating

Fonte: A autora, 2023.

A análise das unidades de significado e categorias iniciais revelam um panorama das experiências da P4. Ao explorar a categoria sobre desigualdade de gênero, percebemos uma exposição das disparidades existentes na pesquisa, onde as vozes femininas são sub-representadas. A predominância de professores e pesquisadores masculinos indica uma desigualdade de gênero no reconhecimento e na representação dentro da comunidade científica. Embora não tenhamos incorporado em nosso referencial teórico as contribuições de Judith Butler (2022), reconhecemos a relevância do conceito de performatividade de gênero abordado pela autora para compreendermos como atividades específicas, como a pesquisa, podem ser culturalmente associadas ao masculino, conseqüentemente perpetuando desigualdades, reforçando estereótipos e limitando a participação plena das mulheres em determinados contextos, como o da pesquisa científica.

A descrição sobre os desenhos dos alunos, representando cientistas como homens, destaca estereótipos de gênero que associam a figura do cientista à masculinidade. Isso representa a influência e a percepção dos alunos sobre quem pode ser um cientista, contribuindo para a falta de representação feminina na ciência. De encontro com esse discurso da P4, a análise de artigos realizada por da Cruz (2007), evidencia que a representação de cientistas em artigos e no cinema, destacam a persistência de estereótipos de gênero que limitam a visibilidade e o reconhecimento das mulheres na ciência. A autora ainda ressalta que, mesmo com um aumento no número de cientistas mulheres, a representação predominante



continua a favorecer uma imagem do cientista como um ser extraordinário e do sexo masculino. Assim, constatamos que os estereótipos de gênero na ciência afetam a percepção do papel das mulheres nesse campo, contribuindo para a sub-representação e desvalorização de suas contribuições.

No quadro também é destacado desigualdades na valorização de tempos e espaços, onde a produtividade é avaliada de maneira desigual entre homens e mulheres na academia. A pressão para conciliar maternidade e carreira acadêmica contribui para a percepção de que determinados tempos e espaços não são respeitados para as mulheres, o que corrobora com o que Meruane (2018) traz a respeito de o trabalho *produtivo* é masculino, e o *re-produtivo*, um serviço obrigatório da mãe. Em outras palavras, as mulheres produzem e se re-produzem sem que seja valorizada nenhuma de suas produções.” (Meruane, 2018, p. 142).

A análise da categoria sobre assédio sexual fornece informações a respeito das dinâmicas de poder e as pressões enfrentadas pelas mulheres na atual academia. Relacionando o discurso da P4 ao estudo de Hernandez-Rosette e Gomez-Palacios (2021), é possível contextualizar os dados e compreender que o assédio se manifesta de diversas formas, muitas vezes disfarçado sob convites aparentemente inofensivos, mas predominantemente através de assédio físico apresentado sob o disfarce de brincadeiras.

No contexto de bropropriating, a experiência da P4 ao ter suas ideias apropriadas por colegas masculinos na pós-graduação reflete as dinâmicas de poder e a falta de reconhecimento do trabalho intelectual feminino. Isso se alinha com a discussão de Solnit (2017) sobre a apropriação intelectual, evidenciando como essa dinâmica opera no ambiente acadêmico para marginalizar as contribuições femininas.

Por fim, ao abordar a sobrecarga e o impacto da maternidade, a professora destaca a desigualdade estrutural na academia, onde as mulheres são confrontadas com escolhas difíceis entre a maternidade e a carreira. Essa observação ecoa com o estudo de Silva, *et al.* (2020, p.151):

O dispositivo materno atua juntamente com o modelo de “boa-mãe” instituído pelo Mito do Amor Materno de Badinter, impondo para as mães que se anulem diante das suas responsabilidades com os seus filhos. Contudo, o dispositivo materno não atua apenas sobre as mulheres que são mães, mas também institui códigos e valores morais para todas as mulheres, para que estejam prezando sempre pelo cuidado do outro.

Nesta análise, procuramos estabelecer a interconexão entre as experiências pessoais da P4 e as teorias de gênero. Essa abordagem valida as experiências individuais, e as contextualiza em debates teóricos sobre desigualdade de gênero na academia.

A seguinte análise visa aprofundar nossa compreensão de diferentes dimensões relacionadas às experiências de gênero no ambiente acadêmico, explorando categorias específicas que frequentemente influenciam a dinâmica dentro das instituições de ensino e pesquisa. Entre essas categorias, destacam-se o *manterrupting*, o assédio sexual, a violência de gênero, e as dinâmicas de gênero, que permeiam as interações cotidianas moldando as relações e oportunidades no ambiente acadêmico.

Quadro 11 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 5 (P5)

(continua)

Unidades de significado	Unitarização	Categorias iniciais
<p>(P5): Eu sinto isso sim, a diferença de homem e mulher. Teve uma reunião, foi antes da pandemia, não, foi logo, logo que a gente voltou, sobre um espaço grande que estava sendo construído e me chamaram., eu era a única mulher na reunião, eu não consegui falar, e pessoas que eram, assim, ligadas a mim, mais que colega, amigo aqui da universidade, amigo de frequentar a casa. Eu achei muito estranho, por que os outros, todo mundo falava? Eu tentava falar, e alguém interrompia, eu recuava, ficava meio quieta, assim, não sou de brigar, de bater boca, sabe? É o meu jeito, eu sempre fui assim, mas isso eu já senti aqui. Para eles era uma coisa normal (Questão 3).</p>	<p>Eu sinto isso sim, a diferença de homem e mulher. Teve uma reunião, foi antes da pandemia, não, foi logo, logo que a gente voltou, sobre um espaço grande que estava sendo construído e me chamaram. Eu era a única mulher na reunião, eu não consegui falar, e pessoas que eram, assim, ligadas a mim, mais que colega, amigo aqui da universidade, amigo de frequentar a casa. Eu achei muito estranho, por que os outros, todo mundo falava? Eu tentava falar, e alguém interrompia, eu recuava, ficava meio quieta, assim, não sou de brigar, de bater boca, sabe? É o meu jeito, eu sempre fui assim, mas isso eu já senti aqui. Para eles era uma coisa normal.</p>	<p>Manterrupting</p>
<p>(P5): O sexual a gente já sabe, tem alguns casos aqui. Agora que a gente faz parte do colegiado, a gente acaba sentindo um pouco mais de perto isso. Porque se você tem um cargo um pouquinho mais alto, tem pessoas que acham que tem o direito, eu acho que às vezes sobe um pouquinho na cabeça das pessoas um cargo. Sabe aquele tipo de pessoa que é o chefe do café,</p>	<p>O sexual a gente já sabe, tem alguns casos aqui. Agora que a gente faz parte do colegiado, a gente acaba sentindo um pouco mais de perto isso. Porque se você tem um cargo um pouquinho mais alto, tem pessoas que acham que tem o direito, eu acho que às vezes sobe um pouquinho na cabeça das pessoas um cargo.</p>	<p>Assédio sexual</p>

## Quadro 11 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 5 (P5)

(continuação)

Unidades de significado	Unitarização	Categorias iniciais
<p>assim, e isso sobe na cabeça? Então, é mais ou menos assim, eu já vi professores aqui até tentar com a gente mesmo. Porque tá no cargo um pouquinho mais alto, também acho que é um pouquinho mais de homem com mulher. Porque a pessoa, a gente já sabe que é meio das antigas, meio machista (Questão 4).</p>	<p>Sabe aquele tipo de pessoa que é o chefe do café, assim, e isso sobe na cabeça? Então, é mais ou menos assim, eu já vi professores aqui até tentar com a gente mesmo. Porque tá no cargo um pouquinho mais alto, também acho que é um pouquinho mais de homem com mulher. Porque a pessoa, a gente já sabe que é meio das antigas, meio machista</p>	<p>Assédio sexual</p>
<p>(P5): Olha, isso eu senti, era uma época que ninguém falava sobre isso. Eu entrei muito nova na universidade, quando eu entrei aqui, as pessoas me confundiram com aluna. Isso tem 20 anos atrás. Então, é uma época que você, tinha muito professor já de maioridade, você já sabe como é que é, não preciso explicar. Agora que você é mais velha ninguém mexe com você, ou porque você está velha, ou porque também ninguém mexe, porque sabe que vai levar uma, mas assim, tem professores que se aproveitam da situação da menina ser nova, né? (Questão 10).</p>	<p>Olha, isso eu senti, era uma época que ninguém falava sobre isso. Eu entrei muito nova na universidade, quando eu entrei aqui, as pessoas me confundiram com aluna. Isso tem 20 anos atrás. Então, é uma época que você, tinha muito professor já de maioridade, você já sabe como é que é, não preciso explicar. Agora que você é mais velha ninguém mexe com você, ou porque você está velha, ou porque também ninguém mexe, porque sabe que vai levar uma, mas assim tem professores que se aproveitam da situação da menina ser nova, né.</p>	<p>Assédio sexual</p>
<p>(P5): Na universidade federal em um centro de estudos, eu me lembrei que lá a coisa é mais pesada do que aqui, ainda mais a 20 anos atrás, entende? Você é mulher, você é burra, você é gostosona, você é não sei o que, isso é mais acentuado.</p>	<p>Na universidade federal em um centro de estudos, eu me lembrei que lá a coisa é mais pesada do que aqui, ainda mais a 20 anos atrás, entende?</p>	<p>Violência de gênero</p>

Quadro 11 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 5 (P5)

(conclusão)

Unidades de significado	Unitarização	Categorias iniciais
Talvez por ser um lugar menor, mais afastado, num lugar pequenininho, a gente vai correr para quem? Eu comecei lá como aluna de pós-graduação, então, eu tinha que ir para o professor, mas os caras têm uns papos que você tem medo, você recua (Questão 14).	Você é mulher, você é burra, você é gostosona, você é não sei o que, isso é mais acentuado. Talvez por ser um lugar menor, mais afastado, num lugar pequenininho, a gente vai correr para quem? Eu comecei lá como aluna de pós-graduação, então, eu tinha que ir para o professor, mas os caras têm uns papos que você tem medo, você recua.	Violência de gênero
(P5): O que tem acontecido é sobre o colegiado estar fechado, as vezes está fechado porque eu estou trabalhando em casa, eu fico no celular o dia inteiro. Mas entrou um homem no outro colegiado, alguma vez alguém falou sobre o colegiado estar fechado? Não, o assunto morreu, não existe mais o colegiado está fechado (Questão 18).	Entrou um homem no outro colegiado, alguma vez alguém falou sobre o colegiado estar fechado? Não, o assunto morreu, não existe mais o colegiado está fechado.	Dinâmicas de gênero

Fonte: A autora, 2023.

O relato da P5 sobre sua dificuldade em expressar suas ideias durante uma reunião, em que era a única mulher presente, destaca o fenômeno de *manterrupting*. A interrupção constante por parte dos colegas masculinos evidencia não apenas a dificuldade em ser ouvida, mas também ressalta as dinâmicas de poder desfavoráveis que permeiam as interações acadêmicas. Nas palavras de Solnit (2017, p. 27):

O mesmo poder que, no discurso não educado e nos atos físicos de intimidação e violência, e com muita frequência na maneira como o mundo é organizado, consegue silenciar, apagar, aniquilar as mulheres, como pares, como participantes, como seres humanos com direitos - e, tantas vezes, como seres vivos.

Com relação a categoria de assédio sexual, a P5 identifica que os casos estão associados a cargos mais altos, ressaltando uma dinâmica em que o poder hierárquico é explorado indevidamente. Os dados da pesquisa de Hernandez-Rosette e Gomez-Palacios (2021) elucidam a persistência de uma cultura de assédio sexual na academia, os autores mencionam que existe uma forma invisível de assédio que ocorre durante as aulas, onde alguns professores

expressam abertamente seu desejo sexual pelos alunos. Essa situação reforça a observação da P5 sobre o assédio sexual associado a cargos mais altos, sugerindo que, em alguns casos, professores em posições de autoridade podem abusar do poder hierárquico para se envolver em comportamentos inadequados.

Ao compartilhar sua experiência ocorrida há anos, relatando que na época o assédio sexual era pouco discutido, e que ao ingressar na universidade em uma idade jovem, enfrentou o equívoco de ser confundida com uma aluna devido à sua juventude. O relato direciona para a reflexão sobre as dinâmicas de poder presentes na academia, onde a idade e a juventude se tornaram fatores de vulnerabilidade. A observação de que, à medida que envelheceu, deixou de ser alvo de assédio, destaca uma mudança nas interações, indicando uma possível relação entre a idade percebida e o risco de assédio, porém quando menciona que professores se aproveitam da situação de uma jovem estudante evidencia uma problemática que vai além da diferença de idade. A referência ao assédio a partir da vulnerabilidade da juventude destaca a importância de considerar o ambiente acadêmico como propício a comportamentos inadequados, confirmando que, apesar de ser um espaço de produção de conhecimento, a universidade abriga casos frequentes de violências que muitas vezes são velados.

Na categoria final, a P5 aborda a cobrança específica direcionada a ela por manter o colegiado fechado enquanto trabalhava remotamente, e que em contrapartida quando um professor enfrenta a mesma situação, não há discussões a respeito. Esta questão evidencia como as dinâmicas de gênero operam na universidade, e que existe uma disparidade de tratamento com base no gênero, que neste caso influenciaram em cobranças direcionadas exclusivamente à professora.

No quadro 12, nos aprofundamos no discurso da professora 6 (P6), a qual destaca questões relacionadas a violência de gênero, manterrupting, inferiorização da mulher no ambiente de trabalho, assédio moral, sexismo, sobrecarga feminina, desigualdade de gênero, desafios na conciliação de responsabilidades domésticas e profissionais, violência institucional, abuso de poder, desafios da maternidade no ambiente acadêmico, e sobrecarga. As categorias que emergiram do discurso da P6, oferecem uma perspectiva significativa sobre os desafios enfrentados, e uma compreensão dos impactos dessas dinâmicas na participação, reconhecimento e bem-estar das mulheres no contexto educacional.

## Quadro 12 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 6 (P6)

(continua)

Unidades de significado	Unitarização	Categorias iniciais
<p>(P6): Eu acho que no trabalho a violência de gênero, ela acontece nesse formato de brincadeiras, de falas, que às vezes nem a gente interpreta que seja uma forma de violência, né? Mas que colocam a mulher numa situação de inferioridade. E não só no formato de brincadeiras, mas penso que por vezes até nos discursos das pessoas. Por exemplo, em uma reunião de departamento. Uma mulher fala, um homem fala ao mesmo tempo, corta, fala da mulher. É uma forma de violência, né? Que talvez se fosse outro homem falando, ele não agisse dessa mesma forma. Então, acho que a violência de gênero, ela acontece nesse sentido de inferiorização da mulher no ambiente de trabalho. E tem diversas formas diferentes (Questão 3).</p>	<p>Eu acho que no trabalho a violência de gênero, ela acontece nesse formato de brincadeiras, de falas, que às vezes nem a gente interpreta que seja uma forma de violência, né? Mas que colocam a mulher numa situação de inferioridade. E não só no formato de brincadeiras, mas penso que por vezes até nos discursos das pessoas. Por exemplo, em uma reunião de departamento. Uma mulher fala, um homem fala ao mesmo tempo, corta, fala da mulher. É uma forma de violência, né? Que talvez se fosse outro homem falando, ele não agisse dessa mesma forma. Acho que a violência de gênero, ela acontece nesse sentido de inferiorização da mulher no ambiente de trabalho. E tem diversas formas diferentes."</p>	<p>Violência de gênero</p> <p>Maninterrupting</p> <p>e</p> <p>Inferiorização da mulher no ambiente de trabalho</p>
<p>(P6): Assédio moral, eu penso que é qualquer tipo de constrangimento no teu trabalho, uma perseguição no trabalho, alguma fala que te deixou envergonhada, constrangida, em público ou não, seria uma violência moral (Questão 4).</p>	<p>Assédio moral, eu penso que é qualquer tipo de constrangimento no teu trabalho, uma perseguição no trabalho, alguma fala que te deixou envergonhada, constrangida, em público ou não, seria uma violência moral.</p>	<p>Assédio moral</p>
<p>(P6): A situação assim de sexismo que eu vivi, que foi uma coisa que me fez parar na hora e pensar, poxa, né, foi durante a pandemia, eu lembro que a gente tem o grupo, né, do departamento, de professores do departamento, e nessa ocasião, uma professora postou uma pesquisa sobre o impacto negativo que a pandemia estava tendo na produção dos professores, nas pesquisas, produção de pesquisa,</p>	<p>A situação assim de sexismo que eu vivi, que foi uma coisa que me fez parar na hora e pensar, poxa, né, foi durante a pandemia. Eu lembro que a gente tem o grupo, né, do departamento, de professores do departamento, e nessa ocasião, uma professora postou</p>	<p>Sexismo</p> <p>Sobrecarga feminina</p> <p>Desigualdade de gênero</p> <p>e</p> <p>Desafios na conciliação de responsabilidades domésticas e profissionais</p>

Quadro 12 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 6 (P6)

(continuação)

Unidades de significado	Unitarização	Categorias iniciais
<p>publicação, que tinha caído bastante no período da pandemia. E daí eu lembro que eu comentei, assim, que essa era uma pesquisa no geral, se fizesse uma pesquisa com as mulheres, talvez os dados fossem ainda mais... um impacto maior pelas questões que a mulher está de sobrecarga e tudo mais. E daí um professor homem comentou, não só as mulheres, os homens também, querendo dizer que os homens também estavam sendo afetados, que ele também participava dos trabalhos de casa e tal. E a gente sabe que não, né, que as mulheres foram muito mais impactadas naquele período e em todos os outros, porque a gente sobrecarrega as atividades do trabalho, quando o espaço doméstico, e naquele momento estava tudo no espaço doméstico, então como dar conta de filho, de casa, de comida, de todas as tarefas domésticas, e mais os trabalhos da universidade, mais a parte profissional (Questão 15).</p>	<p>uma pesquisa sobre o impacto negativo que a pandemia estava tendo na produção dos professores, nas pesquisas, produção de pesquisa, publicação, que tinha caído bastante no período da pandemia. E daí eu lembro que eu comentei, assim, que essa era uma pesquisa no geral, se fizesse uma pesquisa com as mulheres, talvez os dados fossem ainda mais, um impacto maior pelas questões que a mulher está de sobrecarga e tudo mais. E daí um professor homem comentou, não só as mulheres, os homens também, querendo dizer que os homens também estavam sendo afetados, que ele também participava dos trabalhos de casa e tal. E a gente sabe que não, né, que as mulheres foram muito mais impactadas naquele período e em todos os outros, porque a gente sobrecarrega as atividades do trabalho, quando o espaço doméstico, e naquele momento estava tudo no espaço doméstico, então como dar conta de filho, de casa, de comida, de todas as tarefas domésticas, e mais os trabalhos da universidade, mais a parte profissional.</p>	<p>Sexismo Sobrecarga feminina</p> <p>Desigualdade de gênero</p> <p>e</p> <p>Desafios na conciliação de responsabilidades domésticas e profissionais</p>
<p>(P6): A primeira vez que eu fiz teste seletivo, estava no início da profissão. A universidade abriu uma vaga para a área de uma determinada disciplina<sup>4</sup>. E eu fiz, né? Estava habilitada para a vaga. E aí, quando</p>	<p>A primeira vez que eu fiz teste seletivo, estava no início da profissão. A universidade abriu uma vaga para a área de uma</p>	<p>Violência Institucional e Abuso de poder</p>

<sup>4</sup> O nome da disciplina foi suprimido por questões éticas.

Quadro 12 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 6 (P6)

(continuação)

Unidades de significado	Unitarização	Categorias iniciais
<p>eles me chamaram, o coordenador na época era um homem que tem um certo cargo dentro da universidade, ele tem determinado poder, né?</p> <p>Eles me convocaram e ele falou, olha, professora, a gente fez a vaga para o teste seletivo para a disciplina, mas nós não precisamos para esta disciplina, a gente precisa para (outra disciplina), porque nós estamos sem professor na matéria.</p> <p>Nós vamos te contratar se você assumir a outra disciplina. Você vai poder dar as aulas na disciplina com outra professora que está ali, então você vai auxiliá-la, mas você, assumindo, você tem que pegar a outra disciplina. Senão a gente não vai poder te contratar, porque a gente vai ter que achar outra. Então, eu considero que isso foi um tipo de violência naquele momento, porque condicionava o contrato a uma coisa que eu não tinha feito, né? Eu tinha conhecimento da disciplina, porque durante a graduação toda eu fiz estágio na área, eles sabiam disso, né? Então, eles se aproveitaram disso também, que a professora lá pode assumir essas aulas, então vamos fazer essa proposta, né?</p> <p>Enfim, eu peguei as aulas, fiquei um semestre trabalhando, quando chegou o final do ano, que eu repus as aulas de zoologia, deixei tudo ok, a turma da disciplina fechou e tal, quando chegou o final do ano, este mesmo coordenador me falou, olha, a gente não vai renovar teu contrato, porque para o ano que vem a gente não precisa. A disciplina está ok, a outra disciplina tem a professora, então a gente não vai renovar. Eu considerei isso uma extrema violência moral, né? Não sei como que classificaria, assim, né? Eu me senti extremamente humilhada, porque na época eu não morava na cidade, então eu vinha de lá para cá para dar essas aulas, né? Era um contrato que poderia durar dois anos, durou só seis meses, porque era interesse deles, né? Que eu ficasse só, né?</p>	<p>determinada disciplina<sup>5</sup>. E eu fiz, né? Estava habilitada para a vaga.</p> <p>E aí, quando eles me chamaram, o coordenador na época era um homem que tem um certo cargo dentro da universidade, ele tem determinado poder, né? Eles me convocaram e ele falou, olha, professora, a gente fez a vaga para o teste seletivo para a disciplina, mas nós não precisamos para esta disciplina, a gente precisa para (outra disciplina), porque nós estamos sem professor na matéria.</p> <p>Nós vamos te contratar se você assumir a outra disciplina. Você vai poder dar as aulas na disciplina com outra professora que está ali, então você vai auxiliá-la, mas você, assumindo, você tem que pegar a outra disciplina. Senão a gente não vai poder te contratar, porque a gente vai ter que achar outra. Então, eu considero que isso foi um tipo de violência naquele momento, porque condicionava o contrato a uma coisa que eu não tinha feito, né? Eu tinha conhecimento da disciplina, porque durante a graduação toda eu fiz estágio na área, eles sabiam disso, né? Então, eles se aproveitaram disso também, que a professora lá pode assumir essas aulas, então vamos fazer essa proposta, né?</p>	<p>Violência Institucional</p> <p>e</p> <p>Abuso de poder</p>



## Quadro 12 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 6 (P6)

(continuação)

Unidades de significado	Unitarização	Categorias iniciais
<p>Eu entendo que tem toda a questão de carga horária e tudo mais, mas foi extremamente violenta a forma como eles conduziram.</p>	<p>Enfim, eu peguei as aulas, fiquei um semestre trabalhando, quando chegou o final do ano, que eu repus as aulas de zoologia, deixei tudo ok, a turma da disciplina fechou e tal, quando chegou o final do ano, este mesmo coordenador me falou, olha, a gente não vai renovar teu contrato, porque para o ano que vem a gente não precisa. A disciplina tá ok, a outra disciplina tem a professora, então a gente não vai renovar. Eu considerei isso uma extrema violência moral, né? Não sei como que classificaria, assim, né? Eu me senti extremamente humilhada, porque na época eu não morava na cidade, então eu vinha de lá para cá para dar essas aulas, né? Era um contrato que poderia durar dois anos, durou só seis meses, porque era interesse deles, né? Que eu ficasse só, né? Eu entendo que tem toda a questão de carga horária e tudo mais, mas foi extremamente violenta a forma como eles conduziram.</p>	<p>Violência Institucional  e  Abuso de poder</p>
<p>(P6): Eu penso que a universidade em si, o ensino superior, a própria pesquisa, as agências de fomento à pesquisa, a CAPS e o CNPq, eles são extremamente violentos na forma como eles conduzem a maternidade dentro das instituições e nesses espaços, né? Porque a mãe tem direito a seis meses de licença-maternidade, né? Só que você volta depois de seis meses e você precisa amamentar durante pelo menos dois anos, um ano e meio, né? Então, como conciliar essas atividades, conciliar a maternidade?</p>	<p>Eles são extremamente violentos na forma como eles conduzem a maternidade dentro das instituições e nesses espaços, porque a mãe tem direito a seis meses de licença-maternidade, né? Só que você volta depois de seis meses e você precisa amamentar durante pelo menos dois anos, um ano e meio, né? Com seis meses, você não coloca a criança</p>	<p>Desafios da maternidade no ambiente acadêmico  e  Sobrecarga</p>

Quadro 12 – Unitarização e Categorização Inicial (método indutivo) - Professora 6 (P6)

(conclusão)

<p>Com seis meses, você não coloca a criança oito horas por dia na escola. Quem vai cuidar dessa criança no momento em que você está trabalhando, né? Se você trabalha quarenta horas, vai sair de casa oito horas da manhã, vai voltar cinco, e aí o que você faz com essa criança, né? Mesmo estando em casa, como sentar, ler, escrever, pesquisar com um bebê de seis meses que você voltou da licença-maternidade, né? Então, acho que impacta muito, acho que a gente teve alguns avanços, né? Esses dias mesmo eu fui fazer um concurso que colocava no Edital que ao invés de cinco anos, eles contabilizavam um ano a mais para quem foi mãe, né? Nos últimos cinco anos. Achei bem interessante isso, acho que é fruto das lutas, né? Eu sei que as mulheres têm, né, de alguns grupos, como por exemplo aquele parent science, que luta bastante nesse sentido, né? Na maternidade, na ciência, mas eu acho que ainda a gente está muito distante, né? De uma equidade, eu penso que afeta muito, né? A maternidade, né? Tenho sentido bastante isso nos últimos anos, eu tenho conseguido manter as publicações, né?</p> <p>Recentemente me credenciei ao programa de pós-graduação fruto dessas publicações, mas isso, assim, é fruto de um trabalho que eu penso que é um trabalho duplicado, triplicado, se fosse comparado a de um homem para fazer a mesma produção, ou de uma pessoa sem filhos, né? Então, acho que tem muita influência.</p>	<p>oito horas por dia na escola. Quem vai cuidar dessa criança no momento em que você está trabalhando? Eu penso que ainda a gente está muito distante, né? De uma equidade, eu penso que a maternidade afeta muito. Como conciliar essas atividades, conciliar a maternidade? Com seis meses, você não coloca a criança oito horas por dia na escola. Quem vai cuidar dessa criança no momento em que você está trabalhando, né? Se você trabalha quarenta horas, vai sair de casa oito horas da manhã, vai voltar cinco, e aí o que você faz com essa criança, né?"</p> <p>"Tenho sentido bastante isso nos últimos anos, eu tenho conseguido manter as publicações, né? Recentemente me credenciei ao programa de pós-graduação fruto dessas publicações, mas isso, assim, é fruto de um trabalho que eu penso que é um trabalho duplicado, triplicado, se fosse comparado a de um homem para fazer a mesma produção, ou de uma pessoa sem filhos, né?"</p>	<p>Desafios da maternidade no ambiente acadêmico e Sobrecarga</p>
--	--	---

Fonte: A autora, 2023.

A P6 identifica a violência de gênero no formato de brincadeiras e falas, muitas vezes sutis, que colocam as mulheres em situação de inferioridade. A ocorrência de manterrupting durante reuniões de departamento é apontada como uma forma de violência que destaca a desigualdade de tratamento entre homens e mulheres.

Assim, como outras docentes trouxeram a ocorrência de manterrupting, a narrativa alinha-se com os estudos de Solnit (2017), evidenciando como as interações cotidianas reforçam atitudes machistas, perpetuando assimetrias de poder.

Ao trazer a breve definição a respeito do assédio moral como qualquer constrangimento no ambiente de trabalho, incluindo perseguições e falas que causam vergonha ou constrangimento, conseguimos analisar que esta dimensão ressalta a relevância de prestar atenção em formas mais sutis de agressão psicológica, aproximando-se da reflexão acerca do assédio moral conforme abordado por Hirigoyen (2002a). A autora, traz a reflexão que situações que, à primeira vista, podem parecer inofensivas, envolvendo alusões, sugestões ou o não dito, muitas vezes têm o potencial de impactar significativamente a vida de uma pessoa.

A história compartilhada pela P6, destaca a sobrecarga que as mulheres enfrentam em suas responsabilidades profissionais e domésticas. No entanto, essa realidade permanece invisível e, neste caso, é invalidada por um homem que negligencia tais complexidades. Isso ilustra a persistência de atitudes que minimizam as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, perpetuando a falta de reconhecimento das disparidades de gênero.

A narrativa da P6 expõe uma situação de violência moral vivenciada no início de sua carreira acadêmica. Ao participar de um teste seletivo para uma disciplina específica, foi confrontada com a imposição de assumir outra disciplina para garantir o contrato de trabalho. Esse condicionamento do contrato a uma tarefa não previamente acordada, mesmo com sua experiência na área, configura uma forma de violência, deixando-a se sentindo humilhada e injustiçada. Nesse contexto, conforme aponta Taquette (2007), a violência institucional engloba diversas manifestações, desde a falta de acesso e a má qualidade dos serviços até formas mais sutis, como os abusos decorrentes das desigualdades de poder entre o profissional e o usuário. O discurso da P6 se encaixa nesse contexto mais amplo de violência institucional, evidenciando como as práticas institucionais podem perpetuar situações de desigualdade e constrangimento.

Além disso, a P6 destaca a violência institucional relacionada à maternidade, evidenciando a falta de equidade nas políticas e práticas institucionais. A restrição da licença-maternidade a seis meses e os desafios em conciliar as responsabilidades profissionais com a maternidade são indicativos das complexidades enfrentadas por mulheres na esfera acadêmica. Conforme salientado por Odalia (2004), muitos atos de violência permanecem imperceptíveis devido à naturalização e à assimilação dessas práticas à realidade vivida. A violência simbólica, manifestada por meio de normas culturais, regras e costumes, perpetua a desigualdade intrínseca à sociedade.

Concluindo, a referida docente enfatiza a respeito da sobrecarga e a necessidade de um esforço adicional para manter suas publicações e participar de programas de pós-graduação, destacando a disparidade entre o trabalho de mulheres com filhos e aqueles sem essas

responsabilidades, ressaltando a importância de promover políticas e ambientes de trabalho inclusivos, considerando as demandas específicas enfrentadas por mulheres na academia. Refletindo esta condição com Bourdieu (1999), a sociedade historicamente confere aos homens uma posição de vantagem, tanto simbólica quanto materialmente. Essa dominação masculina não se limita apenas às interações individuais, mas permeia as instituições e normas que perpetuam as desigualdades de gênero, organizando tanto a percepção quanto a estrutura concreta e simbólica de toda a vida social.

A seguir, considerando nosso extenso material textual, reconhecemos a importância de consolidar os elementos comuns presentes nas categorias iniciais, visando aprofundar a compreensão do fenômeno investigado. Desta forma, no quadro 13 foram delineadas sete categorias finais, as quais foram denominadas de maneira a refletir o conceito abordado por todas as unidades de significado nelas contidas, destacando os principais aspectos emergentes, e mantendo o conjunto como referência.

Quadro 13 – Categorização final e agrupamento de semelhanças temáticas e contextuais.

(continua)

<b>Categorias Finais</b>	<b>Categorias agrupadas</b>	<b>Descrição</b>
Violência de gênero e suas manifestações	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Assédio sexual</li> <li>- Violência psicológica</li> <li>- Assédio moral</li> <li>- Violência em função da maternidade</li> <li>- Maninterrupting</li> <li>- Gaslighting</li> <li>- Sexismo</li> <li>- Estereótipos de gênero</li> <li>- Bropropriating</li> <li>- Desigualdade de gênero</li> <li>- Violência Institucional</li> </ul>	Inclui formas de violência, desrespeito e ironias relacionadas ao gênero.
Assédio Moral e Subcategorias	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Assédio moral na academia</li> <li>- Impacto do assédio moral em professoras que são mães</li> </ul>	Compreende a prática de assédio moral na academia e o impacto específico em professoras mães.

Quadro 13 – Categorização final e agrupamento de semelhanças temáticas e contextuais.  
(conclusão)

<b>Categorias Finais</b>	<b>Categorias agrupadas</b>	<b>Descrição</b>
Desigualdade de Gênero	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diferença de Tratamento entre Homens e Mulheres</li> <li>- Inferiorização da mulher no ambiente de trabalho</li> <li>- Discriminação de gênero - exclusão de mulheres em atividades de campo</li> <li>- Estigma e discriminação por gravidez</li> <li>- Assédio sexual (persistência e desvio profissional)</li> <li>- Pressões de gênero (maternidade)</li> <li>- Machismo e estereótipo</li> <li>- Cultura Misógina</li> <li>- Resistência à liderança feminina no ambiente acadêmico</li> </ul>	Aborda disparidades no tratamento entre homens e mulheres em diversos contextos acadêmicos.
Atitudes machistas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mansplaining</li> <li>- Bropropriating</li> <li>- Gaslighting</li> <li>- Sexismo</li> </ul>	Engloba situações de mansplaining, bropropriating, gaslighting e sexismo.
Desafios na Maternidade e Carreira Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sobrecarga feminina</li> <li>- Desigualdades na valorização de tempos e espaços</li> <li>- Pressões de gênero na maternidade e carreira acadêmica</li> <li>- Desafios da maternidade no ambiente acadêmico</li> </ul>	Explora as dificuldades enfrentadas por mulheres ao conciliar a maternidade e carreira acadêmica.
Violência Institucional e Subcategorias	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Assédio moral</li> <li>- Abuso de poder</li> </ul>	Incluir assédio moral e abuso de poder dentro da instituição acadêmica.
Impacto na Produção Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sobrecarga feminina</li> <li>- Desigualdade de gênero</li> </ul>	Efeitos de sobrecarga feminina e desigualdade de gênero na produção acadêmica.

Fonte: A autora, 2023.

Para respondermos nossos objetivos de pesquisa, buscamos investigar e compreender a presença, quando existente, das diferentes formas de violência no discurso das professoras de ensino superior; revelar as principais condições às quais as professoras de ensino superior estão submetidas, considerando as diferentes violências sofridas; e demonstrar, por meio dos dados coletados, o modus operandi das violências cometidas contra as professoras de ensino superior.

Ao explorar essas questões, foi possível identificar padrões sistêmicos, compreender as nuances das experiências vivenciadas e fomentar uma reflexão crítica sobre os desafios específicos enfrentados pelas mulheres em suas trajetórias profissionais.

Atualmente, as mulheres estão cada vez mais presentes no mercado de trabalho, mas a garantia de seus direitos e as possíveis disparidades entre homens e mulheres no ambiente profissional suscitam questionamentos. Portanto, em nossa análise final, percebemos a presença significativa e diversificada de formas de violência no discurso das professoras de ensino superior. As categorias finais agrupam-se em torno de temas amplos, mas que permitem uma compreensão específica dos desafios enfrentados pelas professoras.

Ao buscar investigar e compreender a presença das diferentes formas de violência, foi possível identificar nas narrativas das professoras (P1 à P6) as diversas formas de violência de gênero presentes no ambiente acadêmico. A identificação de casos de assédio moral, assédio sexual, manterrupting, bropropriating, discriminação de gênero e estereótipos demonstram a complexidade e a amplitude dessas violências. O silenciamento das vozes femininas, conforme observado na fala da professora (P1), destaca a necessidade de reconhecer a dinâmica sistemática que perpetua a marginalização das mulheres no ambiente acadêmico.

Nos propondo a revelar as principais condições às quais as professoras estão submetidas, verificamos que além das violências consideradas explícitas, as professoras também lidam com desigualdades estruturais, pressões relacionadas à maternidade e estigmatização de escolhas relacionadas ao equilíbrio entre carreira e vida pessoal. Ao analisarmos tais condições, entendemos que existem expectativas desproporcionais e disparidades de tratamento baseadas no gênero que geram sobrecarga e desafios significativos.

Por fim, demonstrar, por meio dos dados coletados, o modus operandi das violências cometidas contra as professoras. Evidenciamos alguns padrões sistêmicos, onde a hierarquia de poder na academia é frequentemente explorada para perpetrar violências. A naturalização de comportamentos inadequados, a minimização do assédio sob a justificativa de brincadeiras e a apropriação intelectual destacam como as dinâmicas de poder operam para perpetuar a

desigualdade de gênero. Além disso, as pressões relacionadas à maternidade e a falta de suporte institucional demonstram a presença de violência institucional.

Em conjunto, as categorias e subcategorias fornecem uma visão das diferentes formas de violência presentes no discurso das professoras, revelando as principais condições às quais estão submetidas e demonstrando o modus operandi dessas violências.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência contra professoras no ensino superior não se limita a formas explícitas de agressão, também engloba manifestações veladas, como assédio moral e a discriminação. Ao conduzir as entrevistas, foi possível observar que algumas professoras já vivenciaram experiências que podem ser caracterizadas como formas de violência. No entanto, percebe-se um certo receio por parte das entrevistadas em rotular essas situações explicitamente como violência. Essa relutância em categorizar tais incidentes pode refletir a complexidade e nuances associadas às vivências dessas profissionais, indicando a necessidade de uma abordagem sensível e compreensiva ao analisar os desafios enfrentados por elas no contexto acadêmico.

A pesquisa revela a presença contínua de estruturas patriarcais e atitudes machistas que permeiam a sociedade e, conseqüentemente, as instituições acadêmicas. O patriarcado, influencia as dinâmicas de poder e as relações de gênero dentro do ambiente acadêmico, o que se traduz em desigualdades e violências direcionadas às professoras.

O machismo se manifesta por meio de atitudes discriminatórias, estereotipadas e preconceituosas, que desvalorizam o trabalho e as habilidades das mulheres no ensino superior. A cultura misógina também contribui para a violência contra professoras, normalizando comportamentos e atitudes que desvalorizam e restringem suas possibilidades de crescimento profissional.

Os dados revelam a urgência de abordar as questões de gênero no ambiente acadêmico. As professoras enfrentam não apenas desafios profissionais, mas também lutam contra estruturas de desigualdade e discriminação. As soluções propostas devem buscar transformações estruturais que promovam a equidade de gênero, reconhecendo e desafiando as normas que perpetuam a violência contra as mulheres na academia. Portanto, é necessário que sejam adotadas políticas de combate à violência de gênero, a conscientização sobre o impacto do machismo e a implementação de mecanismos efetivos para lidar com casos de violência e discriminação.

Para pesquisas futuras, sugere-se investigar a eficácia de programas de conscientização e formação sobre violência de gênero destinados tanto aos membros da comunidade acadêmica quanto à liderança institucional, visando criar um ambiente mais inclusivo e equitativo. Além disso, é crucial avaliar a presença e efetividade dos mecanismos de apoio e denúncia disponíveis para professoras que enfrentam violência no contexto acadêmico, propondo aprimoramentos e ajustes conforme necessário.



## REFERÊNCIAS

AGUIAR, N. **“Patriarcado”**. In: FLEURY-TEIXEIRA, Elizabeth (org.) Dicionário feminino da infância. Rio de Janeiro, Editora Fundação Oswaldo Cruz, 2015.

ALMEIDA FILHO, N. **O campus universitário como campo (de pesquisa)**. In: Observatório da vida estudantil: estudos sobre a vida e culturas universitárias. Georgina dos Santos; Sonia Maria Rocha Sampaio (Org.). Salvador: Edufba, 2012.

ATLAS da Violência 2019. **Violência contra a mulher**. IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/6363atlasdaviolencia2019completo.pdf>> Acesso em: 13 set. 2022.

AZEVEDO, M.A. & GUERRA, V.N.A. **Violência doméstica na infância e na adolescência**, SP, Robe, 1995.

BBC. British Broadcasting Corporation. **Mutilação genital feminina: o que é e por que ocorre a prática que afeta ao menos 200 milhões de mulheres**, 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47136842>>. Acesso em 13 jul. 2023.

BEAUVOIR, S. **O Segundo sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 10. ed. Rios de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas Para as Mulheres. Secretaria de enfrentamento à violência contra as mulheres (Org.). **Política nacional de enfrentamento à violência contra as mulheres**. Brasília: Presidência da República; 2011.

BRODSKY, C. M. **The harassed worker**. Toronto: Lexington Books, 1976.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**/22ª ed. tradução de Renato Aguiar. 22ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

CÂMARA MUNICIPAL DE PIRACICABA. HINTZE, H. **Machismo estrutural: palestra aborda maneiras de identificar opressão**. Disponível em: <<https://m.camarapiracicaba.sp.gov.br/machismo-estrutural-palestra-aborda-maneiras-de-identificar-opressao-57979>>. Acesso em 20 set. 2022.

CARAN, V; SPOTI, C; DE OLIVEIRA SECCO, I. A; BARBOSA, D. A; ROBAZZI, M. L. C. C. **Assédio moral entre docentes de instituição pública de ensino superior do Brasil**. Acta Paulista de Enfermagem, vol. 23, núm. 6, 2010, pp. 737-744 Escola Paulista de Enfermagem São Paulo, Brasil.

CARVALHO, C. S; FERREIRA, D. N; SANTOS, M. K. R. **Analisando a Lei Maria da Penha: a violência sexual contra a mulher cometida por seu companheiro.** Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas, ISSN 2177-8248 Universidade Estadual de Londrina, 2010.

CFESS. CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Machismo.** Brasília (DF), 2019. (Série de Cadernos: Assistente Social no Combate ao Preconceito, nº 6). Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-Caderno06-Machismo-Site.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2023.

COMISSÃO DE PREVENÇÃO DOS ASSÉDIOS MORAL E SEXUAL DA UFAC. **Por um ambiente institucional saudável.** Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2020.

CUNHA, B. M. **Violência contra a mulher, direito e patriarcado:** perspectivas de combate à violência de gênero, 2014.

DA CRUZ, J. O. **Mulher na ciência: representação ou ficção.** 2007. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DANTAS, D. H. C. **Assédio moral na carreira docente.** 2018. Dissertação (Mestrado profissional em Teologia) - Faculdade EST, São Leopoldo - RS, 2018.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. **Psicologia das habilidades sociais, terapia, educação e trabalho.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

DEL PRIORE, M. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil.** São Paulo: Planeta, 2011, p. 254.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. **Lise Meitner.**

Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Lise-Meitner>>. Acesso em: 12 nov 2022.

FIGUEIREDO V. C. N; SILVA Q. E. F; SANTANA F. A. L. Assédio moral e gênero na universidade pública: ressonâncias do produtivismo no trabalho docente. **Rev on line Polit Gest Educ.** 2020; 24(3):1841-55.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

FUENTES-VASQUEZ, L. Y. Cuentos que no son cuentos: acoso sexual, violencia naturalizada en las aulas universitarias. **Nómadas [online].** 2019, n.51, pp.135-153. ISSN 0121-7550.

FUKUDA, Rachel Franzan. Assédio sexual: uma releitura a partir das relações de gênero. **Revista Simbiótica, UFES,** v. ún., n.01., jun./2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/4512>>. Acesso em: 24 out. 2023.

FREITAS; HELOANI, R.; BARRETO, M. **Assédio moral no trabalho.** São Paulo: Cengage Learning, 2008.

- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- HELOANI, J. R. Contribuições da psicologia do trabalho em casos de assédio moral. In: SOBOLL, L. A. (Org.). **Violência psicológica no trabalho e assédio moral: pesquisas brasileiras**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.
- HERNÁNDEZ-ROSETE, D; GÓMEZ-PALACIOS, J. C . Ser mulher e estudar leis: abordagens antropológicas do assédio e sua resistência em uma universidade pública da Cidade do México. **Cad. Saúde Pública (Online)**; 37(2): e00024620, 2021. Artigo em Espanhol | LILACS | ID: biblio-1153696. Biblioteca responsável: BR1.1
- HIRIGOYEN, M. F. **Assédio moral: a violência perversa no cotidiano**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <[https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=series-historicas&utm\\_source=landing&utm\\_medium=explica&utm\\_campaign=desemprego](https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=series-historicas&utm_source=landing&utm_medium=explica&utm_campaign=desemprego)>. Acesso em 20 fev. 2023.
- JUNQUEIRA, Luiz Augusto Costacurto. **Gerente total: como administrar com eficácia no século XXI**. São Paulo, Gente, 1996.
- LÊ BRETON, D, 1953 - **A sociologia do corpo** / David Lê Breton; 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- LERNER, G. **A criação do patriarcado: história de opressão das mulheres pelos homens**. Tradução Luiza Sellera. - São Paulo: Cultrix, 2019.
- MAINARDES, J. A pesquisa no campo da política educacional: perspectivas teórico-epistemológicas e o lugar do pluralismo. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 1-20, 2018.
- MAITO D. C; PANÚNCIO-PINTO M. P; VIEIRA E. M. Violência interpessoal no ambiente acadêmico: percepções de uma comunidade universitária. **Interface (Botucatu)**. 2022; 26: e220105.
- MANNE, K. **Down girl, the logic of misogyny**. New York: Oxford University Press, 2018.
- MANSUR, L. H. B. Experiências de mulheres sem filhos: a mulher singular no plural [Versão Eletrônica]. **Psicologia, ciência e profissão**, 23(4) 2-11, 2003.
- MARGARIDA N. S; MARTINS, M. O assédio moral de professores praticado por alunos nas (IES) públicas e a omissão social sobre o tema. **Revista de direito do trabalho, processo do trabalho e direito da seguridade social**, 1(2), 2019.

MAIA, E. H. G.; Quirino, R. Violência simbólica de gênero: estudo comparativo sobre o ambiente acadêmico em escolas de educação profissional e tecnológica. *REVES - Revista Relações Sociais*, 4(2), 10422–01, 2021.

MAITO, D. C; VIEIRA, E. M; KONNO, K. M. **Violência de gênero na universidade**. Ribeirão Preto: USP, 2017.

Disponível em: <[http://uspmulheres.usp.br/wpcontent/uploads/sites/145/2017/04/Vers%C3%A3o\\_final.pdf](http://uspmulheres.usp.br/wpcontent/uploads/sites/145/2017/04/Vers%C3%A3o_final.pdf)>. Acesso em: 2 nov. 2023.

MARTÍNEZ-LOZANO, C. P. Las instituciones de educación superior y el mandato de masculinidad\*. *Nómadas*, núm. 51, p. 117-133 Universidad Central, 2019.

MERUANE, L. **Contra os filhos: uma diatribe**. Tradução: Paloma Vidal. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2018. 176 p.

MIRANDA DOS SANTOS, C. M C. O assédio moral ascendente nas instituições de ensino superior privadas. *Revista De Direito Do Trabalho, Processo Do Trabalho E Direito Da Seguridade Social*, 1 (2), 2019.

MIZRAHI S. S. Mulheres na física: Lise Meitne. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 27, n. 4, p. 491 - 493, (2005).

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbef/a/WfywcNbK5v6hZNgRDvJCpz/?lang=pt&format=pdf>>.

Acesso em: 24 mai. 2023.

MORAES, R; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. *Ciência educ.* [online]. 2006, vol.12, n.01, pp.117-128. ISSN 1516-7313.

MOREIRA, M. A. Linguagem e aprendizagem significativa. **Conferência de encerramento do IV Encontro Internacional sobre Aprendizagem Significativa**, Maragogi, AL, Brasil, 8 a 12 de setembro de 2003.

MOTERANI, Geisa Maria Batista; CARVALHO, Felipe Mio de. Misoginia: a violência contra a mulher numa visão histórica e psicanalítica. *Avesso do avesso*, v. 14, n. 14, p. 167-178, novembro 2016.

MOVIMENTO MULHER 360 - Movimento empresarial pelo desenvolvimento econômico da mulher. **Glossário Antimachista** [Ebook 10]. 2021.

Disponível em: <[https://movimentomulher360.com.br/wpcontent/uploads/2021/10/AF\\_eBooksMM360\\_GlossarioAntiMachista-1.pdf](https://movimentomulher360.com.br/wpcontent/uploads/2021/10/AF_eBooksMM360_GlossarioAntiMachista-1.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2023.

NARVAZ, M.; KOLLER, S.H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*; 18 (1): 49-55; jan/abr. 2006.

NASCIMENTO, L. **Transfeminismo**. São Paulo; Editora Jandaíra, 2021.

NORONHA, D. P; FERREIRA, S. M. S. P. Revisões de literatura. In: CAMPELLO, B. S.; CONDÓN, B. V.s; KREMER, J. M. (Org.). *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

ODALIA, N. **O que é violência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

OLIVEIRA, L. R. C. Existe violência sem agressão moral? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 67, p. 135-146, jun. 2008.

Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/YmSpRVMkLsSTJW5Kdf6bLdB/#>>. Acesso em 11 set. 2023.

OLIVEIRA, V. A. M. de. **Deixe para os meninos: gênero e desistência na ciência e na tecnologia**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário). Universidade Estadual do Centro Oeste, Irati, 2019.

ONU. **Organização das Nações Unidas**, 2022.

Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2023/05/1813732>>. Acesso em 01 jul. 2023.

ONU. **Organização das Nações Unidas**, 2023.

Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2023/05/1813732>>. Acesso em 01 jul. 2023.

ONU - NEWS. **Organização das Nações Unidas - News**. A jornada da ativista Jaha Dukureh contra a mutilação genital feminina e o casamento infantil, 2022. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=V\\_W2oUkjPGk](https://www.youtube.com/watch?v=V_W2oUkjPGk)>. Acesso em 01 jul. 2023.

PAIXÃO, R. B.; MELO, D. R. A.; SILVA, J. C. S.; CERQUINHO, K. G. Por que ocorre? Como lidar? A percepção de professores de graduação em Administração sobre o assédio moral. **RAUSP Management Journal**, v. 48, n. 3, p. 516-529, 2013.

RAIMONDO, M. L. **O corpo feminino invadido: as marcas da violência sexual desveladas pela enfermeira**. 2015. Doutorado em Enfermagem - Universidade Federal do Paraná.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** - Belo Horizonte: Letramento, 2019.

RODRIGUES, M; DE FREITAS, M. E. Assédio moral nas instituições de ensino superior: um estudo sobre as condições organizacionais que favorecem sua ocorrência. **Cadernos EBAPE.BR**, 12(2), 284 a 301, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**. (16), 2001, p. 115-136.

SAINI, A. **Inferior é o caralho**. Tradução de Giovanna Louise Libralon. - Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2018.

SARDENBERG, C. M. B.; MACEDO M. S. **Relações de gênero: uma breve introdução ao tema**. In: Costa, A. A. A.; Rodrigues, A. T.; Vanin, I. M (orgs.). Ensino e gênero: perspectivas transversais. Salvador: NEIM/UFBA, 2011. p.33-48.

SANTINI, R. M.; CAMELIER, J. Devir mulher, sexualidade e subjetividade: aproximações entre Deleuze & Guattari e Pierre Bourdieu sobre a construção social dos corpos. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 19, 2015.

Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/26204>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SANTOS, C. M.; IZUMINO, W. P. **Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil**. 2005. Disponível em: <<http://eial.tau.ac.il/index.php/eial/article/view/482>>. Acesso em: 12 set. 2023.

SANTOS, P. M. G. **Uma análise dos atos de assédio moral contra as docentes da esfera pública municipal de João Pessoa frente ao contexto social, político e educacional**. 2022. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2022.

SAYURI, Juliana; SICURO, Rodrigo. **Abusos no campus: mais de 550 mulheres foram vítimas de violência sexual dentro de universidades desde 2008**. The Intercept, 2019. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/12/10/mais-de-550-mulheres-foram-vitimas-de-violencia-sexual-dentro-de-universidades/>>. Acesso em: 25 set. 2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

SILVA, J. M. S.; CARDOSO, V. C.; ABREU, K. E.; SILVA, L. S. A FEMINIZAÇÃO DO CUIDADO E A SOBRECARGA DA MULHER-MÃE NA PANDEMIA. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 8, n. 3, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42114>>. Acesso em: 18 out. 2023.

SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim**. Tradução Isa Mara Lando. São Paulo: Cultrix, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010. 135 p.

TEIXEIRA, N. R. M. **Identificação de assédio moral em professores universitários**. 2014. 64 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2014.

TELES, M. A. A; MELO, M. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo. Brasiliense. 2002.

TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO. **Cartilha de prevenção ao assédio moral: por um ambiente de trabalho mais positivo**. Brasília: TST, 2019.

TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO. **Desigualdade salarial entre homens e mulheres evidencia discriminação de gênero no mercado de trabalho**. Brasília: TST, 2023. Disponível em: <<https://www.tst.jus.br/-/desigualdade-salarial-entre-homens-e-mulheres-evidencia-discrimina%C3%A7%C3%A3o-de-g%C3%AAnero-no-mercado-de-trabalho>> Acesso: 04 jun. 2023.

**APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA**

## Roteiro

### 1. Introdução

- **Explicar o propósito do estudo**
- **Me apresentar e explicar o meu papel no projeto de pesquisa.**

## Contexto das participantes

### 2. Perguntas iniciais sobre a entrevistada:

#### 2.1 Qual a sua idade?

#### 2.2 Qual a sua identidade de gênero?

( ) Mulher cis; ( ) Mulher trans; ( ) Não binário; ( ) Queer ; Outra: \_\_\_\_\_.

#### 2.3 Qual a sua orientação sexual?

( ) Assexual; ( ) Bissexual; ( ) Heterossexual; ( ) Homossexual; ( ) Pansexual;  
( ) Queer; Outra: \_\_\_\_\_.

#### 2.4 Conforme as categorias do IBGE, você diria que sua cor/raça/etnia é:

( ) Branca; ( ) Preta; ( ) Parda; ( ) Amarela; ( ) Indígena.  
Qual etnia? (opcional).

## Dados sobre segurança

**As perguntas a seguir referem-se à situação de desrespeito, humilhação, discriminação, intimidação ou outra violência que acontece/aconteceu com você dentro do campus, ou em eventos relacionados à instituição.**

A violência de gênero se define como qualquer tipo de agressão física, psicológica, sexual ou simbólica contra alguém em situação de vulnerabilidade devido a sua identidade de gênero ou orientação sexual.

### 3. Como você definiria a violência de gênero, como ela ocorre?

#### 3.1 De um modo geral, os ambientes em que você mais circula ou frequenta na UEPG são espaços onde você sente segurança? Por quê, o que você considera seguro?

Ex: espaços educacionais, de convivência, de circulação.



## Dados sobre violências

O assédio moral: de natureza psicológica, ofensa à personalidade, à dignidade ou à integridade psíquica ou física.

O assédio sexual caracteriza-se por constranger alguém, com o fim de obter vantagem ou favorecimento sexual.

**4. Você poderia compartilhar em poucas palavras como se caracteriza o assédio moral e o sexual? Qual a diferença entre eles, digamos o intuito de cada um?**

**5. Você foi vítima de assédio moral ou sexual? Se sim, qual?**

assédio moral;  assédio sexual;  ambos.

**5. Considerando que você sofreu algum tipo de violência, qual a sua proximidade com o agressor?**

Desconhecido(a);  Colega;  Amigo(a);  Professor(a);  Coordenador(a);  Funcionário(a);  Pessoa externa à Universidade;  Outros\_\_\_\_\_.

**6. Qual o gênero do agressor?**

**7. Em que lugar ou tipo de espaço tal situação ocorreu? (do campus).**

\_\_\_\_\_.

**8. Com que frequência ocorre/ocorria:**

Uma vez/fato pontual;  Duas ou três vezes;  Quatro ou mais.

**9. Quando aconteceu (se mais de uma) qual foi a última vez:**

Este ano;  No ano passado;  De 1 a 2 anos atrás;  De 2 a 3 anos atrás;  De 3 a 5 anos atrás;  De 5 a 7 anos atrás;  De 7 a 10 anos atrás;  Há mais de 10 anos.

## Dados sobre assédio sexual

**10. Existem algumas tipologias a respeito do assédio sexual, por exemplo, ele pode ocorrer das seguintes maneiras:**

- Verbal; Visual; Física; Convite direto; Redes sociais.

**\*Alguma dessas categorias se encaixa em alguma situação que você foi exposta?\***

**11. Já recebeu cantada de alguém do seu convívio de trabalho?**

( ) sim

( ) não

Como aconteceu? \_\_\_\_\_.

**12. Já se sentiu desconfortável, coagida em atividades de pesquisa? Poderia descrever como aconteceu?**

**13. Sofreu agressões obscenas ou degradantes, onde elogiavam constantemente seus atributos físicos de forma constrangedora? Você se lembra como ocorreu?**

## Dados sobre os machismos sofridos

A seguir comentar alguns **termos** que dizem respeito a alguns dos **comportamentos machistas** que circundam as relações pessoais/profissionais.

**GASLIGHTING** – O termo é usado para designar uma forma de **abuso psicológico** em que o homem **faz a mulher duvidar do seu raciocínio**, até mesmo sanidade.

**MANSPLAINING** – O termo é uma junção de “man” (homem) e “explaining” (explicar). Acontece quando um homem usa seu tempo para **explicar algo que é óbvio para a mulher**, de forma didática, como se ela não fosse capaz de entender.

**MANTERRUPTING** – A palavra é uma junção de “man” (homem) e “interrupting” (interrupção). Acontece quando **o homem interrompe várias vezes a fala de uma mulher, de maneira desnecessária**, não permitindo que ela consiga prosseguir com seu raciocínio e concluir sua frase.

**BROPRIATING** – O termo é uma junção de “bro” (de brother, irmão, mano) e “appropriating” (apropriação). Acontece **quando o homem se apropria da mesma ideia** já expressada ou realizada anteriormente por **uma mulher**, levando os créditos por ela.

**14. Considerando os 4 termos explicados, você já se viu em alguma dessas situações? Se sim, qual? E em qual/quais ambientes?**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

O sexismo consiste em atos e discursos que ofendem, agridem ou diminuem as pessoas de um gênero, particularmente ao feminino. **LIGAÇÃO COM ESTEREÓTIPOS.**

**15. Considerando suas vivências na universidade, você já presenciou algum comentário sexista? Se sim, qual/quais?**

Ex: I. “Os homens são mais inteligentes que as mulheres”;

II. “Lugar de mulher não é na Universidade”;

Algum outro: \_\_\_\_\_.

**16. A existência de estereótipos de gênero na sociedade contribui para casos de violência? Se sim, de que maneira?**

**17. Você tem filhos?**

**18. Diante do contexto em que vivemos, você acha que a maternidade impacta na carreira docente? Em termos de produtividade.**

**19. Quais as maiores dificuldades em conciliar as demandas da universidade com a maternidade?**

**20. Você é casada com professor universitário?**

**21. As demandas de casa são diferentes?**

### **Dados sobre assédio moral**

**22. Recebeu críticas exageradas ou injustas sobre o seu trabalho acadêmico ou esforço? Você se lembra quais foram essas críticas?**

**23. Houve supervisão excessiva de seu trabalho acadêmico? Como você percebeu essa situação, foi de imediato?**

**24. Foi humilhada ou ridicularizada em relação ao seu trabalho? De que forma isso ocorreu?**

**25. As suas opiniões e pontos de vista já foram ignorados? Em quais situações?**

**20. Você já deixou de fazer algo que deveria ou que gostaria de ter feito na instituição (atividades acadêmicas, de convivência ou qualquer outra) por motivos de insegurança, medo, constrangimento, julgamento ou outra questão? Poderia relatar por gentileza?**

**21. Caso tenha respondido afirmativamente, há quanto tempo dura (ou quanto tempo durou) esse conjunto de situações de que foi vítima?**

( ) Alguns dias; ( ) Algumas semanas; ( ) Alguns meses; ( ) Um ano ou mais. □

**22. Qual o gênero do agressor na maioria das ocorrências?**

**23. Você teve apoio de alguém ao longo do tempo? Caso sim, por parte de quem?**

**24. Você denunciou o ocorrido?**

\_\_\_\_\_.

**25. Se você se sentir confortável para compartilhar, como essas violências impactaram na sua vida? Você acha que alterou sua autoestima, foi gatilho para ansiedade, depressão, afetou sua produtividade...**

### **Encerramento**

- Oportunizar um espaço para que o entrevistado possa compartilhar ou colocar questões adicionais sobre o tema.
- Agradecer a participação e explicar como os dados serão utilizados no contexto do projeto de pesquisa.

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA (UEPG)

**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS - CEP/UEPG**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Convidamos a Sra/senhorita para participar da Pesquisa - Violências veladas e manifestas contra a mulher: as experiências de professoras em uma instituição de ensino superior”, sob a responsabilidade da pesquisadora Alexia Fagundes de Lara, a qual pretende identificar a presença e, se for o caso, mapear as diferentes formas de violência presentes no discurso das professoras de ensino superior. Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista semiestruturada.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa se referem ao possível cansaço ao responder as perguntas, porém, durante a coleta de dados serão minimizados os fatores de desconfortos, de maneira que será garantido local reservado e liberdade para não responder questões que se julgue constrangedoras, será garantido absoluto sigilo.

Se depois de consentir a sua participação a Sra/senhorita desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. A Sra/senhorita não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Entretanto, caso a Sra/senhorita tenha alguma despesa recorrente desta pesquisa será totalmente ressarcida.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a sua identidade não será divulgada, uma vez que será guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, a Sra/senhorita poderá entrar em contato com a pesquisadora no seguinte endereço: Av. Dr. Vicente Machado, nº 522 - apartamento: 124, CEP: 84.010-912, Bairro: Centro, pelo telefone: 42988668588, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Ponta Grossa – CEP/UEPG, Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvararanas, Bloco da Reitoria, sala 22, Ponta Grossa, Paraná, CEP: 84.030-900, telefone: (42) 3220-3282. O e-mail do CEP/UEPG é: propespsecretaria@uepg.br

**CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_, fui informada sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e compreendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias originais, as quais serão assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada uma de nós.

\_\_\_\_\_  
Assinatura ou impressão datiloscópica da participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador responsável

Data: \_\_\_\_\_

**ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA**

Continuação do Parecer: 6.155.709

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

**Recomendações:**

Verificar o cronograma de execução

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Todos os termos de apresentação obrigatória estão corretamente preenchidos e anexado neste processo;

O ROTEIRO DA ENTREVISTA com as 33 perguntas a serem realizadas encontra-se anexado a proposta enviada.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2151205.pdf	29/05/2023 18:13:34		Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevista.docx	29/05/2023 18:13:16	Alexia Fagundes de Lara	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	29/05/2023 18:12:54	Alexia Fagundes de Lara	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado.docx	29/05/2023 18:12:28	Alexia Fagundes de Lara	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.docx	29/05/2023 18:11:12	Alexia Fagundes de Lara	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvaranas, Bloco da Reitoria, sala 22  
 Bairro: Uvaranas CEP: 84.030-900  
 UF: PR Município: PONTA GROSSA  
 Telefone: (42)3220-3282 E-mail: propespsecretaria@uepg.br